

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Ronaldo, Copa do Mundo e o Jornal Lance!:
Um estudo de caso na relação entre ídolo e jornalismo esportivo

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007

Felipe de Oliveira Mendes

Ronaldo, Copa do Mundo e o Jornal Lance!:
Um estudo de caso na relação entre ídolo e jornalismo esportivo

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado
como requisito para obtenção de grau de
Bacharel em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora
Fevereiro de 2007

Agradeço

Aos meus pais, Toninho e Olga, que independente de qualquer coisa souberam me ensinar mais do que qualquer professor. E também por terem me dado a oportunidade de ter tido professores, me apoiarem nas minhas escolhas e torcessem pelo meu sucesso.

À minha família. Minha irmã, meus avós, tios e primos, que sempre se interessaram e respeitaram tudo aquilo que fiz nessa carreira profissional que agora começa.

Ao professor e amigo Márcio Guerra, pela confiança depositada, pela amizade, pelos grandes ensinamentos e pela paciência na orientação deste trabalho.

Aos grandes professores e amigos que encontrei na faculdade e nos estágios.

À Tuca, grande referência.

Ao Ricardo Bedendo e ao Paulo Roberto, pelos grandes ensinamentos mesmo fora de aula e pela gentileza em aceitar o convite para fazer parte da banca.

À Meg, pela “humanização” da Direção da Faculdade e pelos muitos galhos quebrados.

Aos funcionários, principalmente Jocemar e Gilmar, pela paciência com que sempre atenderam a cada um de nós, alunos.

À Haydée, pelas inúmeras consultorias e pela capa do trabalho.

Ao João Paulo, pelo companheirismo, pelas caronas, pelo scanner. Ao Sérgio pelas risadas e pelas ligações fora de hora. Ao Thiago pela cumplicidade.

Aos demais amigos, da faculdade e de fora, que fizeram com que as coisas fossem menos chatas.

Dedico esse trabalho a todas pessoas a quem
agradei na página anterior e a mais algumas.

Sou Ronaldo
Nasci no Rio de Janeiro
Alô-alô, Bento Ribeiro, minha área
Eu sou Ronaldo
Jogo na linha, a nove é minha
Ninguém tasca eu vi primeiro
Artilheiro, eu sou Ronaldo
O meu desejo é ser criança
E não perder a esperança de ver o jogo mudar
Eu sou Ronaldo
A minha fome é de bola
A minha sede é de gol
Balança a rede, eu sou Ronaldo
Sou de suar minha camisa
Conquistar minha divisa
Eu já provei que eu sou Ronaldo
E se você não acredita que eu não sou de fazer fita
É só esperar pra ver.

Ro... ô, ô, ô... naldo é gol
Ro... ô, ô, ô... naldo é gol

Marcelo D2

Análise da cobertura do jornal esportivo *Lance!* durante a Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha. Foco em matérias, fotos, artigos, crônicas e charges que tinham como tema o atacante Ronaldo, um dos principais jogadores da Seleção Brasileira, e na variação do enfoque destes depois de cada atuação do jogador em partidas do torneio. O grande objetivo da pesquisa é fazer um estudo de caso da relação entre os grandes ídolos do esporte e os veículos de comunicação. Mostrar até que ponto a carreira e a história de um atleta podem influenciar na forma com que os fatos ligados a ele são tratados em um jornal impresso. Comparar as impressões pessoais de editores do jornal com o que foi publicado nas edições que chegaram às bancas. Além disso, fizemos um resgate histórico do futebol no Brasil e no Mundo, da carreira de Ronaldo, do jornalismo esportivo no Brasil e do Jornal *Lance!*. Palavras-chave: Jornalismo Esportivo, Copa do Mundo, Ídolos do Esporte.

1 INTRODUÇÃO

2 O FUTEBOL

2.1 HISTÓRIA

2.2 HISTÓRIA DAS COPAS DO MUNDO

2.3 FUTEBOL NO BRASIL

3 MÍDIA E JORNALISMO ESPORTIVO

3.1 HISTÓRICO DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

3.2 O JORNAL *LANCE!*

3.3 O *PROJETO COPA DO LANCE!*

4 RONALDO

4.1 HISTÓRIA

4.2 AS COPAS DO MUNDO DE 1994, 1998 E 2002

4.3 A COPA DO MUNDO DE 2006

5 COPA DO MUNDO 2006 – RONALDO E O JORNAL *LANCE!* – ESTUDO DE CASO

5.1 DE 7 A 13 DE JUNHO – POLÊMICAS E EXPECTATIVA

5.2 DE 14 A 18 DE JUNHO – RONALDO ENGORDA

5.3 DE 19 A 22 DE JUNHO – MENOS CRITICADO, OFICIALMENTE GORDO

5.4 DE 23 A 27 DE JUNHO – E AGORA, O QUE DIZER?

5.5 DE 28 DE JUNHO A 1º DE JULHO – O QUE IMPORTA É O RECORDE

5.6 OS DIAS APÓS A ELIMINAÇÃO DO BRASIL – À CAÇA DE EXPLICAÇÕES

6 CONCLUSÃO

7 REFERÊNCIAS

8 APÊNDICE

1 INTRODUÇÃO

Vivemos no “país do futebol”. Aliás, não apenas isso. O Brasil é o “país dos 180 milhões de treinadores. Todos sabem o que é melhor para o seu clube de coração, e principalmente para a Seleção Brasileira. Vivemos também no país dos jornalistas. Não é difícil encontrar uma pessoa que olhe com desprezo para um jornalista formado (ou em formação) e diga: “Diploma para jornalista? Escrever em jornal qualquer um pode!”. Conclui-se então que a profissão de jornalista esportivo é uma das mais visadas do país. Qualquer um pode escrever em jornal, qualquer um entende de futebol”.

O dia-a-dia do jornalista esportivo é complicado. O profissional da área, além de lidar com as dificuldades que são inerentes à profissão em geral, ainda tem que ouvir críticas vindas de todos os lados, das pessoas que avaliam diariamente o seu trabalho. Esse trabalho pretende ser mais um desses “críticos”, e avaliar uma situação específica.

Esta monografia se propõe a analisar a forma com que os ídolos são tratados pela mídia impressa esportiva, verificando como o desempenho destes atletas se reflete nos textos e fotos publicados. Para isso, foi feito um estudo de caso da cobertura da Copa do Mundo de 2006 no diário esportivo *Lance!*, com foco em matérias, artigos e fotos que se referem direta ou indiretamente ao atacante brasileiro Ronaldo “Fenômeno”.

Por quê Ronaldo? Na Copa do Mundo de 2002, ele marcou oito gols, se tornando o artilheiro máximo e fazendo parte, com grande destaque, da equipe brasileira que conquistou, àquela altura, seu quinto título, se consolidando então como a maior vencedora do torneio, com cinco conquistas, duas a mais que seus principais concorrentes (Itália e Alemanha, que tinham vencido três Copas). Ronaldo, que marcou dois gols na partida final, contra a seleção da Alemanha, foi louvado, juntamente com a seleção brasileira, no próprio jornal *Lance!*, na edição

que encerrou a cobertura da Copa do Mundo de 2002, quando até o título das matérias relativas à cobertura da conquista do título brasileiro se referiam ao jogador.

Desde o início da faculdade o meu interesse principal foi pelo jornalismo esportivo. Aliás, foi o interesse pelo esporte que me fez ter interesse por jornalismo. Sempre li muitos jornais especializados em esporte e cadernos esportivos dos outros veículos, e algumas coisas sempre me intrigaram. As mudanças de tratamento de acordo com o desempenho dos atletas e o excesso de opinião nos textos são algumas destas questões.

Durante a Copa do Mundo, acompanhando a cobertura nos mais diversos veículos, percebi que Ronaldo sempre tinha um tratamento diferente. Sobre ele se falava mais, e nem sempre o futebol era o assunto. A partir daí, passei a procurar uma forma de avaliar essa diferenciação e as questões levantadas no parágrafo anterior.

As edições do *Lance!*, que já se acumulavam em minha casa, se mostraram um bom objeto de estudos. A cada dia o foco do que se falava sobre Ronaldo era alterado. Quando o atleta se envolveu em uma polêmica com o presidente Lula e o jornal usou sua capa para publicar um editorial sobre o assunto, decidi que o tema da monografia seria este que apresento.

Foram recolhidos os jornais do período de cobertura da Copa do Mundo, começando dois dias antes do torneio e terminando dois dias após o seu encerramento. Além disso, li artigos, livros, teses e monografias que falavam sobre jornalismo esportivo, sobre Ronaldo, sobre jornalismo opinativo e sobre futebol.

Levantei um breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil e do próprio futebol, além de assuntos mais específicos, como a carreira de Ronaldo e a história das Copas do Mundo e do Jornal *Lance!* para o estudo de caso, que me levou às conclusões que apresento no final do texto. Tudo isso, a partir das próximas páginas.

2 O FUTEBOL

Futebol – s.m. (Do ingl. *football*, jogo de bola com o pé). Esporte no qual 22 jogadores, divididos em duas equipes, se esforçam para fazer entrar uma bola de couro na baliza da equipe contrária, sem intervenção das mãos. As primeiras regras foram elaboradas em 1860. (LAROUSSE, 2000: pp. 2607).

A partir dessa definição, ou visto pela TV ou nos estádios, o futebol parece algo simples. Raramente paramos para pensar de onde vieram as dezessete regras desse que hoje é, indiscutivelmente, o esporte mais popular do mundo. A história do futebol é longa, e suas origens são confusas. Muitas teorias discutem a origem do esporte que ganhou força e regras na Inglaterra do final do século XIX. Depois de pesquisa em livros e na internet, vamos expor aquelas idéias que são mais aceitas – ou mais difundidas.

2.1 HISTÓRIA

Entre três e cinco mil anos antes de Cristo. Essa é a estimativa de alguns arqueólogos para a origem de jogos que seriam antepassados do futebol, na China e no Japão. Egípcios e babilônios também teriam “batido bola” no Século X a.C., de acordo com pesquisas arqueológicas.

Os gregos, seguindo sua tradição de pioneirismo, teriam sido os primeiros europeus a chutar bolas por esporte. Vem do século VIII a.C. o *epyskiros*, praticado na cidade grega de Esparta. Militares, divididos em equipes de quinze jogadores, chutavam uma bexiga de boi recheada com areia. A categoria, hoje fundamental para os toques nas levíssimas bolas de couro e material sintético, era dispensável. Vencia quem chutava com mais força.

Os romanos também tiveram sua versão do *epyskiros*, chamada de *harpastum*. Regras rígidas para um jogo disputado em um campo retangular, com posições demarcadas de ataque e defesa, davam cara de treinamento militar ao esporte. Difundido por outras partes do continente europeu por volta do século I a.C., o jogo pode ter sido o primeiro embrião de futebol a chegar à Grã-Bretanha.

O primeiro registro de algo parecido com o esporte a chegar a terras inglesas, porém, data do século XI d.C., quando bolas foram chutadas pelas ruas de várias cidades do país, na comemoração da expulsão de invasores dinamarqueses do país. A bola representava a cabeça de um general do exército do país escandinavo.

A popularização do futebol na Inglaterra não demorou. Isso preocupou algumas autoridades, já que jovens perdiam um tempo que poderia ser dedicado a outras atividades, como o arco-e-flecha, fundamental para um país que era freqüentemente invadido, e passava por guerras constantes. A violência do futebol também era condenada. Àquela altura, socos, pontapés e até pauladas eram comuns nas disputas. Para evitar problemas maiores, o Rei Eduardo II chegou a proibir a prática do esporte no país, no início do Século XIV.

A proibição na Inglaterra durou por mais de 300 anos. Devido a reações como essa, o futebol foi se adaptando, e se tornando um esporte menos violento. Enquanto na Inglaterra o esporte era proibido, em outros países, como a Itália, ele ganhava algumas regras e se popularizava.

Foi só em 1660 a primeira partida “oficial” na Inglaterra. O Rei Carlos II, notando que alguns de seus soldados refugiados na Itália tinham se tornado praticantes assíduos do esporte, determinou que alguns deles o representassem em uma partida contra os servos de um Conde. Alguns teóricos concordam que esse pode ter sido o “pontapé inicial” na história do futebol moderno.

Mais um salto, e chegamos ao Século XIX, quando o sistema de ensino superior da Inglaterra foi reformulado. Alguns esportes foram incluídos na rotina das escolas. Entre eles estava o futebol, que começou a ganhar força nas disputas estudantis. O primeiro clube de futebol do mundo foi criado também por estudantes. Em 1843, uma turma de amigos de medicina fundou o *Guy's Hospital Football Club*, em Londres.

Cada escola, porém, criava regras próprias para a prática do esporte em suas dependências. A grande maioria se baseava no Rugby, um esporte já difundido pelo território inglês. Assim, em alguns locais, era comum os jogadores poderem carregar ou tocar na bola com as mãos.

Representantes de algumas escolas resolveram então se reunir para definir um regulamento único para o futebol. Foram criadas, em 1849, “as regras de Cambridge”. Mais tarde, em 1863, representantes de clubes e associações fundaram a *Football Association*, uma espécie de Federação Nacional de Futebol. A princípio, eram treze regras. Ao longo dos tempos, adaptações foram feitas para que se chegasse às dezessete leis que são conhecidas até hoje.

Nove anos depois da criação da *Football Association*, foi realizada a primeira partida internacional de todos os tempos. O time da Inglaterra viajou à cidade de Glasgow, na Escócia, no dia 30 de novembro de 1872, para uma partida que terminou empatada em 0x0 contra a seleção local.

Mais treze anos, e os ingleses começariam a profissionalizar o futebol. Em 1888, doze clubes disputaram aquele que pode ser considerado o primeiro torneio de futebol da história, a “Football League”. O Preston North End, que hoje disputa a segunda divisão do país, foi o vencedor das duas primeiras temporadas (1888-89 e 1889-90). A Football League existiu até 1992, quando deu lugar à Premier League, a atual primeira divisão da Inglaterra.

Outros dois países que criaram ligas de futebol na mesma época foram Holanda e Dinamarca, que se organizaram em 1889. Antes disso, porém, o futebol já se difundia até mesmo fora da Europa. O primeiro clube fundado fora do Velho Continente foi o *Buenos Aires FC*, fundado em 1865 por imigrantes ingleses na Argentina.

Na Europa, as federações nacionais eram cada vez mais comuns. À medida que o esporte ia se difundindo e ganhando popularidade, os praticantes buscavam se organizar. A FIFA, *Fédération Internationale de Football Association*, entidade máxima do esporte até os dias atuais, foi criada em 1904 por representantes das federações francesa, espanhola, belga, suíça, holandesa, dinamarquesa e sueca. O primeiro grande torneio de futebol entre seleções foi durante os Jogos Olímpicos de 1908. A Grã-Bretanha (que não tinha se filiado à FIFA, e só o faria em 1950, mesmo assim separada em Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales) venceu o torneio, disputado em Londres. Os bretões voltariam a levar a medalha de ouro olímpica quatro anos mais tarde, em Estocolmo, na Suécia.

Até 1909, apenas países Europeus tinham se filiado à FIFA. O primeiro país de fora do continente a se filiar à Federação foi, curiosamente, o país-sede da próxima Copa do Mundo, que vai acontecer em 2010, a África do Sul. Chile e Argentina em 1912, e Estados Unidos, em 1913, seguiram o exemplo. “Esse foi o início das atividades internacionais da FIFA. Tinha sido dado o primeiro passo para a expansão.” (SITE DA FIFA)

A primeira confederação continental criada foi a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), que data de 1916, mesmo ano de fundação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD, hoje Confederação Brasileira de Futebol – CBF). As outras confederações continentais nasceriam bem depois. Em 1954, foram criadas a *Union of European Football Associations* – UEFA (em português: União das Federações de Futebol da Europa) e a *Asian Football Confederation* (AFC, Confederação de Futebol da Ásia).

A *Confédération Africaine de Football* (CAF, Confederação Africana de Futebol) surgiu em 1957; a *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football* (Concacaf, Confederação de Futebol das Américas do Norte e Central e do Caribe) em 1961; e a *Oceania Football Confederation* (OFC, Confederação de Futebol da Oceania), em 1964.

Cada uma dessas federações tem seu torneio continental entre seleções, mas o grande destaque do futebol internacional é a Copa do Mundo, organizada pela FIFA e realizada a cada quatro anos. Atualmente, são 204 federações filiadas à FIFA e um que ainda busca a filiação: Gibraltar, um território britânico no sul da Península Ibérica. Justamente por não ser reconhecido como país pela grande maioria das nações, a filiação de Gibraltar é improvável.

2.2 HISTÓRIA DAS COPAS

Desde sua fundação, em 1904, o objetivo da FIFA era organizar o futebol internacional e um grande torneio entre seleções de seus países filiados. Alguns imprevistos (como a Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918) e a dificuldade de locomoção da época adiaram o sonho.

O terceiro presidente da entidade, o francês Jules Rimet, que assumiu o cargo em 1921, foi o grande entusiasta do torneio e da FIFA. Para se ter uma idéia, nos 33 anos de sua presidência, a FIFA passou de 20 para 85 membros, mesmo com todo o assombro das duas grandes guerras mundiais.

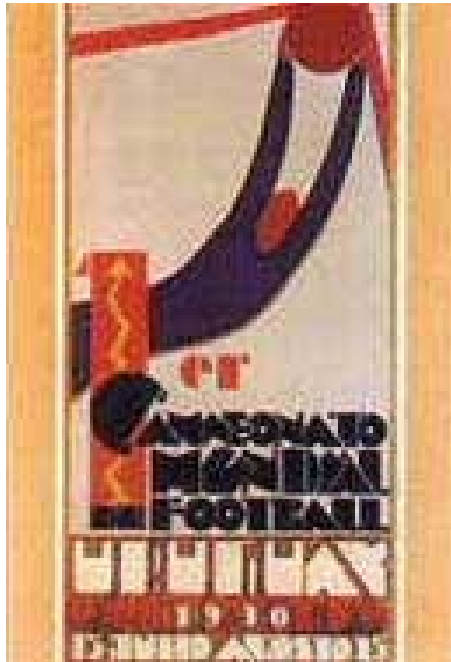


Fig.1 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1930

Rimet não poupou esforços para que o torneio saísse do papel. Seu sonho foi concretizado em 1928, quando um Congresso da FIFA decidiu que o primeiro torneio seria realizado dois anos mais tarde. Candidataram-se para sediar o torneio sete países: Uruguai, Itália, Suécia, Espanha, Hungria e Holanda. Os sul-americanos, credenciados por dois títulos olímpicos no futebol (1924 e 1928), venceram a disputa.

A escolha fez com que alguns países europeus decidissem boicotar o torneio. Outros desistiram devido à longa e desgastante viagem de navio (o time da Romênia – o primeiro a embarcar no navio que trouxe as quatro seleções européias participantes à América do Sul – levou 12 dias para chegar ao Rio de Janeiro, onde o barco fez uma escala. Curiosamente, a delegação brasileira pegou uma “carona” nesta embarcação até o Uruguai).

A escolha dos países-sede das Copas do Mundo é feita em uma eleição, onde votam os membros do comitê-executivo da FIFA. A partir da Copa do Mundo de 1990, a escolha do país-sede é feita sempre seis anos antes de sua realização.

Todos os 46 países filiados à FIFA até então foram convidados para a Copa de 1930, mas apenas 12 aceitaram, além dos anfitriões uruguaios. Da Europa, apenas França, Bélgica, Iugoslávia e Romênia. Da América do Sul, Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai, Peru e Chile, além de México e Estados Unidos, que representaram a América do Norte.

Os uruguaios fizeram uma campanha impecável, vencendo as seleções de Peru, Romênia e Iugoslávia antes da final contra a Argentina. A decisão teve seu início atrasado em cerca de uma hora por conta de uma briga entre representantes dos dois times, que queriam escolher a bola do jogo. Ficou acordado que o primeiro tempo seria com a bola dos argentinos, e o segundo com a dos donos da casa. Curiosamente, a Argentina venceu a primeira etapa por 2 x 1. No segundo tempo, o Uruguai marcou três gols, e conquistou a taça que levava o nome de Jules Rimet.

Assim como em 1930, as questões políticas voltaram a influenciar a realização da Copa do Mundo em edições posteriores, desde a escolha dos países aos jogos em si. Em 1934, sob pressão do ditador Benito Mussolini, o Mundial foi realizado na Itália. Dessa vez, o número de países que se candidataram a participar foi bem maior (32), e pela primeira vez foram realizadas eliminatórias continentais.

Dezesseis seleções chegaram à fase final, que foi disputada no sistema de “mata-mata”, ou seja, as equipes que perdiam uma partida eram eliminadas. Pela primeira vez, um país de fora do eixo euro-americano disputou o torneio: o Egito. A Itália, com o apoio de uma inflamada torcida, venceu Estados Unidos, Espanha, Áustria e Tchecoslováquia, na final (vitória por 2 x 1 na prorrogação). Pela segunda vez consecutiva, o país sede conquistava o título.

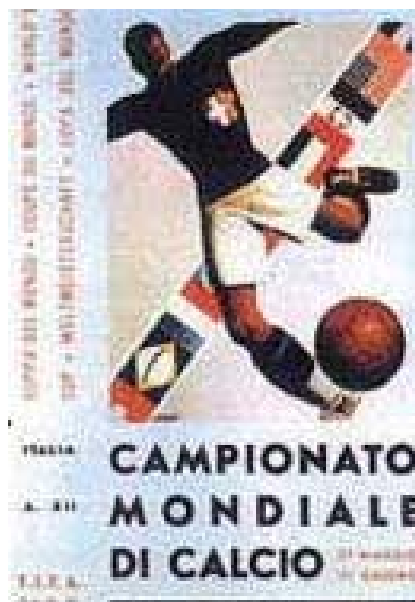


Fig.2 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1934

Quatro anos mais tarde, Jules Rimet assistia ao torneio em seu país, a França. Depois das disputas entre 36 países nas eliminatórias, dezesseis disputaram o torneio, mais uma vez no sistema de “mata-mata”. A expansão do futebol pelo mundo era cada vez mais nítida. Países como Cuba e Índias Holandesas (atual Indonésia) participaram da Copa de 1938. Pela primeira vez, o Brasil passou da primeira fase, chegando às semifinais, quando foi eliminado pela Itália, que viria a conquistar o bicampeonato vencendo a Hungria na final.

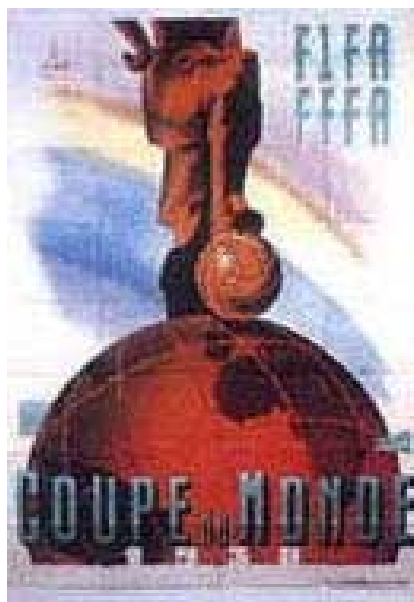


Fig.3 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1938

Depois disso, a Copa sofre mais um duro golpe. O início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, fez com que a FIFA suspendesse a escolha do país-sede para o Mundial de 1942. O conflito, que só se encerrou em 1945, deixou o continente Europeu completamente arrasado. Uma decisão inicial da entidade máxima do futebol marcou a Copa do Mundo seguinte para 1949. O Brasil foi o único país candidato a sediar o torneio, que acabou remarcado para 1950.

Por conta da destruição causada pela Guerra, o número de países inscritos para as Eliminatórias caiu para 32. Entretanto, um participante em especial faria sua aguardada estréia: a Inglaterra, país dos inventores do futebol moderno. Dezesesseis seleções garantiram vagas, mas três desistiram: Escócia, Turquia e Índia. Os indianos, inclusive, abdicaram da vaga por um motivo insólito. A FIFA não permitiu que seus jogadores atuassem descalços. Outras nações foram convidadas para seus lugares, mas não aceitaram.

Divididos em grupos de quatro, três ou duas seleções, os times se enfrentaram nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Recife. Nesta Copa, a capital mineira assistiu àquela que é considerada a maior zebra da história dos mundiais até hoje. A Inglaterra perdeu para os Estados Unidos por 1 x 0 e ficou sem chance de classificação às finais do torneio.

Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai se classificaram para a fase final, onde todos jogaram contra todos. O Brasil, que tinha vencido a Suécia por 7 x 1 e a Espanha por 6 x 1, precisava apenas de um empate contra o Uruguai na última partida do mundial, no Maracanã. O estádio, que tinha sido construído especialmente para a Copa, estava completamente lotado, e assistiu, atônito, a uma vitória da equipe “celeste” por 2 x 1.

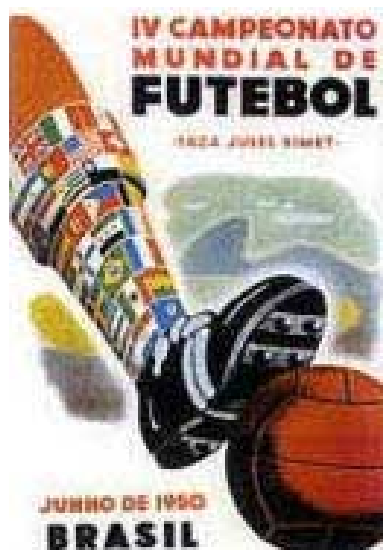


Fig.4 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1950

Quatro anos mais tarde, a Copa voltaria à Europa. A Suíça, que se manteve neutra na Segunda Guerra, foi o país escolhido para sediar o torneio, que voltou a contar com dezesseis equipes. O mundo assistiu a belíssimas atuações da seleção da Hungria, que goleou todos os adversários até a final, quando enfrentou a Alemanha Ocidental¹ (a quem já tinha vencido por 8 x 3 na fase inicial). Para surpresa de todos, os alemães, que saíram perdendo por 2 x 0, conseguiram uma virada por 3 x 2 na decisão e conquistaram o seu primeiro título mundial.



¹ Depois da reunificação, a Alemanha “herdou” as participações da antiga Alemanha Ocidental, que disputou as Copas do Mundo de 1950 a 1990.

Fig.5 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1954

A força política do continente europeu ficou evidente quando foi anunciado o país sede da Copa do Mundo seguinte (1958): a Suécia. Pela primeira vez seria realizada uma Copa sem Jules Rimet no cargo de presidente da FIFA. Ele tinha saído quatro anos antes, e deixado a cadeira para o belga Rodolphe William Seeldrayers. Cinquenta e uma seleções se inscreveram para as eliminatórias, e dezesseis chegaram à final. Nessa Copa, o futebol conheceu aquele que seria considerado seu Rei dali a alguns anos: Pelé.

O jogador, então com 17 anos, entrou no time do Brasil no decorrer da competição, e se destacou. O time brasileiro, que na primeira fase venceu a União Soviética (2 x 0) e a Áustria (3 x 0) e empatou com a Inglaterra (0 x 0), chegou às fases finais credenciado como um dos favoritos do torneio.

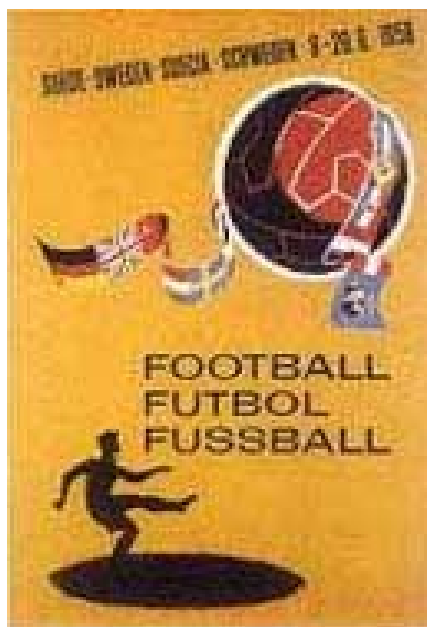


Fig.6 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1958

Nas quartas-de-final, o time venceu o País de Gales por 1 x 0. O adversário seguinte era o forte time da França, mas o time de Pelé fez 5 x 2 e se credenciou para disputar a final

contra o time sueco. O jogo contra os donos da casa prometia ser duro, mas, com uma atuação magistral, o time repetiu o placar da semifinal e conquistou o título pela primeira vez.

Em 1962, no Chile, a façanha se repetiria. Entretanto, Pelé, que se machucou, não participou de boa parte da campanha do Brasil. O time foi comandado por Garrincha, que foi considerado o melhor jogador daquele mundial por toda a crítica da época.

O Chile tinha passado pela maior tragédia de sua história dois anos antes. No dia 21 de maio de 1960, um terremoto de 8 graus na escala Richter deixou cinco mil mortos e 2 milhões de desabrigados no país. A FIFA chegou a cogitar a mudança de sede, mas o comitê organizador garantiu que conseguiria realizar o Mundial, e que isso seria importante para o país. Assim, o local foi mantido.

Inscreveram-se para as eliminatórias 56 seleções de todo o mundo. Os 16 classificados foram divididos em quatro grupos de quatro equipes cada, e os dois melhores passaram às quartas-de-final. Times fortes, como Argentina, Uruguai e Itália, decepcionaram, e não conseguiram passar da primeira fase.

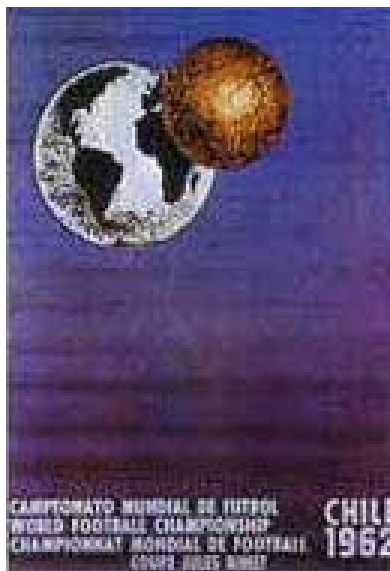


Fig.7 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1962

O Brasil estava no Grupo 3, ao lado de Espanha, México e Tchecoslováquia. A estréia foi contra os mexicanos, vitória por 2 x 0. No segundo jogo, empate sem gols contra os tchecos. A classificação foi garantida com uma vitória por 2 x 1 contra a Espanha.

Nas quartas-de-final, os adversários foram os ingleses. Com grande atuação de Garrincha, que marcou duas vezes, o Brasil fez 3 x 1, e garantiu sua vaga nas semifinais. Os adversários seriam os donos da casa. Mais uma vez, Garrincha desequilibrou, e marcou duas vezes. Vavá fez os outros dois gols brasileiros na vitória por 4 x 2. A final seria contra a Tchecoslováquia, adversária que arrancou um empate na primeira fase. Dessa vez, o Brasil conseguiu a vitória (e o título): 3 x 1.

Os inventores do futebol moderno só sentiram o gosto de sediar uma Copa do Mundo em 1966. Chegaram à Inglaterra dezesseis equipes, depois de uma disputa entre 53 nas eliminatórias continentais. O Brasil não fez uma boa campanha, caindo na primeira fase após vitória sobre a Bulgária e derrotas para Hungria e Portugal (que faria grande campanha, chegando à terceira colocação).

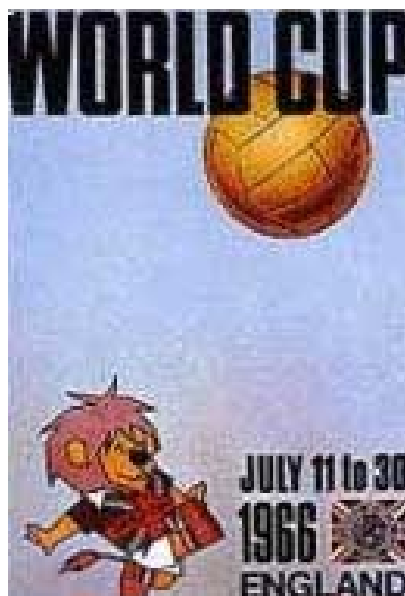


Fig.8 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1966

Os ingleses, contando com o apoio de sua fanática torcida, fizeram uma bela campanha. Na fase inicial, empataram com o Uruguai (0 x 0) e venceram México e França (ambos por 2 x 0). Depois, vitórias sobre Argentina, nas quartas-de-final (1 x 0) e Portugal, nas semifinais (2 x 1).

Na decisão mais polêmica de todas as Copas do Mundo, os donos da casa enfrentaram o time da Alemanha. Depois de um empate em 2 x 2 no tempo normal, a partida foi para a prorrogação. Foi aí que uma bola chutada pelo inglês Hurst bateu no travessão e na linha. O árbitro validou o gol, questionado até hoje pelos alemães. No último minuto da prorrogação, o mesmo Hurst marcou mais um, e definiu a vitória dos ingleses por 4 x 2.

A Copa do Mundo de 1970 foi a primeira disputada fora do eixo Europa-América do Sul. O México foi escolhido como país-sede do torneio, que teve 70 inscritos para as eliminatórias. O Brasil, que conquistou seu terceiro título, fez uma campanha impecável. Em seis partidas, foram seis vitórias.



Fig.9 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1970

Na primeira fase, o time brasileiro enfrentou a Tchecoslováquia (vitória de virada por 4 x 1), a Inglaterra (1 x 0) e a Romênia (3 x 2). Classificado em primeiro da chave, o Brasil enfrentou o Peru, que era treinado pelo ex-craque brasileiro Didi, e venceu por 4 x 2.

As semifinais reuniram Brasil, Uruguai e Itália – os bicampeões mundiais até então – além da Alemanha, que buscava o segundo título. Caso brasileiros, uruguaios ou italianos levassem terceiro o título, ficariam com a posse definitiva do troféu Jules Rimet, como era previsto.

As semifinais foram confrontos entre as seleções do mesmo continente. Enquanto a Itália venceu a Alemanha por 4 x 3 na prorrogação, o Brasil venceu o Uruguai por 3 x 1, de virada. A decisão reuniu os campeões de 1934/38 e os de 1958/62. O Brasil, comandado pelo técnico Zagallo, fez 4 x 1, e conquistou o troféu.

Na edição seguinte, a Copa voltou ao continente Europeu. O país escolhido para sediar o torneio foi a Alemanha Ocidental. Era a estréia da Taça Fifa, o novo troféu da Copa do Mundo. Dessa vez, foram 95 seleções participantes das eliminatórias. Os grandes destaques do torneio foram os holandeses e os donos da casa, que fizeram a final.



Fig.10 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1974

O Brasil, que fez campanha irregular, acabou com a quarta colocação, depois de perder para a Polônia por 1 x 0 na decisão do terceiro posto. Na final, em Munique, a Holanda saiu na frente. A Alemanha, com o apoio de uma grande e inflamada torcida, conseguiu a virada e venceu por 2 x 1.

Depois de 16 anos, o Mundial retornaria à América do Sul. A Argentina foi escolhida como sede do torneio de 1978. Pela primeira vez, o número de inscitos passou de cem (102 seleções disputaram as eliminatórias, sendo que o número de dezesseis participantes foi mantido). Mais uma vez, as questões políticas foram consideradas decisivas. O país-sede do Mundial estava sob regime militar, e havia pressão sobre jogadores e comissão técnica para que os argentinos finalmente conquistassem o título da Copa do Mundo.

A Copa da Argentina no entanto foi semelhante a de 66, a seleção anfitriã foi campeã com suspeitas de favorecimento ilícito. A Argentina era forte nos torneios americanos e seus clubes eram campeões, mas ainda não tinha vencido uma Copa do Mundo. A conquista da Copa em casa serviria para o povo esquecer a repressão da ditadura militar. Várias entidades protestaram para que a Copa fosse transferida para um país que respeitasse os direitos humanos. (COPA da Argentina, 2006)

Na primeira fase do torneio, as dezesseis equipes foram divididas em quatro chaves. As duas melhores de cada uma passaram para a segunda fase, quando as oito seleções foram divididas em outros dois grupos. O primeiro colocado de cada grupo passaria à decisão.

Membros de todas as seleções reclamaram de um suposto favorecimento à seleção argentina. Enquanto as demais equipes eram forçadas a viajar grandes distâncias, os donos da casa jogaram quase todas as suas partidas em Buenos Aires. Para se ter uma idéia, enquanto os argentinos viajaram 620 quilômetros durante o Mundial, o time do Brasil viajou aproximadamente 4.700 quilômetros.

Na segunda fase, então, as críticas foram ainda maiores. Brasil, Argentina, Polônia e Peru ficaram na mesma chave. Brasileiros e argentinos empataram em 0 a 0 e venceram suas

outras partidas. Na última rodada, o Brasil iria enfrentar a Polônia, e a Argentina jogaria contra o Peru. Entretanto, as partidas não foram marcadas para o mesmo horário, o Brasil jogou antes.



Fig.11 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1978

A Argentina entrou em campo contra o Peru sabendo do que precisava fazer para chegar à final: vencer o Peru por uma diferença mínima de quatro gols. A missão, teoricamente, seria difícil, pois o time peruano foi considerado a grande “surpresa” daquela Copa. Entretanto, os peruanos jogaram muito mal, e a Argentina fez 6 a 0.

Imediatamente surgiram críticas e teorias sobre a causa daquela espantosa derrota. O goleiro Quiroga (coincidentemente nascido na Argentina e naturalizado peruano) foi o mais criticado, e até mesmo o árbitro da partida foi considerado “culpado”.

Foi mais fácil do que parecia: a Argentina massacrou por 6 a 0. O resultado motivou todo o tipo de acusações, nenhuma delas comprovada: contra o goleiro Quiroga, peruano nascido na Argentina; contra o próprio elenco peruano, que teria recebido US\$ 10 mil para perder; e até contra o árbitro francês Robert Wurtz. Os atletas peruanos sofreram tentativa de agressão quando retornaram ao seu país. (UM CAMPEÃO sob suspeita, 2006)

Classificada, a seleção argentina enfrentou a equipe da Holanda na decisão. A partida aconteceu no estádio Monumental de Nuñez, o maior da Argentina. Apoiado por sua imensa

torcida, o time dono da casa venceu por 3 x 1 na prorrogação, depois de um empate em 1 x 1 no tempo normal (sendo que os holandeses chutaram uma bola na trave no último lance da partida).

Percebendo o crescimento das eliminatórias e do número de afiliados, a FIFA resolveu aumentar o número de participantes da Copa do Mundo. Pela primeira vez, 24 equipes se classificaram para o Mundial, que foi disputado na Espanha. A fórmula de disputa foi alterada. Foram montadas seis chaves, com quatro equipes cada. As doze seleções classificadas foram divididas em outros quatro grupos, cada um com três equipes. As seleções campeãs de cada um desses grupos jogariam as semifinais.

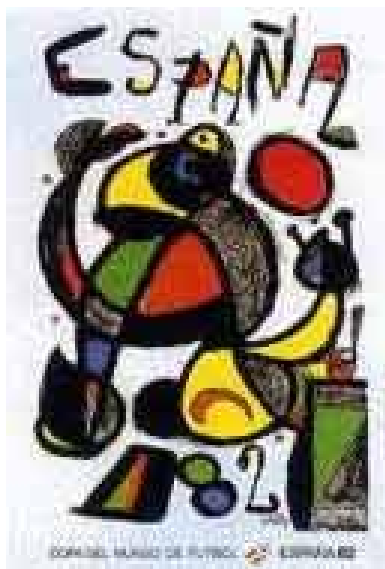


Fig.12 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1982

O Brasil foi considerado o grande favorito do torneio por especialistas de todo o mundo. A equipe contava com vários jogadores de destaque nacional e internacional, como Zico, Falcão, Éder, Sócrates e Cerezo. A equipe venceu suas três partidas na primeira fase (contra Escócia, União Soviética e Nova Zelândia). Na segunda, caiu em um grupo com Argentina e Itália. Brasileiros e italianos venceram os argentinos e decidiram a vaga.

O Brasil era considerado o grande favorito para o jogo, pois vinha de quatro vitórias consecutivas. A Itália, por sua vez, não foi bem na primeira fase, quando empatou suas três

partidas. Entretanto, com três gols de Paolo Rossi, venceu o Brasil por 3 x 2 e se classificou para as semifinais.

Os outros semifinalistas eram Polônia, Alemanha e França. A Itália enfrentou a Polônia e venceu por 2 x 0, chegando à final. A Alemanha empatou em 3 x 3 com a França e conquistou sua vaga na decisão ao vencer a primeira decisão por pênaltis da história das Copas: 5 x 4. Na final, cansado, o time alemão não foi páreo para a Itália, que venceu por 3 x 1 e conquistou sua terceira Copa do Mundo.

A Colômbia tinha sido o país escolhido como sede para a Copa do Mundo de 1986. Entretanto, uma grave crise econômica fez com que o país desistisse do Mundial, que voltou ao México, o primeiro país a sediar duas Copas do Mundo. A fórmula de disputa foi novamente alterada (e mantida até a edição de 1994). As equipes foram divididas em seis chaves. Os dois primeiros de cada um dos grupos, mais os quatro melhores terceiros colocados se classificavam para as oitavas-de-final. A partir daí, as equipes se enfrentavam no esquema de “mata-mata”.

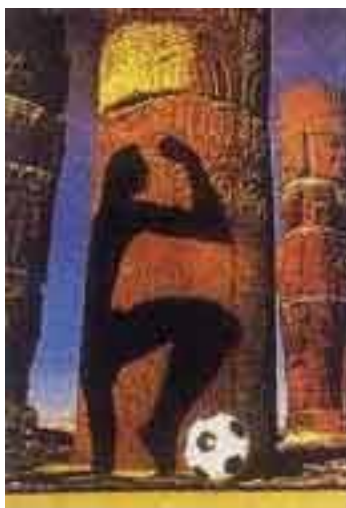


Fig.13 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1986

A seleção brasileira, pela segunda vez, foi eliminada sem sofrer nenhuma derrota. Na primeira fase, três vitórias (1 x 0 contra Espanha e Argélia e 3 x 0 contra a Irlanda do Norte). Nas

oitavas-de-final, 4 x 0 contra a Polônia. O único gol sofrido foi no jogo das quartas-de-final, contra a França. Empate em 1 x 1 e vitória francesa por 4 a 3 na disputa de pênaltis.

Comandada por Diego Maradona, a seleção argentina foi a melhor, e conquistou seu segundo título mundial. Os argentinos venceram a Coreia do Sul e a Bulgária e empataram com a Itália na primeira fase. Nas etapas seguintes, a equipe foi impecável, vencendo Uruguai, Inglaterra (inclusive com o famoso gol “Mão de Deus” de Maradona, que subiu para cabecear e desviou a bola com um leve soco) e Bélgica antes da decisão, quando fez 3 x 2 na Alemanha e levantou a taça pela segunda vez.

A final entre Argentina e Alemanha se repetiria quatro anos mais tarde, na Itália (que se tornou o segundo país a sediar duas Copas do Mundo). O torneio de 1990 é considerado o de mais baixo nível técnico da história das Copas. A média de gols (2,21), é a menor da história dos Mundiais até 2006.

Mais uma vez, o número de seleções inscritas passou da casa das centenas. No total, 106 países foram representados nas eliminatórias, e o sistema de disputa foi mantido, com 24 equipes classificadas. O Brasil, comandado por Sebastião Lazaroni, fez uma campanha ruim, e foi eliminado ao perder para a Argentina por 1 x 0 nas oitavas-de-final, depois três vitórias na primeira fase (2 x 1 contra a Suécia e 1 x 0 contra Costa Rica e Escócia).

As semifinais reuniram a então tricampeã Itália, as bicampeãs Argentina e Alemanha e a Inglaterra, que voltava a ficar entre os quatro primeiros colocados pela primeira vez desde o título de 1966. Argentinos e alemães venceram, respectivamente, italianos e ingleses em disputas de pênaltis e decidira a Copa. Desta vez, a Alemanha teve maior sorte, e venceu por 1 x 0, entrando para o grupo dos tricampeões mundiais.



Fig.14 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1990

Os Estados Unidos foram escolhidos como país-sede da Copa do Mundo de 1994, derrotando Marrocos e o Brasil na eleição realizada seis anos antes pela FIFA. O fato de o país não ter tradição no futebol preocupou os críticos, mas o que se viu foi um exemplo de organização e de interesse (foi registrada a maior média de público da história das Copas: 68.991 pessoas por jogo).

Houve um salto no número de países inscritos para as Eliminatórias: foram 144 no total. Mais uma vez, 24 se classificaram, e foram divididos em seis grupos com quatro seleções cada. O torneio foi muito equilibrado (para se ter uma idéia, apenas quatro equipes passaram da primeira fase sem nenhuma derrota: Brasil, Suécia, Espanha e Alemanha).

As finalistas das duas Copas anteriores, Alemanha e Argentina, decepcionaram. Os argentinos caíram nas oitavas-de-final, perdendo para a Romênia. A Alemanha foi até as quartas-de-final, quando perdeu para a Bulgária, que, ao lado da Suécia, foi uma das surpresas do mundial, chegando às semifinais.



Fig.15 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1994

O Brasil e a Itália, porém, fizeram valer o favoritismo histórico nos jogos contra suecos e búlgaros, respectivamente, e chegaram à final. O vencedor seria o primeiro país a conseguir o status de tetracampeão da Copa do Mundo. Pela primeira vez, uma final foi decidida nos pênaltis. Depois de um empate em 0 a 0 no tempo normal e na prorrogação, o Brasil venceu por 3 x 2 e conquistou, pela primeira vez, a Taça FIFA (nos três primeiros títulos, ainda era entregue ao campeão a Taça Jules Rimet).

França, Marrocos e Suíça se candidataram a sede da Copa do Mundo de 1998, que teria, pela primeira vez, 32 seleções participantes. A medida foi tomada pela FIFA, que via o crescimento do número de participantes da Copa do Mundo ano após ano, e resolveu ampliar as vagas. Assim, as seleções classificadas passam a ser divididas em oito grupos, cada um com quatro seleções, e avançam duas de cada chave, que se enfrentam em sistema “mata-mata” até a final.

Por sua maior tradição histórica no futebol, a França foi escolhida para a primeira Copa do Mundo no novo modelo. A seleção do país ficou de fora dos Mundiais de 1990 e 1994, quando perdeu a vaga para seleções de países de menor expressão nas Eliminatórias, e voltou a

disputar o torneio depois de 12 anos. A França se tornava então o terceiro país a receber duas Copas do Mundo.

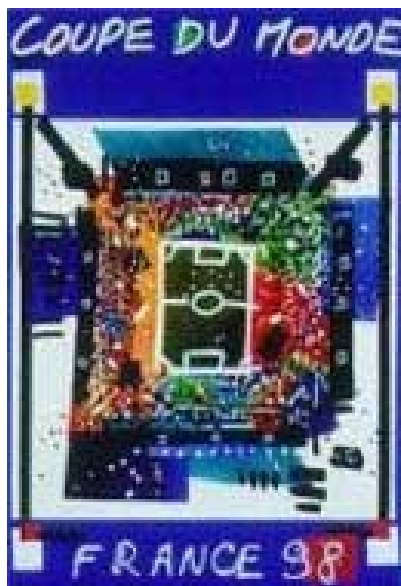


Fig.16 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 1998

Mais uma vez, houve crescimento no número de inscritos para as Eliminatórias: 172, no total. Depois de duas Copas do Mundo consideradas tecnicamente fracas, a crítica especializada apontou o Mundial de 1998 como um dos mais interessantes da história. Em 64 partidas, foram marcados 171 gols.

O Mundial de 1998 marcou a estréia de Ronaldo em partidas de Copa do Mundo. O jogador chegou a ser inscrito para a Copa do Mundo de 1994, mas não participou de nenhuma partida da campanha vitoriosa do Brasil. Em compensação, em 1998 ele era considerado o principal jogador da Seleção Brasileira.

Alguns resultados foram surpreendentes, como a vitória da Croácia (que tinha acabado de se desmembrar da antiga Iugoslávia) sobre a tricampeã Alemanha por 3 x 0 nas quartas-de-final. No entanto, o Brasil, que era considerado favorito principalmente pelo título de 1994, e a França, foram os finalistas.

Antes da final, Ronaldo se sentiu mal no hotel da Seleção Brasileira, e chegou a ser divulgada a notícia de que ele não tinha condição de jogo. Mais tarde, foi apurado que o jogador teve uma crise convulsiva em campo, mas, atendido em um hospital de Paris, foi escalado de última hora. A França, com o apoio de uma torcida inflamada, conseguiu a vitória por 3 x 0 e conquistou seu primeiro título mundial.

A Copa do Mundo de 2002 foi marcada por uma série de ineditismos desde a escolha da sede. Pela primeira vez, a Copa do Mundo não seria realizada na Europa nem na América. Para promover o esporte em outras partes do mundo, a FIFA determinou que o México, candidato junto a Japão e Coréia do Sul, estaria fora da disputa.

Na votação final, uma outra escolha foi inédita: os dois países, muito próximos geograficamente, apresentaram boas condições para sediar o torneio, o que fez com que, pela primeira vez na história, houvesse uma Copa do Mundo dividida em dois países.

Participaram das Eliminatórias 196 países. Vinte e nove deles se juntaram a coreanos, japoneses e franceses, que conquistaram a vaga diretamente, por serem os campeões do mundial de 1998. Essa, inclusive, foi a última vez que o campeão de uma Copa do Mundo teve vaga garantida no torneio seguinte. Por determinação da FIFA, os atuais campeões teriam que passar pelas Eliminatórias a partir de 2002.

A imprensa não apontava o Brasil como um dos favoritos, pois a campanha nas Eliminatórias sul-americanas não foi considerada satisfatória. O time, entretanto, conseguiu vencer as sete partidas da Copa do Mundo (feito igualado apenas pela própria seleção Brasileira, que venceu os seis jogos em 1970) e conquistar seu quinto título após uma decisão contra a Alemanha. A partida, que terminou em 2 x 0, foi a primeira entre brasileiros e alemães na história das Copas.



Fig.17 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 2002

Dessa vez, Ronaldo se destacou. O jogador, que saía de um período difícil, ficando praticamente dois anos afastado do futebol após graves contusões, principalmente nos joelhos, foi o maior artilheiro da Copa do Mundo, com oito gols marcados. Além disso, fez os dois gols da decisão do mundial.

A Alemanha, derrotada pelo Brasil na decisão, já tinha sido escolhida como país-sede da Copa do Mundo de 2006 (o Mundial que é objeto de estudos desta monografia). O país se preparou então para receber o torneio, que, curiosamente, teve 196 inscritos para as Eliminatórias, assim como quatro anos antes.

Entre as 32 equipes classificadas, algumas chamaram a atenção. Da África, por exemplo, quatro seleções estrearam em mundiais (Costa do Marfim, Togo, Angola e Gana, que foi eliminada pelo Brasil nas oitavas-de-final). A Seleção Brasileira conquistou quatro vitórias consecutivas, mas perdeu para a França por 1 x 0 nas quartas-de-final, e foi eliminada.

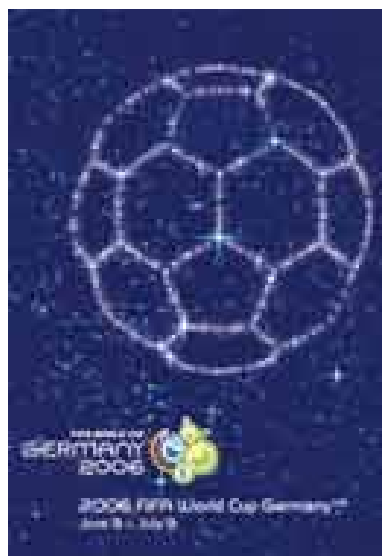


Fig.18 – Cartaz de divulgação da Copa do Mundo de 2006

Entre os quatro semifinalistas, quatro países europeus: Alemanha, Itália, França e Portugal. Os italianos, que venceram os alemães, e os franceses, (que derrotaram Portugal) fizeram a final do torneio. Assim como em 1994, a Itália decidiu uma Copa do Mundo nos pênaltis. Depois de um empate em 1 x 1 no tempo normal e na prorrogação, os italianos fizeram 5 x 3 nos pênaltis e conquistaram seu quarto título.



Fig.19 – Logomarca Oficial da Copa do Mundo de 2010

A sede da Copa do Mundo de 2010 já está escolhida desde 2004. A África do Sul será o primeiro país do continente africano a receber um Mundial de futebol. Seguindo o rodízio

continental implantado em 2002, a FIFA determinou que apenas a África participaria da escolha do país-sede. Também se candidataram Marrocos e Egito.

Em 2014, a Copa do Mundo deve ser realizada no Brasil. A FIFA sinalizou que a Copa está marcada para a América do Sul (que não recebe o torneio desde 1978), e o país está concorrendo com a Colômbia, que lançou de última hora a sua candidatura. Todos os outros países do continente apóiam a candidatura brasileira. A decisão será divulgada em meados de 2008.

Anos, países-sede e os quatro primeiros colocados de cada uma das Copas do Mundo até 2006:

Ano	País-sede	Campeão	Vice-campeão	3º colocado	4º colocado
1930	Uruguai	Uruguai	Argentina	Estados Unidos	Iugoslávia
1934	Itália	Itália	Tchecoslováquia	Alemanha	Áustria
1938	França	Itália	Hungria	Brasil	Suécia
1950	Brasil	Uruguai	Brasil	Suécia	Espanha
1954	Suíça	Alemanha Oc.	Hungria	Áustria	Uruguai
1958	Suécia	Brasil	Suécia	França	Alemanha Oc.
1962	Chile	Brasil	Tchecoslováquia	Chile	Iugoslávia
1966	Inglaterra	Inglaterra	Alemanha Oc.	Portugal	União Soviética
1970	México	Brasil	Itália	Alemanha	Uruguai
1974	Alemanha Oc.	Alemanha Oc.	Holanda	Polônia	Brasil
1978	Argentina	Argentina	Holanda	Brasil	Itália
1982	Espanha	Itália	Alemanha Oc.	Polônia	França
1986	México	Argentina	Alemanha Oc.	França	Bélgica
1990	Itália	Alemanha Oc.	Argentina	Itália	Inglaterra
1994	Estados Unidos	Brasil	Itália	Suécia	Bulgária
1998	França	França	Brasil	Croácia	Holanda
2002	Japão/Coréia do Sul	Brasil	Alemanha	Turquia	Coréia do Sul
2006	Alemanha	Itália	França	Alemanha	Portugal

Quadro 1: países-sede e os primeiros colocados de cada uma das Copas do Mundo

2.3 FUTEBOL NO BRASIL

O futebol se popularizou muito rapidamente depois de ganhar importância na Inglaterra. Os bretões, em suas viagens, ensinavam as regras e tentavam difundir o esporte. O

Brasil, hoje conhecido como “O País do Futebol”, demorou um pouco a conhecer o esporte, pelo que se tem notícia.

Existem alguns registros da prática de algo parecido com o futebol por alguns dos padres Jesuítas que chegaram ao Brasil por volta de 1850. Outros relatos apontam que marinheiros ingleses e holandeses praticaram o esporte em praias nordestinas na segunda metade do século XIX.

As teorias mais aceitas por pesquisadores e teóricos da área dizem que o futebol foi trazido ao Brasil por imigrantes ingleses e seus descendentes, que vieram trabalhar no país no final do século XIX, principalmente nas companhias ferroviárias. Alguns destes homens teriam ensinado os funcionários da Leopoldina Railway (Rio de Janeiro) e da São Paulo Railway (Jundiaí-SP).

Entretanto, um paulista filho de imigrantes ingleses foi quem ficou com a “fama” de pai do futebol no Brasil. Charles Miller, nascido em 1874 em São Paulo, foi estudar na Inglaterra. Lá, conheceu o esporte que ameaçava fazer frente ao críquete em termos de popularidade. Depois de participar de equipes que disputavam torneios amadores, decidiu que tentaria levar o futebol ao Brasil.

Quando voltou, trouxe na mala aquelas que são consideradas as duas primeiras bolas de futebol que o Brasil conheceu. Além disso, carregou consigo camisas, calções e chuteiras, bombas e agulha para encher as bolas, além das regras que vigoravam àquele momento. A princípio, Miller apresentou o futebol apenas à colônia inglesa de São Paulo.

Aos poucos, ele e os outros praticantes do futebol trabalharam para que o esporte se tornasse conhecido e ganhasse o maior número de adeptos. Para tentar dar status e organização ao futebol, Charles Miller se filiou ao São Paulo Athletic (que não tem nenhuma relação com o São Paulo Futebol Clube, um dos maiores clubes de futebol do Brasil na atualidade).

Foi o próprio clube que recebeu a primeira partida do Brasil. Dois times, formados por funcionários ingleses da Companhia de Gás e da São Paulo Railway, se enfrentaram em 15 de abril de 1895. Miller ajudou a equipe da companhia ferroviária a vencer o jogo por 4x2.

Os brasileiros só formaram times para uma partida “organizada” em 5 de março de 1899, quando muitos países da Europa já tinham seus torneios nacionais de futebol. O jogo foi entre o Mackenzie e o Hans Nobiling Team, e o resultado final foi um empate em 0x0.

A primeira Seleção Brasileira “oficial” foi convocada em 1914, para uma partida amistosa contra o Exeter City, então um dos clubes mais importantes da Inglaterra. A partida, que aconteceu no estádio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, terminou com vitória do time brasileiro por 2 x 0, gols de Osman e Osvaldo Gomes. O time brasileiro contou com os seguintes jogadores: Marcos de Mendonça, Pindaro, Nery, Lagreca, Rubens Sales, Rolando, Abelardo, Osvaldo Gomes, Friedenreich, Osman e Formiga.

Até sua morte, em 1953, Charles Miller participou da organização e vivenciou o futebol de todas as formas. Desde as partidas disputadas com as bolas que trouxe da Inglaterra, no bairro da Várzea do Carmo, em São Paulo, até a época em que se tornou árbitro, ainda na capital paulista. Miller passou a vida vendo a popularização do esporte que se tornou uma febre no país, mas não realizou o sonho de ver o Brasil vencendo uma Copa do Mundo.

O São Paulo Athletic, que recebeu Charles Miller, é considerado o primeiro clube de futebol do Brasil. Atualmente, existe apenas como clube social, e participa de torneios amadores de rugby. As atividades ligadas ao futebol foram abandonadas em 1911. O primeiro clube de futebol para brasileiros é o Mackenzie, que era formado por estudantes da faculdade paulista de mesmo nome.

No Rio de Janeiro, a organização do futebol demorou mais um pouco. Com uma história de vida parecida com a de Charles Miller, Oscar Alfredo Cox chegou ao Brasil em 1897,

vindo de uma temporada de estudos na Europa. Desde então, tentou difundir a prática do futebol na então capital federal.

Sua missão, porém, foi mais difícil que a de Charles Miller. Cox encontrou um Rio de Janeiro fanático por críquete. Começou então a tentar negociar e a insistir com amigos e conhecidos para colocar a idéia em prática. Demorou um pouco, mas ele conseguiu. Em julho de 1901, reuniu um grupo de pessoas a quem ensinou as regras e a forma de se jogar futebol.

O dia primeiro de agosto daquele ano ficou marcado por receber o primeiro jogo de futebol do Rio de Janeiro. A equipe de Oscar Cox enfrentou um time de ingleses, que representavam o Rio Cricket And Athltlec Association, de Niterói. Existem registros até do público da partida (que terminou empatada em 1x1): quinze pessoas assistiram.

Se o primeiro clube paulista de futebol não teve sucesso, o mesmo não pode ser dito do primeiro carioca. Oscar Cox fundou, junto com alguns amigos, em 1902, o Fluminense Football Club, até hoje em atividade e considerado um dos maiores clubes de futebol do Brasil. O Flamengo, que surgiu antes como clube de Regatas, só teve um departamento de futebol anos depois, quando alguns jogadores deixaram o Fluminense e formaram um time no clube. Alguns estudiosos, porém, consideram o Paissandu Atlético Clube o primeiro clube de futebol do Rio de Janeiro.

O clube, que surgiu em 15 de agosto de 1872 com o nome de *Rio Cricket Club*, teve seu nome alterado para *Paysandu Cricket Club* em 1880 (quando mudou sua sede para a Rua Paissandu, no bairro do Flamengo). Ainda sob essa alcunha, disputa os primeiros Campeonatos Cariocas de futebol, e vence o torneio em 1912. Em 1914, abandona o futebol e tem seu nome alterado para Paysandu Athletic Club (mais tarde “aportuguesado” para Paissandu Atlético Clube).

O clube de futebol mais antigo em atividade no Brasil é o Esporte Clube Rio Grande, da cidade de mesmo nome, no Rio Grande do Sul. Fundado no dia 19 de julho de 1900, o clube atualmente disputa as divisões inferiores do Campeonato Gaúcho. A Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas-SP, foi fundada exatos 23 dias depois (11 de agosto), e até hoje se mantém entre os principais clubes de São Paulo e do Brasil.

O Clube de Regatas do Flamengo (fundado a 18 de novembro de 1895 no Rio de Janeiro) e o Esporte Clube Vitória (13 de maio de 1899, Salvador-BA), apesar de fundados anteriormente, começaram a disputar competições de futebol alguns anos depois.

No começo do Século XX, apenas os brancos e os filhos dos membros da aristocracia paulista e carioca jogavam futebol. Assim, as disputas a princípio ficaram restritas a clubes aristocráticos e a associações ligadas a faculdades e instituições de classe.

O primeiro torneio organizado no Brasil foi o Campeonato Paulista de 1902. Fundada em 14 de dezembro de 1901, a Liga Paulista de Foot-Ball foi a responsável pela organização do torneio, que contou com cinco equipes. O São Paulo Athletic Clube (ou SPAC, como ficou conhecido) venceu o torneio, deixando para trás Paulistano, Mackenzie, Germânia e Internacional. Nenhum deles está em atividade atualmente.

O time de Charles Miller venceria também os dois Campeonatos Paulistas seguintes (1903 e 1904) e o torneio de 1911. Nos primeiros anos, a disputa ficou restrita a equipes que abandonaram o futebol profissional. Entre os times que ainda estão em atividade, o Corinthians foi o primeiro a conquistar um título paulista: 1914. O segundo torneio estadual mais antigo do Brasil é o Campeonato Baiano, que teve sua primeira edição em 1905.

O Campeonato Estadual do Rio de Janeiro começou a ser disputado em 1906. O Fluminense foi o primeiro time a conquistar o torneio. Em várias ocasiões, problemas políticos

fizeram com que duas federações estaduais existissem no Rio de Janeiro, e dois campeonatos fossem disputados.

Em 1933 foi criada a Liga Carioca de Football (LCF), a primeira em regime profissional. Ainda assim, algumas equipes participaram de campeonatos promovidos pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). A cisão só termina em 1937, quando entidades e torneios se fundem. O Campeonato do Rio de Janeiro foi disputado apenas pelos clubes da capital do estado até 1979, quando pela primeira vez participaram os times do interior.

No começo da organização do futebol no Brasil, um ponto deve ser destacado: a questão do racismo. Por ser um esporte aristocrático, negros e mulatos não eram aceitos no futebol àquela época. Um dos primeiros times que aceitou os negros foi o Bangu, do Rio de Janeiro. Formado por gerentes de uma fábrica de tecidos carioca, o time só podia jogar se recebesse alguns de seus operários.

Em São Paulo, o Corinthians, fundado em 1910, foi desde o início um clube ligado às camadas populares. Com isso, inaugurou a participação dos negros no Campeonato Paulista. O Fluminense é conhecido até hoje como “o time do Pó de Arroz” devido a um episódio de 1914, quando um jogador negro, recém-contratado do América, tentou disfarçar sua cor com o pó, que acabou saindo a medida em que ele suava.

O primeiro clube entre os principais do Rio de Janeiro a aceitar abertamente os negros foi o Clube de Regatas Vasco da Gama. Vencedor da segunda divisão em 1922, o time disputou e venceu a primeira divisão em 1923 com um time formado basicamente por pobres e negros. A partir daí, o esporte foi ficando cada vez mais popular, e o racismo diminuiu.

Os torneios estaduais foram os únicos oficiais disputados no Brasil até 1933, quando, pela primeira vez, foi realizado o Torneio Rio-São Paulo, reunindo os “grandes” times dos dois estados. Depois da primeira edição, o torneio só voltou a ser disputado em 1950.

Entre 1950 e 1958, o Rio-São Paulo foi o principal torneio de futebol do Brasil. Os times dos dois estados eram os mais fortes do país, e o campeonato chamava atenção da imprensa e dos torcedores. Com o passar dos anos, os clubes viram a necessidade de organização de um torneio que unisse os clubes de todo o país. Apesar de ter sido disputado até 1966 (e depois em 1993 e entre 1996 e 2002), o torneio perdeu em importância para as competições nacionais que viriam a seguir.

Havia também a necessidade da indicação de um clube brasileiro para a Taça Libertadores da América – principal competição sul-americana entre clubes – que teria sua primeira edição em 1960. Atendendo a essa demanda, em 1959, foi criada a Taça Brasil. O torneio contava com os campeões estaduais de todo o país.

O primeiro vencedor foi o Esporte Clube Bahia, de Salvador. O torneio foi disputado até 1968. A Sociedade Esportiva Palmeiras (São Paulo) venceu a segunda edição, em 1960, e a penúltima, em 1967. O Santos Futebol Clube, time de Pelé, venceu cinco edições consecutivas (de 1961 a 1965). O Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte, venceu em 1966 e o Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro, venceu a última edição, em 1968.

Entre 1967 e 1970, foi disputado o torneio Roberto Gomes Pedrosa (conhecido também como “Taça de Prata”, a partir de sua segunda edição). O “Robertão”, na verdade, foi uma ampliação do Torneio Rio-São Paulo, disputado até 1966. Em 1969 e 1970, foi o principal torneio entre clubes do Brasil, e seus campeões e vices disputaram a Taça Libertadores.

Apesar de esses torneios terem o status de Campeonato Nacional, foi apenas em 1971 que a Confederação Brasileira de Desportos (que em 1979 passou a se chamar Confederação Brasileira de Futebol – CBF) organizou aquele que é considerado o primeiro Campeonato Brasileiro. O torneio foi disputado por vinte clubes na primeira divisão e vinte e três na segunda.

O Clube Atlético Mineiro, de Belo Horizonte, foi o vencedor da Primeira Divisão e o Villa Nova Atlético Clube, de Nova Lima-MG, o da segunda.

O torneio foi organizado pela CBF até 1986, sempre com fórmulas de disputa (e nomenclaturas oficiais) variando de ano a ano. O número de clubes também foi variável, e não respeitava a critérios técnicos, mas a critérios políticos, por exemplo. Na edição de 1979, um recorde: 94 clubes na primeira divisão.

Em 1987, pela primeira vez, aqueles que eram considerados os principais clubes brasileiros se organizaram, e, de forma independente, criaram a Copa União. O “Clube dos 13”, como foi chamado, contava com os seguintes clubes: Bahia (Salvador), Atlético Mineiro e Cruzeiro (Belo Horizonte), Palmeiras, Corinthians e São Paulo (São Paulo), Santos (Santos), Botafogo Flamengo, Fluminense e Vasco (Rio de Janeiro) e Grêmio e Internacional (Porto Alegre).

Representadas pela entidade “Clubes dos 13”, estas equipes organizaram aquela que seria considerada a primeira divisão do Campeonato Brasileiro (o Campeonato foi batizado de “Copa União”). O torneio se mostrava muito mais rentável, pois os clubes acertaram patrocínios e transmissão ao vivo pela televisão. Apenas dezesseis clubes, os 13 citados mais Santa Cruz, de Recife; Goiás, de Goiânia; e Coritiba, de Curitiba, participaram do Módulo Verde (equivalente à primeira divisão).

Um acordo determinou que os clubes organizariam o Módulo, enquanto a CBF ficaria responsável por organizar a Segunda e a Terceira divisões. Entretanto, durante o Campeonato, a CBF decidiu alterar o regulamento e criar um quadrangular final entre os dois melhores times da primeira e da segunda divisão para apontar o Campeão Brasileiro de 1987 e os representantes do Brasil na Taça Libertadores da América do ano seguinte.

Os clubes participantes do Módulo Verde rejeitaram a proposta, e Sport Club do Recife e Guarani Futebol Clube, de Campinas-SP, foram considerados, respectivamente, campeão e vice-campeão Brasileiro daquele ano. As disputas judiciais se arrastaram durante anos, e atualmente a CBF considera o Sport o campeão, mas o Superior Tribunal de Justiça Desportiva – STJD – deu ganho de causa ao Flamengo.

Depois de todos esses problemas, ficou decidido que o torneio voltaria para o controle da CBF a partir do ano seguinte. Algumas irregularidades e problemas principalmente nas questões de acesso e descenso entre divisões fizeram com que a Confederações enfrentasse disputas judiciais.

Em 1991, por exemplo, o Grêmio-RS foi rebaixado à Segunda Divisão, torneio que disputou em 1992. Como fazia uma campanha ruim e provavelmente não conseguiria o acesso, foi beneficiado por uma medida que aumentou o número de equipes que passariam da Série B para a Série A de 1993.

Já em 1996, o Fluminense-RJ (juntamente com o Esporte Clube Bragantino, de Bragança Paulista-SP) foi rebaixado. Problemas com a arbitragem durante o campeonato fizeram com que os clubes pressionassem a CBF e cancelassem o rebaixamento das duas equipes. O Fluminense, salvo em 1996, acabou rebaixado novamente em 1997, e disputou a segunda divisão em 1998. Mais uma vez rebaixado, teve que disputar a terceira divisão em 1999.

O Campeonato Brasileiro da primeira divisão de 1999 foi mais um que teve problemas. Algumas partidas foram anuladas, o que fez com que as tabelas de rebaixamento fossem alteradas, e houvessem mais disputas jurídicas. Depois de alguns meses de impasse, ficou decidido que os clubes ficariam responsáveis por organizar o campeonato de 2000, a exemplo de 1987. Uma fórmula confusa fez com que um time da segunda divisão, o São Caetano-SP, decidisse o título contra o Vasco da Gama (que ficou com o título).

Em 2001, a CBF retomou o controle do campeonato, que a partir de 2003 (e pelo menos até 2007, pelo que foi anunciado) é disputado em sistema de pontos corridos (todos os times da se enfrentam em dois turnos, o que soma mais pontos ao final é considerado o campeão).

A última grande influência “extra-campo” no Campeonato Brasileiro de Futebol aconteceu em 2005, quando foi descoberto um esquema de manipulação de resultados que envolvia empresários, árbitros e *sites* de apostas esportivas. Os árbitros Edílson Pereira de Carvalho e Paulo José Danelon, réus confessos, foram banidos do futebol, e as partidas que Edílson apitou na Série A do Campeonato Brasileiro (onze no total) foram anuladas, gerando uma grande discussão. O Sport Club Corinthians Paulista conquistou o título, sob muitos protestos do Sport Club Internacional, que seria o vencedor do torneio se fossem desconsideradas as anulações.

Outro torneio importante na história do futebol brasileiro é a Copa do Brasil, disputada a partir de 1989. O torneio, que em suas primeiras edições reunia apenas os campeões estaduais e os vice-campeões de alguns estados, atualmente é disputado pelas melhores equipes do Ranking da CBF, além de outras indicadas pelas federações estaduais. Desde 2001, os times que jogam a Taça Libertadores da América não participam da Copa do Brasil.

Campeões e vice-campeões dos principais torneios de interclubes do Brasil:

Ano	Campeão	Vice-Campeão	Torneio
1959	Bahia-BA	Santos-SP	Taça Brasil
1960	Palmeiras-SP	Fortaleza-CE	Taça Brasil
1961	Santos-SP	Bahia-BA	Taça Brasil
1962	Santos-SP	Botafogo-RJ	Taça Brasil
1963	Santos-SP	Bahia-BA	Taça Brasil
1964	Santos-SP	Flamengo-RJ	Taça Brasil
1965	Santos-SP	Vasco da Gama-RJ	Taça Brasil
1966	Cruzeiro-MG	Santos-SP	Taça Brasil
1967	Palmeiras-SP Palmeiras-SP	Náutico-PE Internacional-RS	Taça Brasil Torneio Roberto Gomes Pedrosa
1968	Botafogo-RJ Santos-SP	Fortaleza-CE Internacional-RS	Taça Brasil Torneio Roberto Gomes Pedrosa
1969	Palmeiras-SP	Cruzeiro-MG	Torneio Roberto Gomes Pedrosa
1970	Fluminense-RJ	Palmeiras-SP	Torneio Roberto Gomes Pedrosa

1971	Atlético-MG	São Paulo-SP	Campeonato Brasileiro
1972	Palmeiras-SP	Botafogo-RJ	Campeonato Brasileiro
1973	Palmeiras-SP	São Paulo-SP	Campeonato Brasileiro
1974	Vasco da Gama-RJ	Cruzeiro-MG	Campeonato Brasileiro
1975	Internacional-RS	Cruzeiro-MG	Campeonato Brasileiro
1976	Internacional-RS	Corinthians-SP	Campeonato Brasileiro
1977	São Paulo-SP	Atlético-MG	Campeonato Brasileiro
1978	Guarani-SP	Palmeiras-SP	Campeonato Brasileiro
1979	Internacional-RS	Vasco da Gama-RJ	Campeonato Brasileiro
1980	Flamengo-RJ	Atlético-MG	Copa Brasil (Nova denominação do Campeonato Brasileiro)
1981	Grêmio-RS	São Paulo-SP	Copa Brasil
1982	Flamengo-RJ	Grêmio-RS	Copa Brasil
1983	Flamengo-RJ	Santos-SP	Copa Brasil
1984	Fluminense-RJ	Vasco da Gama-RJ	Copa Brasil
1985	Coritiba-PR	Bangu-RJ	Copa Brasil
1986	São Paulo-SP	Guarani-SP	Campeonato Brasileiro
1987	Flamengo-RJ Sport-PE	Internacional-RS Guarani-SP	Copa União – Primeiro Módulo Copa União – Segundo Módulo
1988	Bahia-BA	Internacional-RS	Copa União
1989	Vasco da Gama-RJ Grêmio-RS	São Paulo-SP Sport-PE	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1990	Corinthians-SP Flamengo-RJ	São Paulo-SP Goiás-GO	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1991	São Paulo-SP Criciúma-SC	Bragantino-SP Grêmio-RS	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1992	Flamengo-RJ Internacional-RS	Botafogo-RJ Fluminense-RJ	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1993	Palmeiras-SP Cruzeiro-MG	Vitória-BA Grêmio-RS	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1994	Palmeiras-SP Grêmio-RS	Corinthians-SP Ceará-CE	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1995	Botafogo-RJ Corinthians-SP	Santos-SP Grêmio-RS	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1996	Grêmio-RS Cruzeiro-MG	Portuguesa-SP Palmeiras-SP	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1997	Vasco da Gama-RJ Grêmio-RS	Palmeiras-SP Flamengo-RJ	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1998	Corinthians-SP Palmeiras-SP	Cruzeiro-MG Cruzeiro-MG	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
1999	Corinthians-SP Juventude-RS	Atlético-MG Botafogo-RJ	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
2000	Vasco da Gama-RJ Cruzeiro-MG	Palmeiras-SP São Paulo-SP	Copa João Havelange Copa do Brasil
2001	Atlético-PR Grêmio-RS	São Caetano-SP Corinthians-SP	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
2002	Santos-SP Corinthians-SP	Corinthians-SP Brasiliense-DF	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
2003	Cruzeiro-MG Cruzeiro-MG	Santos-SP Flamengo-RJ	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
2004	Santos-SP Santo André-SP	Atlético-PR Flamengo-RJ	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
2005	Corinthians-SP Paulista-SP	Internacional-RS Fluminense-RS	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil

2006	São Paulo-SP Flamengo-RJ	Internacional-RS Vasco da Gama-RJ	Campeonato Brasileiro Copa do Brasil
-------------	-----------------------------	--------------------------------------	---

Quadro 2: vencedores dos principais torneios entre clubes do Brasil

3 MÍDIA E JORNALISMO ESPORTIVO

O futebol e o jornalismo esportivo tem histórias intimamente ligadas. A mídia esportiva nasceu a partir do momento em que o interesse do brasileiro pelo futebol foi se tornando maior. Ambos, jornalismo esportivo e futebol, cresceram juntos, sob influência um do outro. Faremos então um breve histórico dessa relação no país até os dias atuais, quando o *Lance!*, objeto de estudo desta pesquisa, é o diário esportivo de maior tiragem e circulação no Brasil.

3.1 HISTÓRICO DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Podemos dizer que a história do jornalismo esportivo brasileiro é recente. Quando o futebol chegou ao Brasil, no final do século XIX, já existia na Itália um diário dedicado exclusivamente à cobertura, o *La Gazzetta Dello Sport*, fundado em 1886, exatos 14 anos antes de a primeira competição oficial de futebol no Brasil.

Os jornais brasileiros da época (como *O Estado de S.Paulo*, *Jornal do Brasil* e os hoje extintos *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*), dedicavam pouquíssimo espaço aos esportes. Durante muito tempo, não existia cobertura dos eventos, nem jornalistas dedicados ao esporte. Os jornais publicavam apenas os resultados das partidas.

O futebol começou a se desenvolver e a ganhar importância e popularidade no país. Um dos primeiros veículos de comunicação a perceber essa tendência foi um jornal paulista dedicado à colônia italiana chamado *Fanfulla*. Os italianos, mais ligados ao esporte, encontravam na publicação algumas páginas que contavam os acontecimentos de diversas modalidades, mas principalmente do futebol.



Figs.20 e 21 – O jornal italiano *La Gazzetta Dello Sport*– Capas de 1896 (esq.) e 2006 (dir.)

A popularidade do futebol e do *Fanfulla* entre a colônia italiana era tão grande que, de um anúncio em suas páginas, alguns deles se juntaram e fundaram o Palestra Itália, clube paulistano que, durante a Segunda Guerra Mundial passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras, um dos maiores da história esportiva do país.

O crescimento da cobertura esportiva nos jornais brasileiros foi lento, mas nunca cessou. O futebol e o turfe eram os assuntos preferidos, principalmente nas publicações do Rio de Janeiro. Alguns acontecimentos, como a construção de grandes estádios nos anos 20 e a conquista dos títulos sul-americanos de 1919 e 1922 pela Seleção do Brasil fizeram com que o futebol ganhasse cada vez mais importância na sociedade brasileira.

Não apenas os resultados de campeonatos de clubes e seleções ganhavam destaque na cobertura esportiva do Brasil. As polêmicas causadas pela discussão sobre a profissionalização ou não do futebol, além da participação dos negros em um esporte que era considerado próprio da sociedade aristocrática geraram várias discussões.

Com a diminuição do caráter elitista e o crescimento da participação dos negros, o futebol se tornou uma febre no país. Em meados década de 1920 surgem duas revistas esportivas, ainda “elitistas” (como, aliás, eram a grande maioria das publicações àquela época): *Sport Illustrado* e *Vida Sportiva*. Em 1928, o jornal *A Gazeta* passa a circular com o suplemento *A Gazeta Esportiva*.

Foi em 1931 que, percebendo esse crescimento, o empresário Argemiro da Silva Bulcão, ao lado de Mário Filho (que empresta seu nome ao Maracanã, construído para a Copa do Mundo de 1950 e durante muitos anos tido como “o maior estádio do mundo”) fundaram o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro. Ainda na década de 30, o “cor-de-rosa” (apelido em referência às cores das páginas, inspiradas no italiano *La Gazzetta Dello Sport*) foi vendido para o próprio Mário Filho.



Figs.22 e 23 – Jornal dos Sports – Capas de 1974 (esq.) e 2006 (dir.)

Também em 1931, aconteceu a primeira transmissão de uma partida de futebol ao vivo pelo rádio no Brasil. O narrador Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, fez a cobertura da vitória da Seleção Paulista sobre a Seleção Paranaense por 6 x 4, no dia 19 de julho. Tuma, que

no começo trabalhou sem comentaristas ou repórteres, criou um estilo de narração que perdura até os dias atuais. A fala rápida lhe rendeu o apelido de “Speaker Metralhadora”.

Retomando o assunto “popularização do futebol”, a presença dos negros foi se mostrando cada vez mais importante para a chegada do esporte a todas as camadas da sociedade do Brasil. Em 1934, um negro brasileiro foi à Copa do Mundo pela primeira vez. Era Leônidas da Silva, que despontava como um grande ídolo do futebol no país. Quatro anos mais tarde, houve uma grande mobilização popular com a primeira boa participação do Brasil em uma Copa do Mundo (chegando à quarta posição).

Se aproveitando dessa mobilização, os veículos de comunicação da época começaram a dar maior destaque ao esporte. Os jornais eram a grande fonte de informação dos torcedores que queriam acompanhar a Copa do Mundo, que se desenrolava na França. As publicações divulgavam boletins com os resultados dos jogos, e um grande número de pessoas se aglomerava para receber as notícias. A Copa de 1938 foi, também, a primeira transmitida via rádio para o Brasil.

A partir de então, foi crescendo a importância dada ao esporte por rádios e jornais impressos. Cada vez mais jogos, de clubes e seleções, eram transmitidos pelas rádios de todo o país. O espaço dedicado ao esporte nos jornais impressos crescia. Em 1947 surge, em São Paulo *A Gazeta Esportiva*, o segundo diário especializado em esporte no país.

Nas décadas de 1930 e 1940, mais uma tendência se consolida no jornalismo esportivo, e faz com que o esporte cresça em popularidade: os cronistas e articulistas. O mais famoso deles foi Nelson Rodrigues, irmão de Mario Filho. Nelson explicitava em seus textos a paixão pelo Fluminense. O flamenguista Mário, por sua vez, respondia no mesmo tom. Juntos, eles fizeram com que o clássico entre Flamengo e Fluminense ganhasse em importância e em popularidade.

Com a realização da Copa do Mundo no Brasil em 1950, e o advento da TV, no mesmo ano, o esporte ganhou maior força econômica no país. O surgimento da TV impulsionou o jornalismo esportivo impresso, que tinha que ter mais credibilidade (pois o leitor também podia ver e conferir na TV aquilo que se passava nos campos, pistas e quadras).

Foi apenas na década de 1960 que os grandes jornais do país criaram seus cadernos específicos de esportes. A grande maioria deles sofreu alterações ao longo dos anos, pois os veículos viam no esporte um grande filão para alavancar as vendas. Assim, algumas iniciativas eram tomadas para chamar a atenção do público.

Em 1970, ano do tricampeonato da Seleção Brasileira em Copas do Mundo, conquistado com a vitória no México, a editora Abril lança a revista Placar, a maior do país especializada em futebol em todos os tempos. Surge também a Loteria Esportiva, que não demorou a se popularizar no país.



Figs.24 e 25 – Revista Placar – Capas de 1973 (esq.) e 2006 (dir.)

Nas décadas seguintes, o jornalismo esportivo impresso, em TV e em rádio crescia e se modificava, sempre em busca da simpatia e da fidelidade do leitor, que tinha então várias opções para obter a informação sobre a Seleção ou sobre seu clube preferido.

A década de 80 pode ser considerada de extrema importância para a mídia esportiva do Brasil. Para concorrer com o *Jornal dos Sports*, os grandes jornais do país criaram cadernos coloridos para o noticiário esportivo, algo que raramente era encontrado até então.

A Copa do Mundo de 1982, na Espanha, marcou uma série de inovações e feitos expressivos. A TV Globo, por exemplo, mandou uma equipe de mais de 150 profissionais e transmitiu 150 horas de cobertura da Copa, contando partidas ao vivo, noticiários e resenhas esportivas. Isso devido a um grande crescimento no número de televisores no Brasil. Os aparelhos começavam a ficar mais acessíveis àquela época. Os índices de audiência foram fantásticos, chegando a 80 milhões de pessoas em 28 dias de Mundial.

Também nesta Copa do Mundo, o *Jornal do Brasil* inovou, criando uma redação em Madri, capital da Espanha, e imprimindo um tablóide, que fez relativo sucesso: cerca de cinco mil exemplares eram vendidos diariamente, em média. O jornal *O Estado de S.Paulo* usou uma tecnologia inédita, com microcomputadores, para enviar os textos ao Brasil.

No final da década de 80 e no início da de 90 houve um período ruim para as publicações esportivas especializadas. Revistas como a *Saque* (que falava sobre vôlei) e a *Lance Livre* (basquete) não emplacaram, e foram extintas. A *Placar* também viveu seu período de “entressafra”, e ficou por anos produzindo apenas edições especiais. A periodicidade mensal da revista só voltaria no final de 1994, com um projeto novo, que também não deu muito certo. Depois de oscilar entre períodos de periodicidade mensal e semanal, a revista voltou a circular apenas em edições esporádicas. Mais recentemente, voltou a sair de mês em mês.

A década de 90 marcou mais uma “revolução” no jornalismo esportivo do Brasil. Com a popularização da internet, os *sites* esportivos se destacaram. Todos os grandes portais, como *Uol*, *Terra* (antes conhecido como *Zaz*), *América OnLine*, *iG* e *Globo.com* lançaram suas páginas dedicadas aos esportes.

A criação da internet, que apresentava uma série de características interessantes para a cobertura jornalística (como facilidade de acesso e possibilidade de atualização imediata). Buscando explorar essas múltiplas possibilidades, os grupos de Comunicação direcionaram boa parte dos seus investimentos para os *websites*. Os próprios jornais impressos e rádios lançaram páginas na internet.

Boa parte dos profissionais da área, pessoas seduzidas por melhores salários e condições de trabalho, trocou as redações de jornais impressos, TVs e rádios pelas dos portais de internet. Com o passar do tempo, porém, o mercado foi ficando mais escasso. Os websites passaram a utilizar os serviços de agências de notícias, e o número de profissionais contratados para trabalhar na editoria de esporte dos portais diminuiu.

Foi na época do “boom” da internet que o *Lance!*, objeto de estudos do presente trabalho, surgiu. Fundado em 1997, o jornal lançou seu site na internet antes mesmo de levar sua versão impressa às ruas. As histórias do jornal e da empresa serão contadas no próximo subcapítulo do trabalho.

Também na década de 1990, apareceu um outro “fenômeno” para o jornalismo esportivo: as redes de televisão por assinatura. Alguns canais foram criados especificamente para a cobertura de esportes, como o Sportv (das Organizações Globo), a ESPN e a ESPN Brasil (canal com sede no exterior, que criou suas filiais no Brasil) e a Panamerican Sports Network (ou PSN), multinacional que, assim como alguns portais de internet, não conseguiu se sustentar e fechou.

A crise também foi notada nos meios impressos. Com o surgimento do *Lance!*, por exemplo, o *Jornal dos Sports* perdeu espaço, e diminuiu sua tiragem. Além disso, passou por reformulações estruturais e editoriais para conseguir se manter. Já o paulista *Gazeta Esportiva*

não resistiu às pressões do mercado, e encerrou suas atividades com jornalismo impresso, mantendo apenas o site *GazetaEsportiva.net*.

Atualmente, as emissoras de TV são as responsáveis por boa parte da renda dos clubes brasileiros. As cotas de transmissão dos torneios (bem menores do que recebidas pelos clubes, diga-se de passagem) são negociadas com grande antecedência e, normalmente, são uma “válvula de escape” para os clubes que estão em dívidas. Não é raro um clube pedir adiantamento desses valores.

O rádio, por sua vez, perdeu um pouco de espaço. Depois de viver a chamada “era de ouro”, o veículo vive um tempo de vacas magras. Os anunciantes foram ficando cada vez mais escassos depois da chegada da TV (e principalmente da popularização das transmissões ao vivo) ao futebol.

O jornalismo impresso parece ter se estabilizado. O *Jornal dos Sports*, a partir do crescimento do *Lance!*, fez várias mudanças, e parece ter se estabilizado. O *Lance!* lidera o mercado de acordo com pesquisas do Ibope, e os grandes jornais não deixam de dedicar algumas páginas ao esporte (alguns deles, como os cariocas *Extra* e *O Dia* têm cadernos esportivos e suplementos completamente destacáveis do restante do jornal).

Já a internet parece ter se consolidado como grande fonte de consulta e obtenção de informação esportiva. Além das notícias, atualmente é possível ouvir a grande maioria das rádios brasileiras via internet. Existe também o acompanhamento de partidas ao vivo, feito por alguns sites como Terra, Uol e Oi Internet, que consiste na “narração” escrita, ao vivo, de partidas de futebol e de outros esportes.

A TV por assinatura também tem força. Desde 2004, todas as partidas do Campeonato Brasileiro da Série A (Primeira Divisão) são transmitidas ao vivo pelas emissoras por assinatura (seja no sistema comum de transmissão ou no *pay-per-view* – sistema onde o assinante de TV a

cabo ou via satélite paga para assistir a uma partida específica). ESPN e Sportv disputam a liderança do mercado, com programações diárias voltadas exclusivamente para o esporte.

3.2 O JORNAL *LANCE!*

O *Lance!*, objeto deste estudo de caso, está consolidado com o maior jornal impresso esportivo do país. Além do jornal, o grupo *Lance!* tem uma revista mensal (a *Lance! A+*, que circula aos sábados juntamente com o jornal em algumas cidades e é vendida separadamente em outras), um portal de internet (www.lancenet.com.br), uma agência de notícias (*Lancepress!*), além de rádio e TV via internet. O grupo foi criado em 1997 e até hoje é presidido por Walter de Mattos Junior, ex-vice-presidente do jornal *O Dia*. Apesar de sempre investir na criação de novos produtos, o jornal impresso sempre foi o carro-chefe do *Lance!*.

O diário surgiu depois de pesquisa e observação de projetos semelhantes na Europa. Walter de Mattos Junior e outros profissionais viajaram ao “velho continente” em 1996, e observaram jornais esportivos como o francês *L'Équipe* e o espanhol *Marca*, ambos com tiragem superior a dois milhões de exemplares diários, sendo os de maior circulação entre todos os jornais de seus países.

Além dos diários europeus, foram observados também projetos de outros lugares do mundo. A grande referência e inspiração para o *Lance!* foi o jornal *Olé*, grande diário esportivo do grupo de comunicação argentino *Clarín*. Irreverente, e com design inovador, o tablóide foi tão bem avaliado pelos criadores do *Lance!* que o responsável por seu projeto editorial foi contratado para criar o do jornal brasileiro.



Figs. 25 e 26 – Capas de 2006 dos jornais L'Équipe (esq.) e Marca (dir.)



Figs. 27 e 28 – Capas do Olé (esq.) e do Lance! (dir.): semelhanças no projetos gráficos

O projeto inicial do *Lance!* custou 30 milhões de dólares. Walter de Mattos Junior conseguiu angariar fundos com vários investidores fortes, como as organizações Globo, o Banco

Bozzano-Simonsen, a Petroserv Investimentos e o Fundo de Investimentos Dynamo, que viabilizaram a criação do jornal.

Desde sua concepção, o *Lance!* se mostrou um jornal diferenciado dos demais. Pela primeira vez, um jornal brasileiro seria totalmente colorido. A tinta empregada na impressão do jornal era diferente daquela utilizada nos demais diários do país. Além de não ser poluente, ela não se solta facilmente do papel.

O *Lance!* também inovou no formato: era o primeiro diário esportivo do país do tipo tablóide (assim como o *Olé*). As páginas, que a princípio mediam 39,5 cm de “altura” por 29,5 cm de largura, sofreram uma pequena redução, passando para 38 cm x 29 cm. As páginas são grampeadas. Em determinadas ocasiões (principalmente aos domingos, segundas-feiras e quintas-feiras, dias seguintes à maioria das partidas de futebol), a capa dobra de tamanho, ou seja: é impressa no sentido contrário, e a contracapa vira parte da capa, que, aberta nas bancas, ganha destaque e fica com 58 cm x 38 cm.

Outra inovação do jornal foi a criação de duas redações para o jornal, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. Pela primeira vez, um diário esportivo brasileiro teria duas edições regionais, uma paulista e uma carioca. Boa parte do conteúdo era compartilhada entre as duas edições, principalmente notícias sobre futebol internacional, clubes de outras regiões do país e informações sobre outros esportes que não o futebol.

As notícias dos clubes destes estados, porém, eram diferentes. Cada edição dedica a capa e o maior número de páginas para a cobertura dos clubes de seu estado. O jornal experimentou também uma edição paranaense. O projeto não deu certo, e acabou sendo abandonado. Recentemente foi criada uma edição mineira do jornal. Uma pequena redação foi montada em Belo Horizonte, e cobre diariamente Cruzeiro e Atlético-MG, além do América-MG

e dos clubes do interior (com o auxílio de colaboradores), principalmente o Ipatinga, que conseguiu vaga na segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

Esporadicamente, são publicadas capas especiais do jornal em determinadas regiões. Até mesmo a cidade de Juiz de Fora já teve uma capa especial. Foi no dia 10 de outubro de 2006, dia seguinte à contratação frustrada de Romário pelo Tupi Fott Ball Club, time de futebol da cidade. A foto do jogador com a camisa do clube estampou a capa, que tinha uma matéria sobre a transação que acabou não se concretizando. A cidade, que tem uma boa aceitação do jornal, é a única que conta com a circulação de duas edições do *Lance!*: a carioca (devido à forte presença de torcedores dos times do Rio de Janeiro na cidade) e a mineira, que passou a ser encontrada depois de algum tempo de circulação.

Quando o jornal foi fundado, Walter de Mattos Junior criou um conselho editorial com jornalistas experientes, vindos de vários locais e veículos do país. Além destes profissionais, foram contratados vários jovens recém-formados. Foram realizados processos seletivos, que contaram com mais de mil candidatos em São Paulo e no Rio de Janeiro. No total, foram contratados 150 jornalistas para as duas redações.

Para auxiliar a implantação do jornal, foram realizados seminários, com a participação de profissionais de alguns dos jornais citados, como *Marca*, *L'Équipe* e *Olé*, e de outros, como o português *A Bola*. Os profissionais tinham receio de o projeto não dar certo, como conta Marcelo Barreto, que era Editor-Executivo do *Lance!* em sua fundação, em entrevista concedida ao Jornalista Ricardo Corrêa de Almeida, em sua Monografia, elaborada no segundo semestre de 2003, na Faculdade de Comunicação da UFJF (página 97):

A gente nunca tinha visto nada remotamente parecido por aqui. As experiências que a gente tinha como referência na imprensa esportiva eram o *Jornal dos Sports* no Rio de Janeiro e a *Gazeta Esportiva* em São Paulo, que basicamente tinham a mesma fórmula desde os anos 50. Mesma fórmula, mesmo formato, mesma característica visual. Então a única coisa que a gente sabia àquela altura

do campeonato é que a gente queria ser diferente. O que é esse “ser diferente” foi o que dominou nossas discussões antes e depois, imediatamente depois do lançamento.

Além dos 150 jornalistas nas duas redações, o Lance! contava com uma grande equipe de colunistas (entre eles alguns conhecidos como “os Doentes”, personagens fictícios representando as torcidas dos principais clubes do país), chargistas, fotógrafos e colaboradores e correspondentes em Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador, Curitiba e em cidades do exterior como Madrid, Milão, Roma, Barcelona, Paris, Boston, Lisboa e Tóquio. Informações de agências de notícias nacionais e internacionais complementavam as páginas do diário.

Em 2000, o jornal implantou mais uma novidade: passou a circular juntamente com o jornal, em sua edição de sábado, na região sudeste, (e vendida avulsa nas bancas na semana seguinte) a revista *Lance! A+*, especializada em outros esportes que não o futebol. Apesar de não fazer com que as vendas crescessem, a revista se consolidou e circula até hoje.

Cerca de um ano depois do lançamento, o jornal conseguiu ultrapassar a marca dos 100.000 exemplares, quando o São Paulo venceu o Campeonato Paulista. Entretanto, as vendas não chegaram aos patamares esperados pelos donos do jornal, e começaram a acontecer demissões. Ao diminuir o número de profissionais, logo após a Copa do Mundo de 1998, o *Lance!* finalmente passou a ter lucro.

Mesmo com os lucros, porém, problemas como as crises econômicas pelas quais o Brasil passou, e os custos de produção cada vez mais altos (a tinta do jornal é mais cara do que a comum, e é importada, ou seja: aumentou muito nos períodos de alta do dólar), o jornal teve que diminuir seus salários, o que originou uma debandada dos jornalistas renomados e até daqueles que começaram a trabalhar no próprio jornal, e que se destacaram nos primeiros anos de existência do diário. Atualmente, a rotatividade no *Lance!*, na *Lance! A+* e no *Lance!Net* é imensa.

A maior circulação do jornal até hoje foi em 2002, um dia após a final da Copa do Mundo conquistada pelo Brasil, quando foram vendidos 500.000 jornais. Pesquisas do Ibope apontam que o *Lance!* vende cerca de 100.000 exemplares nas segundas-feiras, cerca de 90.000 nas quintas e pouco mais de 80.000 nos outros dias da semana. O site *Lance!Net* é considerado um sucesso de público, e tem mais de 1.200.000 usuários cadastrados, e cerca de 120.000 acessos diários. Atualmente, o diário circula em todos os estados do Brasil, exceto no Rio Grande do Sul.

Além disso, a agência de notícia *Lancepress!* é contratada por grandes portais de internet, como o *Terra* (www.terra.com.br), jornais nacionais (inclusive a *Tribuna de Minas* e o *Panorama*, de Juiz de Fora) e do exterior. O jornal tem também outros empreendimentos, como o *Lance!Mobile* (envio de mensagens de texto com noticiário para telefones celulares) e o portal de jogos eletrônicos *Lance!Games*.

Mais recentemente, o portal *Lance!Net* foi reformulado. O site conta com a cobertura de boa parte dos clubes do país (através do programa *Craque do Futuro*, que contrata estudantes de jornalismo, que se responsabilizam pela cobertura dos clubes chamados “pequenos”). Também ganharam destaque a *Rádio Lance!* e a *TV Lance!*, que produzem programas veiculados apenas via internet.

3.3 O PROJETO COPA 2006 DO LANCE!

A equipe do *Lance!* preparou uma estratégia especial para a cobertura da Copa do Mundo de 2006. Mais experiente, pois já tinha no currículo a participação nos dois Mundiais anteriores (1998, na França, e 2002, no Japão e na Coreia do Sul), a equipe do jornal se organizou para tentar fazer com que as vendas fossem boas. Desde antes do Mundial, havia uma expectativa

de baixa venda do diário nas bancas (salvo na possibilidade de conquista do título pelo Brasil), como conta o editor-chefe do diário.

Essa [números sobre a circulação do jornal na época da Copa do Mundo] é uma informação confidencial, porém as vendas foram ruins, a exemplo do que aconteceu com a concorrência. O mau desempenho do Brasil interferiu decisivamente na vendagem. (GOMES, Luiz Fernando, Apêndice 8.1).

Assim que o Brasil confirmou sua classificação para a Copa do Mundo de 2006, com uma vitória por 5 x 0 contra o Chile pelas Eliminatórias Sul-Americanas para o Mundial, no dia 04 de setembro de 2005, os editores do jornal já começaram a pensar na cobertura. No final daquele ano, foram enviados à Fifa os nomes dos jornalistas escalados para a cobertura, para que fosse feito o credenciamento. As duas redações principais do jornal – São Paulo e Rio de Janeiro – enviaram profissionais, que foram escolhidos a partir de sugestões de pautas especiais, que diferenciassem a cobertura do *Lance!* das coberturas dos demais veículos.

Pela divisão inicial, a editoria de São Paulo enviaria dois ou três repórteres (quatro foram pré-selecionados) e a editoria Rio três, incluindo-se aí um fotógrafo e dois repórteres. Com a aproximação da Copa, a equipe foi se ajustando a partir das idéias das pautas especiais e com a inclusão de colunistas, que necessariamente seriam exclusivos do diário. (VIEIRA, Carlos Alberto, Apêndice 8.2)

Depois de alguns ajustes, ficou definido que viajariam à Alemanha seis repórteres e um fotógrafo. Quatro repórteres (Carlos Alberto Vieira, Maurício Oliveira, Marcel Rizzo e Zé Gonzalez) ficaram responsáveis pela cobertura de jogos e treinamentos das Seleções. Outros dois (Eduardo Tironi e Jefferson Rodrigues) faziam matérias especiais, contando o dia-a-dia no país da Copa do Mundo. Além das fotos do enviado Júlio César Guimarães, que cobria principalmente as atividades da Seleção Brasileira, o jornal contou com imagens de agências internacionais.

Para os textos jornalísticos, mais uma novidade. O jornal se associou a outros cinco diários, todos de países cujas seleções disputavam a Copa do Mundo, e formou uma parceria para ampliar a cobertura do torneio. Os textos dos enviados especiais de cada um desses jornais (além do *Lance!*, o *Olé*, da Argentina; o *Récord*, do México; o *El Universo*, do Equador; o *El Mundo*

Deportivo, da Espanha; e o *ABC Color*, do Paraguai) eram disponibilizados para os editores de todos eles, e publicados em seus sites de internet e versões impressas.

Além dos jornalistas, também foram enviados colunistas à Europa. Alguns, já tradicionais do jornal, como o renomado Armando Nogueira, o ex-árbitro e colunista de arbitragem José Roberto Wright (que também trabalhou como comentarista da Rede Globo), Bob Fernandes (que escrevia “A Crônica do Dia”, texto que abria a cobertura da Copa do Mundo, sempre na página 5 do jornal) e Paulo Vinícius Coelho. Todos estes estavam na Alemanha. Além deles, alguns permaneceram no Brasil, e analisavam as partidas pela TV. Durante a Copa do Mundo, o meia-atacante Ronaldinho Gaúcho também assinou algumas colunas, que originalmente eram publicadas em espanhol no diário *El Mundo Deportivo*. Todo esse investimento foi justificado pelo favoritismo do Brasil antes do torneio, como conta o Editor de Mídias do grupo *Lance!*, em entrevista concedida ao autor da Monografia (Apêndice 8.2).

O Brasil sempre é visto como o favorito, e a Copa é uma competição de extrema visibilidade. O torneio em si já vale o investimento em pessoal. O que ocorreu foi que durante os meses anteriores à Copa se imaginou uma cobertura mais diferenciada. E daí surgiu a idéia do repórter intinerante, por exemplo.

As duas redações do Brasil também trabalharam em dedicação quase exclusiva à Copa do Mundo no período compreendido entre os dias 7 de junho (dois dias antes da abertura do Mundial) e 2 de julho (dia seguinte à derrota do Brasil para a França. A partir do dia 3, o volume de material publicado sobre a Copa do Mundo diminuiu consideravelmente no jornal).

A redação paulista do jornal era responsável pelo fechamento das páginas de cobertura da Seleção Brasileira (que ocupava normalmente a metade da cobertura da Copa do Mundo). Já a redação carioca era responsável por cobrir e fechar as páginas de todas as demais seleções que disputavam o torneio.

Foram feitos investimentos em produtos especiais, como um Guia da Copa do Mundo, vendido separadamente e contendo fichas técnicas de jogadores, seleções e estádios da Copa. No dia da abertura do torneio, 9 de junho, foi publicado também um caderno especial, chamado de “A Copa Aqui”, com dicas de locais para festas durante os jogos e programação televisiva para o Mundial, entre outras matérias. Um boné licenciado, fabricado pelo Grupo *Lance!* com a logomarca oficial da Copa, também foi vendido separadamente nas bancas.

Todas essas mudanças e intervenções na estrutura do jornal serviram para mudar o foco do diário (que normalmente está nos clubes brasileiros de futebol), transferindo-o para a Copa do Mundo. Neste período, estava em vigor o *Projeto Copa do Lance!*, que pretendia, a partir dos detalhes citados anteriormente, desenvolver um jornal diferenciado, e alavancar as vendas no período da Copa do Mundo.

Para isso, desde o dia 7 de junho, o jornal passou a circular com o que foi chamado de “Dois diários em um só” (texto da capa do próprio dia 7 de junho). Enquanto a Copa do Mundo ficava com a maioria das páginas (normalmente dois terços) os clubes brasileiros e os outros esportes eram tratados nas páginas centrais, destacáveis, do jornal. A idéia não vingou, e a divisão dessa forma só durou até o dia 13 de junho (dia da estréia do Brasil no Mundial). A partir do dia 14, as notícias dos clubes e dos outros esportes eram publicadas nas páginas finais do diário, precedidas por uma “capa” interna.

A estrutura do jornal também mudou. Normalmente, as páginas 2 e 3 do diário são reservadas a tabelas de torneios, colunas, charges e o índice ilustrado da edição. No período da Copa do Mundo, as páginas receberam o nome de “Pontapé Inicial”, e traziam sempre duas colunas (uma permanente, chamada “De Prima” e mostrando detalhes dos bastidores da Copa do Mundo, e outra assinada por um dos colunistas do jornal), tratando de temas diversos, além, é claro, de grande destaque para a tabela da Copa do Mundo.

A charge, que era quase diariamente voltada para a Copa do Mundo, vinha na página 4, juntamente com a coluna “Papo da Redação” e a coluna “Fala, doente!” onde os personagens que representam os torcedores dos clubes falavam de suas paixões pela Seleção (foi criado, inclusive, mais um personagem, “Rô Arantes”, um aficionado pelo time brasileiro). Além disso, havia o “Espaço Aberto”, onde eram publicadas diariamente colunas de personalidades ligadas ou não ao esporte, como o presidente Luis Inácio Lula da Silva, o cantor e compositor Chico César, o Ministro do Esporte, Orlando Silva, o governador de Minas Gerais, Aécio Neves e muitos outros.

Na página 5 era publicada “A Crônica do Dia”, textos bem humorados, assinados por Bob Fernandes. Com uma certa dose de lirismo, as crônicas avaliavam detalhes do dia anterior de disputas na Copa do Mundo, cotava favoritos ou mostrava detalhes dos bastidores das concentrações da Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo.

A partir daí, começava a seção “Seleção Brasileira” do jornal. As duas primeiras páginas traziam sempre o assunto principal que envolvia a Seleção (uma partida, a lesão de algum jogador, recordes conquistados ou afins). Logo depois, eram apresentadas as fichas técnicas (quando se tratava de edições de dias de jogos da Seleção ou dos dias seguintes a eles). Também havia, normalmente, uma matéria sobre um jogador da Seleção e outra, mostrando algumas curiosidades no Brasil relativas à Copa do Mundo (ruas pintadas, pessoas que mudam suas rotinas em dias de jogos etc).

Os adversários do Brasil na Copa do Mundo também ficavam na mesma “seção”. Jornalistas e especialistas no futebol destes países eram ouvidos, e os principais jogadores ganhavam destaque. Vale destacar também que o Guaraná Antarctica, patrocinador oficial da Seleção, estampava diariamente uma propaganda de duas páginas próximo à cobertura da Seleção no jornal.

A seguir, começava a cobertura das outras seleções participantes da Copa do Mundo. As equipes que viriam a enfrentar o Brasil eram sempre as que tinham maior destaque, e abriam esta seção do jornal. Logo depois, eram destacados os outros jogos (que não tinham relação direta com a campanha brasileira no Mundial). As equipes de maior tradição, como Alemanha, Itália, Argentina e França, apareciam mais, assim como os times daqueles países que têm grande colônia de imigrantes no Brasil (caso de Portugal, que tinha ainda o técnico brasileiro Luiz Felipe Scolari). Alguns colunistas, como Paulo César Vasconcellos e Armando Nogueira, faziam breves comentários nas páginas de cobertura de jogos e treinamentos das seleções.

As matérias e fichas técnicas das partidas, em sua maioria, eram feitas por jornalistas que acompanhavam os jogos do Brasil, pela televisão. Todos os atletas que participavam dos jogos eram avaliados, e recebiam notas. No caso da Seleção Brasileira, três jornalistas eram responsáveis por essas notas. Cada um avaliava os jogadores com conceitos de um a dez, e era feita uma média.

As seleções dos países cujos jornais eram participantes da parceria internacional também ganhavam algum destaque. Cada um destes veículos tinha pelo menos uma matéria publicada por dia (com seu logotipo estampado). As principais informações sobre as seleções de “menor importância” eram publicadas em duas ou mais páginas de notas curtas.

Depois destas informações, vinham duas páginas assinadas pelo jornalista Eduardo Tironi, em sua coluna “Chucrutes & Salsichões”. Na verdade, Tironi fazia um verdadeiro diário. Como um autêntico “mochileiro”, viajava por toda a Alemanha, conhecendo pessoas e visitando os pontos turísticos do país, sem assistir aos jogos.

As páginas seguintes eram dedicadas ao “Lance!activo”, definido pelo próprio jornal: “Canal exclusivo de comunicação e interação com o leitor. Publicação de mensagens, fotos, e-mails, cornetadas e promoções, fóruns e enquetes! Bem-vindo!”. O espaço era quase totalmente

dedicado à Copa do Mundo. Havia algumas seções especiais, como “No burburinho” (fotos de pessoas que estavam na Alemanha) e “Repórter-torcedor” (mensagens de pessoas que assistiam às partidas no estádio, e contavam a sensação de assistir a uma Copa do Mundo *in loco*). Nestas páginas também eram publicados os passatempos (como palavras-cruzadas que tinham como tema a Copa do Mundo).

A seção seguinte era dedicada à televisão. Havia uma coluna especial, assinada pelo colunista Tutty Vasques, que escreve sobre televisão em sites da internet e já teve colunas assinadas em revistas como *Istoé* e jornais como a *Folha de S. Paulo*. Também havia espaço para a programação televisiva, com destaque para a Copa do Mundo.

Até mesmo o logotipo do jornal, estampado no canto superior esquerdo da capa, sofreu uma alteração durante o período da copa. A marca, uma letra “L” ao lado de um sinal de exclamação, como o texto “O diário dos esportes”, foi trocada por um “L” ao lado de uma foto da taça da Copa do Mundo com a inscrição “O diário da Copa”. No dia 3 de julho (dois dias após a eliminação do Brasil na Copa do Mundo), a capa trazia a taça “caindo” de seu lugar, e a partir do dia seguinte, o logotipo voltava ao normal.

Também no dia 4 de julho, as capas do jornal pararam de destacar a Copa do Mundo. As manchetes principais da edição carioca (usada para a análise a que se propõe este trabalho) entre os dias 4 e 11 de julho destacava a decisão da Copa do Brasil, que seria disputada nos dias 19 e 26 entre duas equipes do estado do Rio de Janeiro (Flamengo e Vasco), exceto em 10/07, dia seguinte à decisão, quando a festa italiana foi o principal destaque.

No mesmo dia, a estrutura do jornal voltou a ser parecida com as de períodos “normais”. A partir da eliminação do Brasil, o jornal declarou sua “torcida” por Portugal, que disputaria o título com Itália, Alemanha e França. O posicionamento ficou claro logo no dia 2 de

julho, quando a capa do jornal trazia a imagem de um bigode, alusivo à tradição portuguesa, e a inscrição “Recorte aqui para continuar acompanhando a Copa do Mundo”.

A tabela da Copa do Mundo, agora na página 2, dividia espaço com informações sobre o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e a Taça Libertadores. A coluna “De Prima” trazia informações sobre a Copa e sobre outros assuntos. O índice e a charge voltaram à página 3.

A seguir, vinham os noticiários dos clubes do Rio de Janeiro. Flamengo e Vasco, por conta da proximidade da decisão da Copa do Brasil, ganhavam maior destaque, seguidos por Fluminense e Botafogo e pelas notícias dos clubes dos demais estados e regiões do Brasil, que dividiam poucas páginas.

A Copa do Mundo voltava a ser destaque depois dos noticiários dos clubes. Os enviados especiais davam grande enfoque à seleção de Portugal (que, no final, ficou com o quarto lugar da Copa do Mundo), mas as outras equipes que chegaram às semifinais, Itália, França e Alemanha, também tinham suas páginas. Mesmo depois da eliminação, a Seleção Brasileira ainda foi destaque por alguns dias. No total, a cobertura da Copa do Mundo não recebia mais do que oito páginas no período, algo considerado satisfatório para o editor de mídias do *Lance!*.

A cobertura teve uma diminuição de páginas sistemática, mas o material sobre a eliminação brasileira ficou forte durante os últimos dias da Copa (vale lembrar que o Brasil caiu na semana final do torneio). Com a eliminação brasileira, a equipe do LANCE! para a final ficou restrita a dois repórteres, um em cada semifinal e, depois, um para cada finalista, o que pode ser considerado padrão em quase toda a imprensa brasileira. (VIEIRA, Carlos Alberto, Apêndice 8.2)

Nos últimos dias de Copa do Mundo, o “Lance!Activo” foi mantido, e o tema Copa do Mundo foi o grande destaque até o final. A repercussão sobre a derrota brasileira motivou uma série de leitores a enviarem textos criticando a participação da Seleção na Copa do Mundo, e a publicação também foi bem grande.

4 RONALDO

O personagem principal deste trabalho é muito mais do que um simples jogador de futebol. Ronaldo é um ídolo, reconhecido e adorado (ou invejado) em todos os lugares por onde passa. Já fez sucesso jogando futebol em clubes do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, da Holanda, da Espanha e da Itália. Sua fama, porém, é imensa em todo o planeta. A África e o Haiti, em tempos conturbados, já reverenciaram o jogador, que é Embaixador da ONU.

Não resta dúvidas de que Ronaldo é, hoje, um dos maiores ídolos que o futebol conhece. Em todo o mundo, ele é reconhecido, admirado e criticado, como todo e qualquer ídolo. Márcio Guerra, em sua tese de Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, explica a forma com que os atletas atingem essa condição (página 62).

(...) É a identificação que determinará a adoção de um ídolo, uma vez que ele é aquele que gostaríamos de ser ou aquele com quem nos identificamos pelo que realiza, especialmente se isso representa a conquista de um ideal, de um sonho que temos. É interessante recorrermos, nesse momento, à prática. Quantos de nós, amantes do futebol, não nos pegamos “atuando” ou “vendo atuar” alguém do nosso lado durante o jogo. Chutamos junto com o atacante, gritamos com o time, cabeceamos, fazemos força para tirar a bola que calmamente caminha contra o nosso gol. Isso sem falar nas superstições. Quem concretiza isso em campo vira o ídolo. Que pode ser momentâneo, por uma partida, por uma semana ou ganhar definitivamente o carinho e a consagração da torcida.

E se é a identificação que cria um ídolo, nada melhor do que explorar essa identificação, como bem fez o jornal em relação a Ronaldo durante toda a cobertura da Copa do Mundo de 2006. Edgar Morin, em *Culturas de Massas no Século XX*, compara os atletas a olímpianos, classificando os produtos da cultura de massa como “o novo Olimpo”, e tratando justamente dessa identificação.

(...) olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação. (MORIN, 1977, p.106-7)

Nas próximas páginas deste trabalho contaremos a história do atleta, e seus principais feitos dentro dos gramados. Suas participações em Copas do Mundo (principalmente na edição de 2006) ganharão destaque especial, pois a cobertura destas é o tema central da Monografia. A conturbada vida pessoal do jogador será deixada um pouco de lado.

4.1 HISTÓRIA E CARREIRA NO FUTEBOL

Em 18 de setembro de 1976, Sônia Barata Nazário de Lima dava à luz seu terceiro e último filho. O menino, que ganhou o nome do médico que realizou o parto, só foi registrado quatro dias mais tarde, por seu pai, Nélio Lima. Por isso, Ronaldo Luiz Nazário de Lima, desde pequeno, comemora seu aniversário duas vezes por ano.

A família sempre morou em Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro. Apesar de nunca ter passado por nenhuma dificuldade financeira grave, a mãe e o pai do atleta sempre se esforçaram muito para conseguir manter e educar os filhos (além de Ronaldo, o casal teve dois filhos: Ione e Nélio Junior). Antes mesmo de Ronaldo completar onze anos, seus pais se separaram. Apesar de não morarem juntos há mais de vinte anos e de terem outros companheiros, eles continuam legalmente casados.

O primeiro contato de Ronaldo com o futebol foi aos quatro anos de idade, quando ganhou do pai uma bola de presente. A partir dali, cada momento de lazer era para Ronaldo a chance de praticar o esporte, em campos de terra batida, em praias ou em quadras do Rio de Janeiro.

Aos nove anos, Ronaldo e alguns amigos começaram a jogar e treinar futebol de salão no Valqueire Tênis Clube, do bairro de Vila Valqueire, no Rio de Janeiro. Curiosamente, ele

começou a jogar como goleiro, mas logo acabaram por descobrir seu verdadeiro talento, como conta James Mosley, no livro *Ronaldo: a Jornada de um Gênio* (página 22):

Felizmente isso [Ronaldo jogando como goleiro] não durou, e ele teve a chance de jogar, a princípio no banco, contra o líder do campeonato, o Vasco. Com o Valqueire perdendo por 2 a 0 no primeiro tempo, a troca não parecia ter o menor impacto; mas no segundo tempo Ronaldo espantou a todos emplacando quatro gols, e o Valqueire causou a maior virada ganhando por 5 a 4. Nunca mais pediram a Ronaldo que ficasse no banco.

Suas atuações no Valqueire impressionaram a todos, e não demorou até que aparecesse Fernando dos Santos Carvalho, que pode ser considerado o primeiro “empresário” da vida de Ronaldo. Carvalho convidou o jogador para treinar no clube Social de Ramos, outro bairro do Rio de Janeiro. Depois de se destacar nos campeonatos de futebol de salão do Rio de Janeiro, Ronaldo recebeu mais um convite. Aos 13 anos, Ronaldo foi mostrar seu potencial para o Flamengo, seu time de coração.

No primeiro dia de testes, se deu muito bem. Foi um dos poucos entre mais de 400 jovens que conseguiu se destacar, e foi convocado a voltar no dia seguinte. Porém, não tinha dinheiro para a passagem de ônibus. Ainda tentou um empréstimo, mas não conseguiu, e acabou perdendo a oportunidade de jogar pelo clube (ou o clube perdeu a oportunidade de contar com Ronaldo).

Um ano mais tarde, o jogador conseguiu uma outra oportunidade, dessa vez em um clube mais modesto. O São Cristóvão de Futebol e Regatas, do bairro de mesmo nome, na Zona Norte do Rio de Janeiro, precisava de jogadores jovens para compor seu time para torneios da cidade. Ary Ferrer de Sá, um dos diretores do clube, recebeu de um outro observador a indicação de Ronaldo para o time.

Não demorou até que ele se destacasse nos treinos, e logo em sua estréia marcou três gols, em partida contra uma equipe chamada Tomazinho, pelo campeonato estadual da categoria Mirim. Aos poucos, todos que assistiam ao menino jogando se encantavam, e viam que ele não

era um jogador comum. Em três anos jogando pelo São Cristóvão, Ronaldo marcou 44 gols em 73 partidas.

O ex-atacante Jairzinho, um dos grandes jogadores da história do Botafogo e da Seleção Brasileira, admirado ao ver as atuações de Ronaldo pelo São Cristóvão, o indicou aos empresários Alexandre Martins e Reinaldo Pitta, que em 1993 contrataram o jogador pagando 7.000 dólares ao clube da Zona Norte do Rio de Janeiro e assumiram a administração de todos os passos de sua carreira. O São Cristóvão não se esqueceu do jogador: em uma das paredes do estádio do clube está pintada a expressão “Aqui nasceu o Fenômeno”.



Fig. 29 – Parede do estádio do São Cristóvão com a inscrição “Aqui nasceu o fenômeno”

Aos 16 anos, o jogador chegava a um grande clube do futebol brasileiro, o Cruzeiro, de Belo Horizonte. Assim como fez em sua primeira partida pelo São Cristóvão, Ronaldo impressionou em sua estréia pelo Cruzeiro. Em um jogo do Campeonato Mineiro de Juniores, contra a equipe do Oliveira, marcou quatro gols na vitória de seu time por 7 x 0.

Depois de menos de três meses se destacando nas categorias de base, ele foi integrado à equipe profissional do Cruzeiro. Não demorou para que começassem as convocações para as categorias inferiores da Seleção Brasileira. Em um torneio internacional nos Estados Unidos, fez

cinco dos oito gols do time Sub-17 do Brasil, e ganhou destaque na imprensa esportiva de todo o país.

Na volta ao Brasil, foi convidado pelo técnico Carlos Alberto Silva, que começava um trabalho no Cruzeiro, a viajar com a equipe para um torneio internacional em Portugal. Os dirigentes do Futebol Clube do Porto, um dos principais de Portugal, se impressionou com o jovem atacante, e ofereceu 500 mil dólares pelo seu futebol. O Cruzeiro não aceitaria receber menos de 750 mil, e a negociação não avançou.

O jogador foi colecionando feitos mais impressionantes a cada competição que disputava. Pela Taça Libertadores de 1994, marcou oito gols em quatro partidas disputadas. Em uma partida pelo Campeonato Brasileiro, a atuação mais marcante de sua carreira, lhe rendendo destaque na imprensa de todo o mundo. Em um jogo contra o Bahia, Ronaldo marcou cinco gols, e virou o principal assunto de jornais, programas de TV e rádio.

As especulações por sua convocação para a Seleção Brasileira foram inevitáveis, e o técnico Carlos Alberto Parreira, tornou o sonho do jogador realidade. Sua estréia foi no dia 21 de março de 1994, contra a Argentina. Aos 17 anos, e tendo disputado apenas 23 jogos pelo time profissional do Cruzeiro (marcando 21 gols) Ronaldo foi chamado para a disputa da Copa do Mundo de 1994 (falaremos mais sobre a participação do jogador nos Mundiais no próximo sub-capítulo).

Apesar de não ter jogado nenhuma partida, sua convocação para a Copa do Mundo abriu os olhos de clubes europeus, que já começavam a oferecer grandes quantias pelo jogador. Depois de recusar a oferta do Cruzeiro de 750 mil dólares, o Porto ofereceu 3 milhões. Equipes da Itália, Alemanha, Espanha, Holanda e França mandaram representantes ao Brasil para avaliar as atuações do jogador pelo Cruzeiro.

Um jogador com quem fez amizade durante a Copa de 1994 foi quem ajudou na escolha de Ronaldo em sua transferência para o futebol europeu. Romário, grande nome do futebol brasileiro à época, recomendou que Ronaldo escolhesse o PSV Eindhoven, da Holanda, time pelo qual tinha jogado, e onde tinha sido muito bem recebido. E assim, por 6 milhões de dólares, Ronaldo deixou o Brasil rumo à Holanda.

Sua primeira temporada na Europa foi fantástica. Depois de marcar na estréia, ele disputou mais 34 partidas, marcando, no total, 33 gols. Logo despertou o interesse da Nike, empresa norte-americana de materiais esportivos, que começava a investir no futebol. Ronaldo, assim como a Seleção Brasileira, foram considerados peças-chave pelos executivos da empresa, que fecharam contratos com ambos para divulgação de sua marca.

Em sua segunda temporada, começou a sofrer com contusões (que seriam constantes em sua carreira), e ficou afastado da maioria das partidas. Participou de 18, marcando 18 gols. Em 1996, foi diagnosticada uma rara doença em seu joelho esquerdo, causada pelo esforço dos movimentos laterais das pernas durante os dribles. A primeira cirurgia estava marcada. Por sorte, tudo correu bem, apesar das chances de afastamento definitivo do futebol.

Depois de mais destaque no PSV, Ronaldo já era o principal alvo dos grandes clubes europeus de futebol. A Internazionale, de Milão, na Itália, sonhava com o jogador, mas tinha receio, e evitou a contratação por conta das freqüentes dores que ele sentia nos joelhos, mesmo depois de operado.

Convocado para a Seleção Brasileira que disputou os Jogos Olímpicos de 1996 em Atlanta, nos Estados Unidos, Ronaldo foi a principal estrela do time, que ficou com a terceira colocação e a medalha de bronze na disputa olímpica. As negociações com o Barcelona, da Espanha, avançaram, devido principalmente ao interesse do próprio Ronaldo em defender a

equipe (mais uma vez seguindo os passos de Ronaldo), e ele trocou a Holanda pela Espanha logo depois do torneio olímpico, por 20 milhões de dólares.

O Barcelona sempre foi considerado um dos maiores clubes de futebol do mundo. Além de ser uma das equipes mais fortes e populares da Espanha, sempre carregou o estigma de uma “bandeira nacional” da região da Catalunha, território que sempre viveu sob forte tensão e clima separatista do resto do país. Soma-se a isso a boa impressão deixada por Romário no clube, e a pressão sobre os ombros do novo artilheiro brasileiro no Barcelona foi imensa.

Já em sua estréia, “enfrentou” uma multidão que lotava o estádio Camp Nou, de propriedade do Barcelona e com capacidade para mais de 120.000 pessoas, para uma partida contra o Espanyol, time da mesma cidade. Não marcou gols, mas fez duas excelentes jogadas que terminaram nos gols da vitória do time por 2 x 1, no final da partida, e já agradou.

Na primeira temporada no clube, marcou gols na maioria das partidas, e pareceu justificar o valor pago pela transferência (relativamente pequeno, se comparado a números atuais, mas exorbitante para a época). Mais ainda: alguns clubes como o Manchester United, da Inglaterra, e a Internazionale, da Itália, já buscavam informações sobre quanto custaria para contar com Ronaldo a partir daquele momento. No final de 1996, Ronaldo foi eleito pela primeira vez como o Melhor Jogador do Mundo, na eleição da Fifa.

O jogador se envolveu em algumas polêmicas, como uma viagem ao Brasil durante o Carnaval de 1997 (com direito a desfile em escola de samba no Rio de Janeiro, quando tinha recebido a orientação de seu treinador para descansar e não se expor) e algumas declarações e atos impensados, como críticas ao técnico e ao próprio clube. Mesmo com os gols, a situação do jogador no Barcelona se desgastou um pouco. Isso, aliado ao interesse dos clubes de outros países pelo jogador, deu o sinal de que ele provavelmente sairia da equipe.

Depois de uma conturbada negociação (que envolveu, inclusive, o maior rival do Barcelona na Espanha, o Real Madrid), o jogador acabou acertando sua saída para a Inter de Milão, que pagou uma multa rescisória prevista no contrato de Ronaldo no valor de 32 milhões de dólares, no dia 20 de julho de 1997.

O contrato com a Nike fora fechado pouco antes do acerto com a Inter, e de acordo com especulações, o fato de o time italiano usar camisas fabricadas pela marca foi fundamental para que ele trocasse a Catalunha pelo Norte da Itália. O jogador fechou também contrato com a Pirelli, marca de pneus que tinha como principal acionista o empresário Massimo Moratti, presidente de seu clube. Na mesma época, Ronaldo ainda tinha altos rendimentos em contratos de patrocínio com a cervejaria Brahma, a multinacional do ramo de alimentos Parmalat e a rede de hipermercados Carrefour, além da TIM, empresa de telefonia ligada à Pirelli e a Massimo Moratti.

Os cofres do time italiano também sentiram os efeitos da contratação de Ronaldo. A venda de ingressos subiu vertiginosamente, e foram vendidas, em média, cerca de 5 mil camisas por semana com o nome do jogador. Além disso, a empresa fechou outros dois importantes contratos de patrocínio depois de sua chegada.

Em campo, apesar de não se destacar tanto quanto nas outras equipes (sua média de gols caiu um pouco), Ronaldo jogou muito bem. Teve algumas atuações marcantes, e recebeu o apelido que carrega até hoje: “O Fenômeno”. O time lutou pelo título do Campeonato Italiano até o último instante, mas acabou perdendo o troféu para a Juventus, de Turim. Mesmo com a perda do título italiano, Ronaldo foi eleito mais uma vez o Melhor Jogador do Mundo na eleição da Fifa em 1997, feito inédito até então. Ronaldo, àquele momento, já estava focado na Copa do Mundo da França (1998).

Depois do fracasso no Mundial, com a famosa convulsão e a derrota na final para a França, Ronaldo começou a sentir dores mais fortes nos joelhos, que passaram a incomodar bastante. Como os médicos disseram que uma cirurgia poderia complicar a situação, ele acabou afastado de alguns jogos da Internazionale, para que o descanso aliviasse as dores. O fisioterapeuta Nilton Petrone, amigo pessoal e homem de confiança do jogador para assuntos médicos e terapêuticos, foi até a Itália para tentar ajudar a recuperação.

Pela Seleção Brasileira, disputou, venceu e foi o artilheiro (marcando cinco gols em seis partidas) da Copa América de 1999, disputada em julho, no Paraguai. As dores no joelho, no entanto, não diminuía, mesmo à base de tratamento fisioterápico e muitos medicamentos, receitados por diversos médicos.

Na volta à Internazionale, teve que conviver com a “sombra” do atacante italiano Christian Vieri, que começou a temporada como titular, desbancando Ronaldo, que se tornou reserva (para desgosto de Massimo Moratti). Os dois só foram atuar juntos depois de onze partidas.

Porém, quando Ronaldo e Vieri finalmente pareciam formar uma dupla convincente no ataque do time, o brasileiro sofreu uma contusão gravíssima. No dia 21 de novembro de 1999, em um jogo da Inter contra o Lecce (vencido pelo time de Ronaldo por 6 x 0 com gol dele), o atacante brasileiro foi tentar um drible e ficou com o pé preso na grama. Caiu e torceu o joelho. Um exame detectou uma ruptura no tendão da patela do jogador. A cirurgia, então, foi inevitável.

Enquanto ficou afastado para a cirurgia, Ronaldo ouviu de seu técnico na Inter, Marcello Lippi, que era um “jogador-problema”, e que não faria falta durante esse tempo. Durante a recuperação, Ronaldo se casou, viu nascer seu filho e assistiu a outras boas atuações de Christian Vieri.

Depois de quatro meses de tratamento, o jogador teve sua volta marcada aos gramados para o dia 12 de abril de 2000, quando Inter e Lazio (de Roma) se enfrentariam pela decisão da Copa da Itália. O jogador começou a partida no banco de reservas, pois, por recomendação médica, não deveria jogar uma partida inteira. Aos 12 minutos do segundo tempo entrou em campo, e logo em sua primeira jogada, caiu no gramado gritando e segurando o joelho. Era necessária mais uma cirurgia.

Dessa vez, a intervenção foi mais complicada, e as fibras de seu tendão patelar foram reconstruídas com material sintético. O jogador temia pelo seu futuro no futebol, e perguntava aos médicos a todo momento se iria voltar a jogar. Para se recuperar, o jogador voltou ao Rio de Janeiro, o que acabou o afastando um pouco da mulher, que continuou na Europa.

Ronaldo sentia muitas dores, e foi levado para uma clínica nos Estados Unidos, especialista em curar joelhos de atletas de esqui. Não conseguiu se adaptar, e voltou à França, onde tinha sido operado. Passou por outros períodos no Rio de Janeiro, até voltar as atividades físicas leves, em março de 2001. Em 31 de julho, disputou um amistoso pela Internazionale contra o Enyimba, campeão da Nigéria, e marcou dois gols. A partir daquele momento começavam os trabalhos de condicionamento físico para a volta definitiva aos jogos oficiais. Aos poucos, ele foi se reintegrando ao time da Inter, que tinha trocado de técnico (assumiu o cargo argentino Héctor Cúper, que se mostraria mais um desafeto de Ronaldo, assim como seu antecessor, Marcello Lippi).

No dia 9 de dezembro, ele voltou a disputar uma partida como titular da Internazionale, e marcou um gol logo a 18 minutos do primeiro tempo. Era seu primeiro gol no Campeonato Italiano depois de dois anos e um mês. Ainda ficou em campo até os 28 minutos do segundo tempo daquele jogo, quando foi substituído.

A partir de então, Ronaldo começou uma luta para provar ao técnico Luiz Felipe Scolari que poderia disputar a Copa do Mundo de 2002, no Japão e na Coréia do Sul. Tendo participado de poucos jogos da Seleção e de seu clube, ele passou por várias avaliações físicas e técnicas antes de ser confirmado no grupo que disputou o Mundial.

Enquanto era bem avaliado por médicos e pelo treinador (que o escalou em um amistoso contra a Iugoslávia), Ronaldo era preterido por Héctor Cúper, que dizia publicamente que tinha restrições ao atacante. Depois de ficar muitos jogos no banco, foi escalado e marcou gols em alguns jogos, sendo novamente colocado no banco logo depois. Mesmo com todo esse vai-e-vem no clube, foi convocado para a Copa do Mundo, e saiu de lá coroado como o maior artilheiro do torneio.

Na volta à Europa depois do Mundial e das férias, Ronaldo se viu envolto em mais especulações. A rixa com o técnico Héctor Cúper se tornou insustentável, e começaram a surgir ofertas de outros clubes por seu futebol. O Real Madrid, grande rival do Barcelona na Espanha, montava um grande time, contratando a maioria dos jogadores considerados grandes “estrelas” do futebol mundial, como o francês Zinedine Zidane, o português Luis Figo e o inglês David Beckham.

Seduzido pela possibilidade de jogar por uma equipe tão bem montada, Ronaldo começou a militar em prol da negociação entre Internazionale e Real Madrid. Os torcedores do time italiano se revoltaram contra o jogador, e a cada momento era maior a chance de transferência. Depois de várias rodadas de negociação, ficou acertado que o Real Madrid pagaria 35 milhões de dólares imediatamente ao time italiano. Além disso, cederia um outro jogador ou pagaria mais 10 milhões em outro momento. E então, no dia 8 de setembro de 2002, ele chegou ao estádio Santiago Bernabéu.

Logo em sua estréia, mostrou o investimento foi válido. Começou a partida contra o Alavés no banco de reservas, mas entrou em campo no segundo tempo. Em menos de um minuto, recebeu uma bola cruzada pelo brasileiro Roberto Carlos, ajeitou no peito e marcou de voleio seu primeiro gol com a camisa branca do Real Madrid. E o segundo foi marcado na mesma partida.

Ainda naquele ano, ele conquistou seu primeiro título pelo clube espanhol. Jogando no mesmo estádio onde foi realizada a final da Copa do Mundo (em Yokohama, no Japão), Ronaldo marcou um dos gols da vitória do Real Madrid por 2 x 1 contra o Olímpia, do Paraguai, pelo Mundial Interclubes, fechando 2002 com o saldo de dois títulos mundiais: de Seleções e de Clubes, além de ter sido eleito mais uma vez o Melhor Jogador do Mundo pela Fifa.

A partir desta época, começaram a surgir as primeiras críticas à forma física do jogador. Oscilando fases boas e ruins em campo, Ronaldo sempre teve dificuldades por ser muito cobrado pela imprensa e pelos torcedores. Até chegar à Copa do Mundo de 2006, atravessou bons e maus momentos jogando pelo Real Madrid, e permanece no clube até o início de 2007, mesmo sem nunca ter sido considerado uma unanimidade por torcedores e imprensa espanhola.

4.2 RONALDO NAS COPAS DO MUNDO DE 1994, 1998 E 2002

Para se tornar o maior artilheiro da história das Copas do Mundo, Ronaldo começou cedo sua história no torneio. Ainda como jogador do Cruzeiro, em 1994, ele fez parte do grupo que conquistou o título Mundial nos Estados Unidos. O mais jovem atleta da delegação brasileira (apenas 17 anos) não participou de nenhuma partida, mas mesmo assim se valorizou, e foi transferido do time de Belo Horizonte para o PSV, da Holanda.

Quatro anos mais tarde, na Copa da França, Ronaldo já era um atleta consagrado, e chegou ao Mundial como um dos principais jogadores. O atleta, que se destacava como titular da

Internazionale de Milão, um dos principais times da Itália, tinha acabado de ser escolhido o melhor jogador de futebol do Mundo.

Quando o Brasil chegou à Copa de 1998, seu *status* de favorito era um tanto produtivo e baseado principalmente em dois fatores> 1) Ronaldo; 2) a falta de alternativas viáveis [...]. Ronaldo era, sem dúvida, o melhor jogador de futebol do planeta naquela época. Com seus dois títulos consecutivos de Melhor Jogador do Mundo da Fifa, ele seduzira facilmente os técnicos do mundo e trouxera de volta ao jogo um pouco do brilho que não era mais visto na seleção brasileira desde 1970. (MOSLEY. 2006: p. 81)

O primeiro jogo do Brasil naquela Copa do Mundo foi contra a Escócia. A partida marcou a abertura do torneio (até 2002, o Campeão da Copa do Mundo fazia o jogo de abertura do Mundial seguinte). A partida terminou com vitória do Brasil por 2 x 1, e os gols do Brasil foram marcados por César Sampaio e pelo zagueiro escocês Boyd, que fez um gol contra. Apesar de não marcar gols, Ronaldo teve a atuação bastante elogiada pela crítica esportiva.

Na partida seguinte, o primeiro gol do jogador em Mundiais. A partida foi contra a seleção de Marrocos. Logo aos 9 minutos do primeiro tempo, Ronaldo recebeu um lançamento e bateu firme, de pé direito, para abrir o placar. O jogo terminou com vitória brasileira por 3 x 0. Os outros gols foram marcados por Bebeto e Rivaldo.

Quando enfrentou a Noruega, na terceira partida da primeira fase do torneio, o Brasil já estava classificado para as oitavas-de-final do Mundial, e o resultado não faria diferença na classificação final: o time brasileiro terminaria na primeira posição de seu grupo. Bebeto marcou 1 x 0 para o time brasileiro, mas os noruegueses conseguiram a virada, e venceram por 2 x 1.

Nas oitavas-de-final, o adversário brasileiro seria outro país sul-americano: o Chile. Ronaldo voltou a marcar seus gols. O volante César Sampaio fez dois gols, e Ronaldo marcou 3 x 0 para o Brasil, cobrando pênalti ainda no final da primeira etapa. Marcelo Salas fez o gol chileno, aos 23 da segunda etapa, mas um minuto mais tarde Ronaldo voltou a marcar e fechou o

placar em 4 x 1 para a Seleção Brasileira. Após a partida, Ronaldo foi muito elogiado, e tornou a ser cotado para ser o artilheiro daquele Mundial.

A Dinamarca foi a adversária do Brasil nas quartas-de-final. O jogo foi muito difícil para o Brasil, que saiu perdendo logo a dois minutos de jogo. Bebeto empatou aos onze minutos, e Rivaldo fez o segundo dos brasileiros. Os dinamarqueses chegaram ao empate no segundo tempo, mas Rivaldo fez o terceiro gol, que garantiu a vitória ao Brasil. Pela terceira vez naquela Copa, Ronaldo saía de campo sem marcar.

O último gol de Ronaldo na Copa do Mundo de 1998 foi marcado na semifinal do torneio, contra a Holanda. Depois de um primeiro tempo muito disputado, o jogador conseguiu marcar logo no primeiro minuto da segunda etapa, quando recebeu à frente do goleiro holandês e tocou para o gol. Os adversários insistiram muito e conseguiram chegar ao gol de empate a cinco minutos do final. O jogo terminou em 1 x 1 e foi para a prorrogação, que terminou empatada em 0 x 0. Na decisão por pênaltis, Ronaldo bateu e converteu uma cobrança para o Brasil (entretanto, os gols em decisões por pênaltis não contam para a artilharia do torneio). Os brasileiros venceram a disputa por 4 x 2, e conquistaram o direito de decidir a Copa do Mundo contra a França, que venceu a Croácia por 2 x 1.

A final contra os franceses, porém, se tornaria o maior drama da carreira de Ronaldo. Cerca de sete horas antes do início da partida, o jogador teve uma crise convulsiva, até hoje não explicada pelos médicos. Os jogadores ficaram assustados com a situação do jogador, como destaca a Revista Placar, edição número 1152, de Junho de 1999 (página 54):

Às 14 horas e 3 minutos (horário da França) do dia 12 de julho de 1998, o maior jogador de futebol do Mundo apagou. Ronaldo Luís Nazário de Lima perdeu a consciência quando seu cérebro sofreu uma sobrecarga nos neurônios e o resto do corpo perdeu o controle. Por quase dois minutos, os jogadores que testemunharam a cena viram o amigo tremer com violência, enrijecer a musculatura das extremidades, respirar com dificuldade, ficar roxo, babar, se transfigurar.

Levado às pressas para um hospital de Paris, o jogador foi medicado e se recuperou. Em condições normais, não entraria em campo. Entretanto, sua recuperação foi muito rápida, e como se tratava da partida mais importante de sua carreira até então, Ronaldo insistiu para jogar. Com a autorização do treinador Zagallo e dos membros da equipe médica, entrou em campo, mas não jogou bem.

[...] no desenrolar do jogo, ficou claro que havia alguma coisa muito errada com o comportamento de Ronaldo. Em suma, sua participação durante a partida foi nula. Na meia chance que teve, chutou timidamente contra Barthez, que defendeu sem dificuldade. Ronaldo parecia distante, distraído, desinteressado, quase confuso e sem saber sequer por que estava num estádio de futebol na França. A lista de adjetivos poderia continuar, todos descrevendo um jovem que sofrera algum sério bloqueio mental. Era muito triste que um jogador de tanto talento, brilho e alegria não pudesse iluminar o momento supremo e derradeiro do futebol. Com a França vencendo facilmente por 3 a 0 em cima de um Brasil desorientado e perdido no espaço, Zidane fixava seu nome na história com dois gols de cabeça, e Manu Petit, do Arsenal, finalizava um bom jogo com um gol bonito nos segundos finais. (MOSLEY. 2006: p.90).

Visivelmente abalado, Ronaldo se tornou símbolo da derrota brasileira, a maior (em diferença de gols) que a Seleção já sofreu em uma Copa do Mundo. Duas fotos suas (uma delas é a que segue abaixo) foram as principais ilustrações da partida nos jornais de todo o mundo no dia seguinte ao jogo.



Fig. 30 – Consolado por Dunga, Ronaldo lamenta a derrota do Brasil para a França em 1998

Quatro anos mais tarde, porém, a história foi praticamente a inversa. A equipe brasileira só conseguiu sua classificação para a Copa do Mundo após uma difícil caminhada nas

Eliminatórias Sul-Americanas. A vaga só foi garantida contra a Venezuela, na última partida do torneio classificatório. O clima de favoritismo de 1998 foi substituído por descrença e pessimismo pela imprensa e pela torcida do Brasil.

Ronaldo também não era mais o grande destaque, como fora na França. O atleta vinha de duas contusões, não participou das eliminatórias e não marcava gols pela seleção desde 1999. Além disso, não se destacava mais nos torneios europeus e italianos pela Internazionale de Milão como fizera antes pelo Barcelona.

Entretanto, com um grupo de atletas visivelmente bem disposto e unido em torno do ideal da disputa da Copa do Mundo, comandados pelo técnico Luiz Felipe Scolari, o time brasileiro fez uma campanha impecável, e conseguiu o título Mundial vencendo as sete partidas disputadas. Ronaldo foi mais uma vez o ícone da equipe. Se em 1998 seu sofrimento representou a derrota do Brasil, em 2002 sua redenção marcou a vitória do time brasileiro.

Logo na primeira partida, Ronaldo marcou seu primeiro gol na Copa do Mundo. O adversário era o time da Turquia, desconhecido para os brasileiros. Os turcos saíram na frente, marcando um gol nos últimos minutos do primeiro tempo. Logo no início da segunda etapa, porém, Ronaldo recebeu cruzamento vindo da esquerda, esticou a perna direita e deslizou o corpo para tocar na bola e empatar a partida. O segundo gol do Brasil foi marcado já no final da partida, com Rivaldo cobrando pênalti.

Os dois adversários que vieram a seguir serviram apenas para que o time do Brasil se aprontasse para as fases seguintes. China e Costa Rica não tinham times fortes, e foram facilmente vencidos pelo Brasil. Os chineses perderam por 4 x 0. Ronaldo fez mais um gol, e Roberto Carlos, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho completaram o placar.

Contra os costarriquenhos, mais uma vitória por goleada. Dessa vez, Ronaldo marcou dois gols. Edmílson, Júnior e Rivaldo fizeram os outros gols do Brasil, que venceu por 5 x 2 e

garantiu a classificação para as oitavas-de-final como primeiro colocado de seu grupo. Enquanto isso, França e Argentina, que eram consideradas as grandes favoritas pela imprensa, foram eliminadas ainda na primeira fase.

O adversário do Brasil nas oitavas-de-final foi o time da Bélgica, que se classificou em segundo no grupo que também tinha a seleção do Japão, um dos países-sede da Copa do Mundo. A partida foi difícil e os belgas só não ficaram em vantagem porque o árbitro anulou erradamente um gol marcado por Marc Wilmots. Rivaldo e Ronaldo voltaram a marcar, e o Brasil venceu por 2 x 0.

A partida seguinte seria a verdadeira “prova de fogo” para a Seleção Brasileira até aquele momento na Copa do Mundo. O time da Inglaterra, que vinha motivado por ter eliminado Argentina (ainda na primeira fase) e Dinamarca, saiu na frente depois de uma falha do zagueiro brasileiro Lúcio, mas Rivaldo (que marcou na quinta partida consecutiva) e Ronaldinho Gaúcho, cobrando falta, garantiram a vitória do Brasil por 2 x 1. Pela primeira vez, naquele Mundial, Ronaldo saía de campo sem marcar gols.

O adversário da semifinal seria, mais uma vez, o time turco, que conseguiu eliminar japoneses e senegaleses até reencontrar os brasileiros. Assim como na primeira fase, a partida foi difícil para o Brasil, que só conseguiu marcar no segundo tempo. Ronaldo, que tinha virado manchete alguns dias antes por seu corte inusitado de cabelo (foto abaixo) fez o único gol da partida, que garantiu ao Brasil o direito de enfrentar a Alemanha na decisão.

O jogo seria o primeiro da história das Copas do Mundo entre as duas seleções que mais chegaram a finais do torneio até ali. Ronaldo e a Seleção Brasileira tentavam esquecer o fracasso da decisão de 1998, enquanto os alemães, igualmente desacreditados no início da Copa do Mundo, tentavam reerguer seu futebol depois de campanhas fracas nas Copas do Mundo de

1994 e 1998 e no Campeonato Europeu (Eurocopa) de 2000, quando perdeu duas partidas e empatou uma.

O jogo, disputado no Estádio Nacional de Yokohama, no Japão, o primeiro tempo da partida terminou em 0 x 0, mas com boas chances de gol para ambas as seleções. No segundo tempo, Ronaldo se destacou mais uma vez. Marcou os gols da vitória do Brasil por 2 x 0 e se igualou a Pelé como o maior artilheiro brasileiro na história das Copas do Mundo (doze gols até ali), suscitando várias comparações entre ambos.

Em meio às comemorações no estádio de Yokohama, Ronaldo, de bom grado, posava para os fotógrafos, levantando a Copa do Mundo, brilhando de satisfação e tomado pelo êxtase de ganhar a grande taça. Sua medalha de campeão lhe foi devidamente entregue por nenhum outro senão Pelé, e por um instante nós tínhamos os dois maiores produtos do futebol brasileiro, o jovem e o velho, partilhando uma admiração mútua. Pelé estava feliz como ninguém (MOSLEY. 2006: p. 149).



Fig. 31 –Ronaldo comemora a vitória do Brasil na final da Copa do Mundo de 2002

4.3 RONALDO NA COPA DO MUNDO DE 2006

A cobertura da participação de Ronaldo na Copa do Mundo de 2006 é o tema central desta monografia. Por isso, devemos mostrar como foi essa participação. Essa tarefa se mostra muito difícil, pois é praticamente impossível se fazer imparcial ao analisar as exibições de um

jogador de futebol. Vamos então destacar quanto tempo Ronaldo participou em cada uma das cinco partidas do Brasil neste Mundial, e quantos gols ele marcou (afinal, na função de atacante, ele é escalado com o objetivo inicial de marcar gols).

O treinador da Seleção Brasileira na época, Carlos Alberto Parreira, sempre destacou que Ronaldo seria titular da equipe na Copa do Mundo, a não ser que algum problema de ordem médica fizesse com que ele não pudesse ser escalado. Isso quase aconteceu. Às vésperas da estréia do Brasil na Copa, o jogador teve que ser substituído de um jogo amistoso preparatório, pois sentia fortes dores por conta de bolhas nos pés. A dois dias da partida, o atleta foi mais uma vez afastado das atividades, em decorrência de uma febre. Por alguns dias, sua escalação não era certa, mas ele acabou confirmado para a partida contra a Croácia.

O jogo, disputado no dia 13 de julho, foi muito difícil para a equipe do Brasil, que venceu por 1 x 0, com um gol marcado por Kaká, aos 43 minutos da primeira etapa. Ronaldo, escalado no ataque da Seleção ao lado de Adriano, não conseguiu se destacar nem marcar gols, e acabou substituído aos 23 minutos do segundo tempo por Robinho. Mais uma vez, problemas de saúde assustaram o jogador. No dia seguinte à partida de estréia, ele sentiu tonturas, nada de muito grave, mas ficou afastado das atividades físicas.

Durante os dias que antecederam a partida contra a Austrália, a segunda na Copa, o técnico Carlos Alberto Parreira deu a entender que poderia tirar o jogador da equipe, mas mostrava confiança em seu potencial, como disse na edição de 16 de julho do jornal *Lance!* (página 11): “[...]Eu tomo decisões em cima de dados. Pela história que Ronaldo tem, é preciso apostar em uma recuperação dele. Queremos o Ronaldo motivado para o segundo jogo”.

No dia 18 de julho, brasileiros e australianos entraram em campo no Fifa World Cup Stadium, em Munique. O vencedor da partida conquistaria a vaga antecipada nas oitavas-de-final da Copa do Mundo. O primeiro tempo terminou empatado em 0 x 0, mas, na volta para o segundo

tempo, o Brasil conseguiu seu primeiro gol, marcado pelo atacante Adriano. Ronaldo novamente não conseguiu marcar e foi substituído por Robinho. Dessa vez, aos 26 minutos da segunda etapa. O atacante Fred, que substituiu Adriano, marcou o segundo gol nos minutos finais e o Brasil venceu por 2 x 0.

Para a última partida da primeira fase, contra o Japão, com o Brasil já classificado para as oitavas-de-final da Copa do Mundo, o técnico Carlos Alberto Parreira anunciou que faria algumas alterações na equipe, para fazer testes visando as partidas seguintes. Alguns dos atletas considerados titulares foram poupados, Ronaldo não.

Ele e Robinho (que substituía Adriano) formaram o ataque da Seleção Brasileira no dia 22 de junho, em Dortmund. O time levou o primeiro gol do jogo, marcado pelo japonês Tamada aos 33 minutos da primeira etapa. A um minuto do fim do primeiro tempo, porém, Ronaldo recebeu um cruzamento vindo da direita e cabeceou para empatar o jogo e marcar seu primeiro gol naquela Copa.

No intervalo, o atleta disse que estava “aliviado”, e prometeu jogar melhor a partir dali. No segundo tempo, o Brasil conseguiu marcar mais dois gols, com Juninho Pernambucano e Gilberto, aos 8 e aos 14 minutos. Aos 35 minutos, Ronaldo voltou a brilhar e fez seu segundo gol fechando o placar do jogo em 4 x 1. Mais do que o último gol da partida, esse representou para Ronaldo o empate com o alemão Gerd Muller (que disputou as Copas de 1970 e 1974) como o maior artilheiro da história das Copas do Mundo, cada um com 14 gols marcados.

Classificado como o primeiro colocado de seu grupo, o time brasileiro enfrentaria a seleção de Gana nas oitavas-de-final. Os africanos tinham surpreendido na primeira fase, eliminando da Copa do Mundo as equipes de República Tcheca e Estados Unidos, e ficando atrás apenas da Itália no grupo E.

O dia 27 de junho de 2006 e o Westfalenstadion, na cidade de Dortmund, entraram para a história das Copas do Mundo. Logo aos 5 minutos do primeiro tempo de partida, Ronaldo recebeu lançamento de Kaká, driblou o goleiro ganês Kingston e marcou seu 15º gol em Copas do Mundo, se isolando como o maior marcador da história da competição. Adriano e Zé Roberto marcaram no final do primeiro tempo e no final do segundo, respectivamente, e fecharam o placar em 3 x 0. O Brasil teria pela frente, nas quartas-de-final, a seleção da França, para quem tinha perdido em 1998.

Ronaldo, consagrado como o maior artilheiro das Copas do Mundo, já era considerado novamente inquestionável pelo técnico Carlos Alberto Parreira, que garantiu sua escalação na partida dois dias antes. Havia um grande clima de revanche e a convulsão do atacante antes da final de 1998 era sempre lembrada.

O jogo foi disputado no dia 1º de julho, no Waldstadion, na cidade de Frankfurt. Alguns dos atletas que disputaram a final de 1998 estavam em campo, dos dois lados (Ronaldo, Cafu e Roberto Carlos pelo Brasil e Barthez, Thuram, Vieira e Zidane pela França). Mais uma vez o Brasil saiu de campo derrotado. Desta vez, a diferença foi mínima: 1 x 0 (gol marcado por Thierry Henry). Ronaldo deu apenas um chute a gol em toda a partida e não foi substituído, assim como nos dois jogos anteriores.

Depois da Copa do Mundo, a participação de Ronaldo ainda foi assunto nos jornais. Além dos 15 gols marcados, o atacante voltou às manchetes depois que os médicos do Brasil revelaram que ele poderia ter disputado a Copa do Mundo com dores nos joelhos, mas o assunto não foi confirmado.

Quadro com os jogos e gols marcados por Ronaldo em Copas do Mundo:

Data	Partida	Número de Gols
10/06/1998	Brasil 2 x 1 Escócia	0
16/06/1998	Brasil 3 x 0 Marrocos	1

23/06/1998	Noruega 2 x 1 Brasil	0
27/06/1998	Brasil 4 x 1 Chile	2
03/07/1998	Brasil 3 x 2 Dinamarca	0
07/07/1998	Brasil 1 x 1 Holanda	1
12/07/1998	Brasil 0 x 3 França	0
03/06/2002	Brasil 2 x 1 Turquia	1
08/06/2002	Brasil 4 x 0 China	1
13/06/2002	Costa Rica 2 x 5 Brasil	2
17/06/2002	Brasil 2 x 0 Bélgica	1
21/06/2002	Inglaterra 1 x 2 Brasil	0
26/06/2002	Brasil 1 x 0 Turquia	1
30/06/2002	Alemanha 0 x 2 Brasil	2
13/06/2006	Brasil 1 x 0 Croácia	0
18/06/2006	Brasil 2 x 0 Austrália	0
22/06/2006	Japão 1 x 4 Brasil	2
27/06/2006	Brasil 3 x 0 Gana	1
01/01/2006	Brasil 1 x 0 França	0

Quadro 3: Jogos e gols marcados por Ronaldo em Copas do Mundo

5 ESTUDO DE CASO – RONALDO E O *JORNAL LANCE!* NA COPA DE 2006

Chegamos então ao estudo de caso a que se propõe esta Monografia. Neste capítulo, serão analisados fotos, textos, charges, artigos e capas do jornal *Lance!* no período de 7 de junho a 11 de julho de 2006², período da Copa do Mundo. O foco principal ficará nas menções a Ronaldo. Para organizar o trabalho, será feita uma divisão em seis subcapítulos, cada um deles referente a um período de tempo, marcado pelos jogos do Brasil na Copa do Mundo. Assim, as edições do jornal nos dias que antecederam a estréia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo constituirão um subcapítulo, os dias entre o primeiro e o segundo jogo, mais um subcapítulo, e assim sucessivamente, até as edições dos dias subseqüentes à eliminação do Brasil na Copa do Mundo.

5.1 DE 7 A 13 DE JUNHO – POLÊMICAS E EXPECTATIVA

Antes mesmo do início da Copa do Mundo, Ronaldo foi notícia. O jogador foi o principal destaque das capas do *Lance!* no período entre os dias 7 e 13 de junho, com assuntos que nem sempre estiveram ligados ao futebol. O jogador se envolveu em polêmicas, que ganharam destaque, assim como a expectativa por boas atuações na Copa do Mundo.

“Estréia hoje: Projeto Copa do *Lance!*”. Essa é a mensagem que está no topo da capa da edição de 7 de junho de 2006 do jornal. Todas as mudanças na estrutura do jornal para a Copa do Mundo, listadas no capítulo anterior, começaram a valer neste dia, quando circulou a edição número 3129 do diário. E logo na capa do primeiro dia de cobertura efetiva de Copa do Mundo

² Foi utilizada para análise a edição do Rio de Janeiro do Jornal *Lance!*. Serão analisadas todas as edições publicadas no período, exceto a de número 3151, de 29 de junho de 2006, que circulou com uma tiragem muito pequena devido a problemas na gráfica que imprime o jornal, fato publicado com um pedido de desculpas na capa do dia seguinte.

pelo jornal, já se nota a importância de Ronaldo: a foto e a manchete principais (que ocupam cerca de 80% do espaço da página) são relativas a uma bolha que incomodou o jogador durante um amistoso preparatório da Seleção Brasileira para o Mundial.

O assunto “bolha” também voltou a ganhar destaque na coluna “A Copa de Prima” e na página 9 do jornal, quando médicos e especialistas avaliavam a causa do problema. O técnico Parreira, ouvido pelo diário, minimizava a questão, dizendo que confiava no Departamento Médico da Seleção Brasileira e no período de recuperação do jogador: dois dias, algo que foi cumprido. Por fim, uma carta enviada por um leitor foi publicada na seção *Lance!Activo*, com críticas ao destaque que a imprensa dava ao caso das bolhas.

No dia seguinte (08/06), quando as bolhas foram praticamente esquecidas (e o jogador já se recuperava), ele mais uma vez ganhou a manchete e a foto principal da capa do jornal. Aliás, ele não: sua namorada, em foto de um desfile de roupas íntimas (outras fotos seriam publicadas na página 12). As bolhas só voltaram a ser assunto na coluna de Tutty Vasques (sobre Televisão) e de alguns anúncios publicitários, principalmente de marcas de calçados concorrentes da Nike – considerada a culpada pelo problema do atleta.

A representatividade de Ronaldo voltava a ficar clara, quando uma foto sua ilustrava uma matéria sobre as expectativas em relação ao ataque da Seleção Brasileira (considerado o ponto forte da equipe). Na coluna “Espaço Aberto”, assinada por Chico Anysio, o jogador é comparado ao atacante Robinho, apontado pelo humorista como o melhor do Brasil naquele momento.

Chega o dia da abertura da Copa do Mundo, 9 de junho. No dia anterior, Ronaldo foi afastado dos treinamentos em virtude de uma febre. Outra vez, um problema simples de ordem médica ganha destaque, e o assunto vira manchete. Robinho, eventual substituto de Ronaldo, é capa do jornal. A febre também é tema da charge do dia.

As páginas 6 e 7 esgotam o assunto, falando da possibilidade da entrada de Robinho e dos problemas de Ronaldo. Na página 7, inclusive, é publicado um infográfico mostrando o que poderia incomodar o atacante no período da Copa do Mundo, e todas as complicações que teve no período que a antecedeu.

Na página 9, um assunto que renderia nos dias seguintes: o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em teleconferência, perguntou ao técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira, se Ronaldo estava gordo (àquela altura o assunto ainda não estava sendo tão discutido quanto viria a ser mais tarde). A possibilidade de o jogador quebrar o recorde de gols da Copa do Mundo (como aconteceria), foi destaque na página 14.

Por fim, uma enquete realizada no site do jornal perguntava quem era mais bonita: Raica Oliveira (então namorada de Ronaldo) ou Daniella Cicarelli (ex-mulher do atleta). O resultado, juntamente com algumas opiniões de leitores e a foto das duas foi publicado no *Lance!Activo* do dia (e também no dia seguinte).

No dia 10, estourou a polêmica entre Lula e Ronaldo. O assunto tomou toda a capa do jornal (que foi feita no esquema de “capa dupla”). As fotos dos dois (presidente e atleta) foram publicadas em tamanho grande, junto com suas declarações. Enquanto Lula perguntou ao técnico Parreira se o jogador estava gordo, Ronaldo insinuou que o presidente “bebia pra caramba” (outro assunto que foi recorrente na imprensa brasileira). Um editorial foi publicado na capa do diário, com o título “Respeito também ganha jogo”. O texto foi o seguinte:

Ronaldo é um fenômeno. Exemplo de perseverança, dedicação e superação. Fatores que, ao lado de seu talento com a bola nos pés, fizeram dele personalidade pública mundial, deram-lhe fama, prestígio e muito dinheiro.

Com a experiência adquirida em mais de uma década de estrelato, Ronaldo – por mais que a questão do peso o incomode – já deveria saber que, antes de entrar numa polêmica, é preciso conferir o que foi dito antes pelo outro lado. Ainda mais quando se trata de um presidente, seja Lula ou qualquer outro ocupante do cargo.

Não se pode envolver questões institucionais – e a Presidência da República é uma delas – num debate que, da forma como foi colocado, mais parece bate-boca de botequim.

O gosto ou não do presidente pela bebida é uma questão privada. Ao menos até a hora em que passe a afetar suas decisões como mandatário da Nação – o que evidentemente não é o caso.

Já o peso e a forma física de um atleta de Seleção – ao contrário de sua vida particular – são questões públicas, estas sim, capazes de afetar seu desempenho e o futuro do País na Copa.

O texto mostra claramente o respeito que a equipe do jornal nutre pelo jogador. Mesmo assim, os profissionais não se privaram de criticar o atacante, que acabou se envolvendo em uma polêmica infeliz. O assunto foi retomado na seção “A Crônica do Dia” e nas páginas 6 e 7, que traziam matérias e entrevista com o jogador, além de fotos dele demonstrando apreensão. A charge do jornal trazia uma imagem do jogador ameaçado de ir para o banco de reservas.

No dia seguinte (11 de junho), Ronaldo voltou à capa, que destacava as estréias de Inglaterra e Argentina na Copa do Mundo, e trazia uma foto do jogador e a manchete “Ferro neles! – Argentina e Inglaterra vencem no sufoco e nem chegam a assustar. Basta Ronaldo acertar o alvo que interessa: o gol!”, em uma menção ao fato de ele ter “acertado” o presidente Lula com suas palavras.

A página 10 foi dedicada exclusivamente ao jogador, que tinha recebido a visita dos pais na Alemanha. A intriga com Lula volta à tona com as palavras do Ministro dos Esportes, Orlando Silva, selando a paz entre os dois. A opinião dos leitores também é mostrada, em um quadro. Na charge, mais uma vez Ronaldo é a estrela. O desenho ilustra a situação do “excesso de holofotes” em cima do atleta, que reclamaria com uma mensagem na camisa: “Vocês todos são um porre”.

No dia 12, pela primeira vez, a capa do jornal não mostrou nem fez menção direta a Ronaldo. O meia-atacante Ronaldinho Gaúcho era mostrado em uma foto que chamava para matérias sobre a preparação brasileira para a estréia na Copa do Mundo, que aconteceria no dia seguinte. O jogador, entretanto, não foi “esquecido”. A coluna de abertura do jornal, assinada por Benjamin Back, trazia o título “Por que enchem o saco do Ronaldo?”, e enumerava as polêmicas

dos dias anteriores. Uma foto do jogador ilustrava a “Crônica do Dia”, e outra era estampada na página que destacava as estréias do Brasil em Copas do Mundo. A polêmica com Lula voltava a ser comentada no *Lance!Activo*.

No dia 13, estréia do Brasil na Copa do Mundo (em partida contra a equipe da Croácia), a foto de capa fazia referência às camisas xadrez do adversário, e a manchete destacava a possibilidade de recorde de gols de Ronaldo, entre outros assuntos. Na página 7, o jogador foi tema de uma matéria sobre as famosas bolsas de apostas inglesas. Ele era o primeiro das listas para dos favoritos à artilharia da Copa do Mundo para os apostadores.

5.2 DE 14 A 18 DE JUNHO – RONALDO “ENGORDA”

A julgar pelo que foi dito no *Lance!* sobre Ronaldo nos dias que antecederam à partida do Brasil contra a Croácia, o jogador engordou dezenas de quilogramas em um único dia. A partir do dia 14, dia seguinte ao jogo contra os croatas, as especulações e insinuações sobre o excesso de peso do jogador se tornaram cada vez mais freqüentes, e as críticas apareceram mais.

A capa do *Lance!* no dia seguinte à estréia do Brasil na Copa do Mundo mostrava o meia Kaká, autor do gol, comemorando. Ronaldo, porém, não é esquecido. Entre as chamadas está uma relativa à atuação do jogador na partida: “Ronaldo joga mal, é substituído mas já está confirmado para o próximo jogo”. Na charge do dia, o atacante é retratado como uma bola, uma mostra de que as insinuações sobre seu excesso de peso começariam a ser mais freqüentes.

Os colunistas e repórteres que cobriram a partida foram unânimes na opinião de que Ronaldo jogou mal. Na avaliação da equipe que deu as notas, ele recebeu nota 3,3, de longe a pior de todo o time. Os comentários dos jornalistas que deram as notas também foram bastante negativos: “Criou raiz na frente da área e só saiu do lugar para ser substituído” (Zé Gonzalez),

“Com ele no jogo, o Brasil jogou com dez homens. Nitidamente sem ritmo de jogo” (Daniel Bortoleto) e “Se não está acima do peso, o que explica a falta de mobilidade? Presa fácil” (Maurício Oliveira). Esta última mostra que o jornal passaria, a partir dali, a tentar justificar as críticas ao jogador falando do excesso de peso.

O jornal trouxe um quadro de estatísticas para “comprovar” que a atuação foi ruim. O jogador finalizou, passou a bola e driblou menos que seus companheiros de ataque (Kaká, Ronaldinho Gaúcho e Adriano). Além disso, foi o único do quarteto a ficar em posição de impedimento durante a partida (duas vezes). O jornal destacou ainda, em matéria de meia página, que o jogador não sairia do time para o jogo seguinte, de acordo com palavras do técnico Carlos Alberto Parreira.

No dia seguinte, 15 de junho, apenas Ronaldo foi destaque na capa do jornal no que se referia à Copa do Mundo. Mais uma vez, um problema médico simples (tonturas no dia seguinte à partida) ganhou grande destaque. Até mesmo os jogos do dia anterior na Copa do Mundo foram “ignorados” pela capa do jornal (pela primeira vez desde o início do torneio).

A charge do dia tornou a ironizar a condição física do atleta. Representado por um bicho-preguiça, o atleta está no colo, “protegido” pelo técnico Parreira. O jogador também foi tema da Crônica do Dia e da coluna “Papo da Redação”, assinada por Marcelo Machado, que diz que, mesmo lento, o jogador deve permanecer no time.

Na página 8, um texto curto, mas emblemático. No alto da página, duas fotos de Ronaldo: uma da final da Copa do Mundo de 2002 e outra da estréia de 2006. O texto, de título “A mutação de Ronaldo” fala do excesso de peso, mas mostra uma visão otimista, e mostra gratidão aos feitos do jogador em sua carreira:

Ele está gordo? Se não dá para saber os números da balança, ao menos é possível comparar a forma atual com a de quatro anos atrás. Repare nas fotos ao lado e tire suas conclusões. Em 2002, artilheiro da Copa e pentacampeão mundial. Em 2006, por

enquanto, só um jogo, nenhum gol e substituído na metade do segundo tempo, vaiado pela torcida. Mas nada que faça esquecer todos os sacrifícios e esforços que Ronaldo fez para dar a volta por cima nos piores momentos de sua carreira. Fará novamente? Vejamos no domingo [dia do jogo contra a Austrália]!

Na mesma página, uma matéria cobra uma “reação” do jogador, com mensagens de pessoas ligadas diretamente a ele ou não. Na página seguinte, mais um gráfico, com três fotos do momento em que Kaká marcou o gol da vitória brasileira, mostra que Ronaldo pode ter sido considerado importante, mesmo com a má atuação, pois três marcadores croatas se deslocavam para acompanhar Ronaldo, enquanto Kaká ficava livre para chutar. No *Lance!Activo*, novamente, é destaque de mensagens publicadas.

No dia 16, mais uma vez, Ronaldo virou tema de charge e da “Crônica do Dia”. A coluna da contracapa, do renomado Armando Nogueira, também fala sobre o atacante. A posição de titular do jogador começa a ser questionada pelo jornal e pelo treinador, que já admite mudar o ataque da Seleção. Nas páginas 10 e 11, o próprio Ronaldo comenta a situação e diz que admite ir para o banco, se for a vontade do treinador.

A capa do *Lance!*, no dia 17 de junho, foi a primeira desde o início da Copa do Mundo que deu maior destaque a um assunto que não o Mundial (no caso, a final da Copa do Brasil entre Flamengo e Vasco). A manchete relativa à Copa era menor e, pela primeira vez, dava destaque a Ronaldinho Gaúcho, que chegara ao Mundial com o status de Melhor Jogador do Mundo (escolhido duas vezes consecutivas pela Fifa).

Ronaldo também é citado na capa do dia. A chamada é para uma matéria que traz a opinião de Romário, comparando o jogador a um carro Fusca (cujo motor “demora a pegar, mas quando funciona, embala”). Na página 7, mais uma matéria de página inteira sobre o jogador. No *Lance!Activo*, mais algumas mensagens publicadas sobre o jogador.

Chega o dia da partida contra a Austrália (18/06). Na noite anterior, o humorista Carlos Besserman Vianna, o Bussunda, morreu na Alemanha, e a capa fazia uma homenagem. O humorista ficou marcado por interpretar Ronaldo de forma caricatural nos esquetes do programa “Casseta & Planeta Urgente!” da Rede Globo, e o fato foi lembrado pelo *Lance!* e pelos outros veículos de comunicação do país.

Mais uma vez a charge do jornal mostra Ronaldo sendo “protegido” por Parreira. Como uma criança, ele é carregado no colo do treinador. Em “A Crônica do Dia”, Ronaldo é mais uma vez destaque. O assunto é a sua busca pelo gol, que, de acordo com o texto, faria com que os críticos se calassem. Mais duas matérias sobre Ronaldo e a coluna da contracapa do jornal (assinada pelo editor-chefe Luiz Carlos Gomes) fecham a edição da véspera da partida do Brasil contra os australianos.

5.3 DE 19 A 22 DE JUNHO – MENOS CRITICADO, MAS, OFICIALMENTE, GORDO

Talvez pelo fato de a Seleção Brasileira ter realmente atuado melhor contra a Austrália do que contra a Croácia, as críticas deram lugar a uma esperança por mudanças em todos os veículos de comunicação, e com o *Lance!* não foi diferente. Ronaldo foi menos cobrado, mesmo com o fato de sua gordura ter se tornado “oficial” antes do terceiro jogo do Brasil, contra o Japão.

Na edição de 19 de junho de 2006, dia seguinte à vitória contra a Austrália (que garantiu ao Brasil uma vaga na segunda fase da Copa do Mundo), as críticas a Ronaldo e ao time diminuíram consideravelmente. A capa trazia uma grande imagem da Bandeira do Brasil com os dizeres “Vaga e Progresso”. À frente dela, foto do atacante Fred, autor do segundo gol do Brasil

na partida. O texto de chamada para a cobertura do jogo, na capa, também fala sobre Ronaldo, que já tinha sido confirmado no time para a partida seguinte, contra o Japão.

Os jogadores já foram melhor avaliados do que na partida anterior. Mesmo tendo uma atuação parecida com a do primeiro jogo (não marcou gols e foi substituído no decorrer do segundo tempo), Ronaldo recebeu nota 4,2 dos jornalistas do *Lance!*. Os comentários, ao lado das notas também foram mais otimistas e valorizaram o passe que ele deu para Adriano marcar o primeiro gol do jogo: “Continua pesado, mas movimentou-se mais do que na estréia. Deu para Adriano marcar” (Maurício Oliveira) e “Arriscou mais do que na estréia, mas ainda é pouco para ele. Tocou para Adriano fazer o gol” (Zé Gonzalez).

Ronaldo, mais uma vez, “ganhou” uma página só para ele. A matéria “Ronaldo fica. Até quando?” questionava o rendimento do jogador, que era considerado titular absoluto e incontestável da equipe. Na mesma página, foi publicada uma entrevista com o jogador, sobre suas atuações até então. Foram mostradas também estatísticas sobre sua atuação e um infográfico parecido semelhante ao do dia seguinte ao jogo contra a Croácia, dizendo que “Fenômeno abre espaços”, com fotos destacando que Ronaldo era marcado por três australianos enquanto Adriano, que marcou o primeiro gol, estava praticamente sozinho. Curiosamente, a edição do dia 19/06 foi a primeira desde o início da Copa que não teve sequer uma mensagem relativa a Ronaldo publicada na seção *Lance!Activo*.

No dia 20, a capa destacou as más apresentações de Ronaldinho Gaúcho, que ostentava o título de Melhor Jogador de Futebol do Mundo. Entretanto, Ronaldo foi citado. “O problema é o outro Ronaldo!” dizia a manchete. Na seção “EsporteBizz” (que fala sobre os negócios do esporte), Ronaldo foi o tema. A matéria “Ronaldo ainda é um ‘fenômeno’” fazia menção ao fato de que as camisas da Seleção com o nome do jogador eram as de maior procura

nas lojas. Os milionários contratos de patrocínio do jogador ganham destaque no texto. Ele também voltou a ser destaque no “Lance!Activo”.

Na quarta-feira 21 de junho, pela segunda vez desde o início da Copa, a capa do *Lance!* deu maior destaque à decisão da Copa do Brasil entre Flamengo e Vasco. Apesar de não ser tema de nenhuma matéria especial, uma foto de Ronaldo ilustra um texto sobre a ineficiência do ataque brasileiro no Mundial. No *Lance!Activo*, uma enquete discute se Ronaldo deveria perder a vaga de titular do ataque brasileiro. Duas das cartas publicadas falam sobre o desempenho do atacante no torneio.

Ronaldo voltaria a ser destaque de uma capa do jornal no dia 22 de junho, dessa vez, de forma bem diferente. Uma charge mostrava os dois “Ronaldos” da equipe. Retratado como um lutador de sumô (referência à partida do dia, contra o Japão), Ronaldo está ao lado de um magro Ronaldinho Gaúcho. A manchete destaca a informação conseguida com exclusividade pelo *Lance!*: Ronaldo se apresentou à Seleção 13 quilos acima de seu peso ideal.

A gordura do Ronaldo sempre foi tratada como segredo de estado pela CBF, Real Madrid. Daí a nossa insistência em levantar a questão no Mundial. Foi dessa forma que arrancamos a informação do preparador físico Moracy Santana que ele havia chegado 13 quilos mais gordo. (GOMES, Luiz Fernando, Apêndice 8.1)

A partir deste momento, então, as notícias sobre o excesso de peso do jogador passaram do campo das especulações para o da certeza. O assunto passou a ser tratado de forma mais direta, e as cobranças aumentaram. Na “Crônica do Dia”, o assunto é tratado novamente, e o jogador é criticado por ter sido visto tomando uma garrafa de Coca-Cola, mesmo sob essas condições. O jogador é tema também da charge.

Nas páginas 6 e 7, o assunto é tratado com dois enfoques. No primeiro, ele é criticado por ter chegado à Copa do Mundo em tão má forma física, destaca o trabalho da comissão técnica e da equipe de preparadores físicos da seleção, que fizeram com que ele perdesse quatro quilos

desde a apresentação até então. Na página seguinte, o destaque é para um comercial que o jogador gravou (e que não chegou a ir ao ar), “calando a boca” dos críticos. Os planos eram para que a exibição fosse feita assim que ele conseguisse conquistar o recorde de gols marcados em uma única Copa do Mundo.

Por fim, mais uma matéria de página inteira com o jogador, que é comparado ao goleiro alemão Oliver Kahn, eleito pela Fifa o melhor jogador da Copa do Mundo de 2002 e que naquele momento, era o reserva da equipe de seu país. O técnico Parreira, ouvido para a matéria, garantiu que a situação do jogador não se compararia à de Kahn e ele daria a volta por cima.

5.4 DE 23 A 27 DE JUNHO – E AGORA, O QUE DIZER?

Para iniciar esse subcapítulo, vamos recorrer a dois ditados populares. O primeiro é “Há três coisas que nunca voltam atrás: a flecha lançada, a oportunidade perdida e a palavra pronunciada”. Era um fato: Ronaldo estava “oficialmente gordo”, e o *Lance!* fez questão de destacar isso no dia anterior à partida do Brasil contra o Japão, a terceira na Copa do Mundo. Entretanto, esse mesmo atleta gordo marcou dois gols na tal partida, e se igualou ao alemão Gerd Müller como o maior artilheiro da história das Copas do Mundo (até então com 14 gols). Para isso, a sabedoria popular também tem a sua orientação: “Se a vida der a você um limão, faça dele uma limonada”.

O tal “limão” era fácil de perceber: Ronaldo acabara de ser criticado no jornal por estar fora de forma, e, mesmo assim, cumpre seu papel na partida (marcar gols). A limonada do *Lance!* foi a ironia. O jornal do dia seguinte ao jogo (Edição 3.145, de 23 de junho de 2006) contra os japoneses estava carregado dela. Logo na capa, a manchete “Vale quanto pesa” (com a palavra “pesa” em letras garrafais) sobre uma foto de Ronaldo no momento em que cabeceava

para marcar o primeiro gol dele e do Brasil no jogo. Ainda na capa, a chamada para a cobertura do jogo: “Ronaldo enche a barriga de gols, supera o rei Pelé e se torna recordista em Copas”.

A charge também destacava o sucesso e os quilos a mais do jogador, que foi representado de forma exageradamente gorda, se sentando em cima e imobilizando um adversário japonês. A “Crônica do Dia” não foi muito diferente. O texto insinuava que “o Ronaldo das duas partidas anteriores” foi sacado, dando lugar a outro atacante na equipe brasileira naquele jogo.

O título da matéria principal sobre a cobertura da partida teve duplo sentido. “Bolão” poderia representar uma grande atuação do Brasil (que “bateu um bolão” contra os japoneses) ou a forma física de Ronaldo que, claro, era o personagem principal da foto que vinha sob o título. A matéria, assinada por Guilherme Gomes, seguiu a linha:

E melhor. Sabe até quem fez gol? Sim, ele! Ronaldo finalmente desencantou, e em grande estilo. Tirou a barriga da miséria [o grifo é nosso] e fez dois gols. Históricos, por sinal. O Fenômeno tem agora 14 gols marcados em Copas do Mundo, superando Pelé e o francês Just Fontaine, que tinham 12, e igualando o alemão Gerd Müller como maior artilheiro em mundiais.

Na avaliação dos jornalistas do *Lance!*, Ronaldo dessa vez ficou bem acima da média, ao contrário das partidas anteriores. A nota 8,3 veio acompanhada dos comentários “Apareceu mais, fez lances bonitos e marcou dois belos gols. Será a sua redenção?” (Zé Gonzalez), “Tabelou, driblou e fez dois gols. Ainda está pesado, mas já lembra o Ronaldo de 98 e 2002” (Maurício Oliveira) e “Gordo, magro ou obeso, é o Fenômeno. Marcou dois gols e está cada vez mais na história” (Thiago Salata).

Em duas páginas (12 e 13), Ronaldo foi o único assunto. Além de fotos, estatísticas, infográficos e de uma entrevista curta, três matérias foram publicadas nestas duas páginas, falando exclusivamente sobre o jogador. A primeira, evidentemente, falava sobre o recorde de gols. A segunda foi sobre os elogios que Zico, ex-jogador e então técnico da seleção japonesa, fez ao jogador. O próprio Ronaldo sempre fez questão de dizer que tinha Zico como seu maior ídolo.

A terceira matéria, assinada por “Enviados especiais a Dortmund (ALE)”, toca no assunto “gordura”. A informação, publicada no dia anterior, dava conta de que Ronaldo tinha se apresentado à seleção com treze quilos a mais do que o ideal para sua condição de atleta. Outras pessoas foram ouvidas, e já não havia um consenso sobre o peso ideal do atacante e foram mostrados outros números:

Com nove quilos e meio a mais do que pesava na final da Copa de 2002, como informou o *LANCE!* com exclusividade ontem, Ronaldo começou em campo contra o Japão para ganhar mais ritmo de jogo e emagrecer mais um pouco. O preparador físico Moraci Sant’Anna havia afirmado ao *L!* que Ronaldo estava pesando 90,5 kg, 4,2kg a menos do que tinha quando se apresentou à Seleção, em Weggis, na Suíça, em 22 de maio. A CBF não quis comentar por que a Fifa e o Real Madrid, clube do atleta, divulgam nos sites o peso de 82kg.

O bom humor ao lidar com a situação voltou na página 18, em uma matéria com o campeão brasileiro de sumô, que comentou a capa do dia anterior (que trazia a charge mostrando Ronaldo nas condições de um lutador de seu esporte). Na página 20, uma outra matéria fora do comum que também fala sobre o jogador: prostitutas da Vila Mimosa, reduto de prostituição carioca, falaram sobre o dia-a-dia do local durante a Copa do Mundo, e garantiram que Ronaldo era freqüentador assíduo do local quando ainda moravam no Rio de Janeiro. Algumas arriscaram, inclusive, a questionar o desempenho sexual do jogador.

A possibilidade de saída de Ronaldo do time titular do Brasil, a partir de então, foi praticamente descartada pelo jornal. Isso ficou claro na capa do diário no dia 24 de junho, sábado, quando o grande destaque foram enquetes realizadas no site *Lance!Net*, mostrando a preferência dos torcedores por jogadores de uma mesma posição no elenco da Seleção Brasileira. Ronaldo, inquestionável, não entrou na “disputa” por uma vaga no ataque.

Ele voltou a ser a “estrela solitária” de duas páginas nesta edição. Na 8 de julho, o recorde de gols em Copas do Mundo foi tratado por especialistas e torcedores. Além disso, foram mostradas estatísticas comparando o brasileiro ao alemão Gerd Müller, que até aquele momento

dividia a honrosa posição com Ronaldo. Na página seguinte, a “agenda” do jogador para aquele dia, e um relatório completo de tudo o que ele tinha feito no dia anterior. No *Lance!Activo* do dia, três mensagens sobre o jogador, todas em tom de cautela.

Em 25 de junho, o espaço dedicado a Ronaldo diminuiu um pouco no *Lance!*. Entretanto, sua relevância pôde ser percebida na página 10, quando uma foto dele foi usada para ilustrar uma matéria que tinha como tema as opções que Carlos Alberto Parreira contava no elenco que viajou à Alemanha para a Copa do Mundo.

A “resposta” de Ronaldo a seus críticos (marcando gols) voltou a ser destaque na edição de 26 de junho, quando o assunto ganhou uma matéria de página inteira (9). Na página anterior, estatísticas destacavam a “briga” do jogador pela artilharia da Copa 2006, principalmente da disputa com o alemão Miroslav Klose. No *Lance!Activo*, o alerta de um torcedor que dizia que ele ainda estava “fraco”.

No dia 27, véspera do jogo do Brasil contra a Seleção de Gana, estreou a coluna de Ronaldinho Gaúcho no jornal, e esse foi o assunto que ganhou maior destaque na capa. A partir daquele momento, uma derrota significaria a eliminação da Copa. Apesar de ter sido citado nas matérias que chamavam o jogo, Ronaldo não foi tema de nenhuma matéria específica.

5.5 DE 28 DE JULHO A 1º DE JULHO – O QUE IMPORTA É O RECORDE

O excesso de peso já não era problema. Depois de marcar dois gols contra o Japão, Ronaldo fez seu terceiro na Copa do Mundo de 2006, na partida das oitavas-de-final – vitória do Brasil sobre Gana por 3 x 0 – e se isolou como o maior artilheiro que o torneio já conheceu, com 15 gols marcados.

A capa do *Lance!* no dia seguinte ao jogo contra os africanos, destacou o feito de Ronaldo. Quatro fotos diferentes mostraram o momento do gol marcado por ele na partida. Com a vitória, o Brasil se credenciava para enfrentar a França, para quem tinha perdido oito anos antes na final da Copa do Mundo. O episódio da convulsão de Ronaldo antes daquela partida foi assunto recorrente nos dias que antecederam o confronto de 2006, e já na capa do jornal havia referências a ele: “França, sábado [dia do jogo, 1º de julho]: vai dar o troco de 98, Fenômeno?”.

Na charge, o assunto da gordura era retomado. Com “fome”, o atacante esperava sentado à mesa, sonhando com um galo (mascote da seleção francesa). Na “Crônica do Dia”, ele é citado, e o colunista Bob Fernandes toca no assunto que está sendo discutido nesta monografia: para o jornalista esportivo (um crítico por natureza), todos os grandes feitos dos atletas ou das equipes podem perder valor na primeira derrota:

Ronaldo. Nó de marinheiro no goleiro ganês, e ele é o maior artilheiro da história das Copas. Mas, para grande parte dos isentos imparciais e objetivos, será sempre pouco. Basta uma, como diremos... não-vitória – toc, toc, toc – e ele voltará a ser um comedor de nuggets, bebedor de leite condensado.

O recordista volta a ser destaque na matéria que conta como foi o jogo. Todas as fotos que ilustraram o texto mostravam o atleta. E não foi apenas o Grupo *Lance!* que rendeu homenagens ao atacante no jornal: o Guaraná Antarctica criou um anúncio que exaltava o feito, mostrando uma foto do jogador e a mensagem “15 gols em Copas. Ninguém fez igual”, que remetia ao slogan do próprio refrigerante (“Guaraná Antarctica, ninguém faz igual”). A cerveja Brahma também criou um anúncio especial, com a mensagem “Fenômeno! Uma homenagem da Brahma ao maior artilheiro da história dos mundiais”.

Nas páginas 10 e 11, dedicação exclusiva a Ronaldo: duas matérias (uma falando exclusivamente sobre a marca de gols histórica, outra sobre a “revanche” contra a equipe da França, que seria disputada três dias depois), uma entrevista, fotos, e um ranking dos maiores

artilheiros da histórias do mundial. Além disso, mais um editorial foi publicado, e falava exclusivamente sobre o jogador, com o título “Fenômeno é ser este Ronaldo”.

Na avaliação dos jornalistas do *Lance!*, tem boa atuação, mas recebe nota 7, inferior à da partida contra os japoneses, quando marcou dois gols. Os comentários exaltaram o recorde, mas a atuação foi considerada insatisfatória: “Marcou seu 15º em Copa com categoria. Depois, não brilhou, mas sempre incomodou” (Thiago Salata), “Um gol bem ao seu estilo, com arrancada e deixando o adversário sentado no chão. E só.” (Zé Gonzalez) e “Fez um [gol] no início, mas depois tocou pouco na bola. Gaúcho e Kaká não aproximavam.” (Maurício Oliveira).

No dia 29 de junho, por problemas na gráfica que imprime o jornal, a circulação foi extremamente limitada, e nem mesmo o setor de administração do *Grupo Lance!* conseguiu providenciar um exemplar para análise. O comunicado abaixo foi publicado na capa da edição número 3152, de 30 de junho de 2006.

A capa do dia 30 trazia em destaque a possibilidade de o meia Zé Roberto, que estava na Seleção Brasileira, ser contratado pelo Fluminense para depois da Copa do Mundo. Em “segundo plano” estava a Seleção Brasileira. Novamente com ironia, o jornal falava do excesso de peso de Ronaldo. A manchete “Fome de campeão” veio acompanhada de uma foto do jogador mordendo uma bola durante um treino da Seleção Brasileira e a legenda “Ronaldo come até a bola!”.

A coluna de abertura do jornal, escrita por Roberto Assaf, relembra a final da Copa do Mundo de 1998, e diz, no título: “Duelo de amanhã [jogo entre Brasil e França] é revanche sim senhor”. Uma foto da decisão de 98 mostra um choque entre Ronaldo e o goleiro francês Fabien Barthez, com a legenda “Ronaldo vai trombar com o goleiro Barthez mais uma vez?”.

A charge também mostra o jogador, e remete à partida contra a França e a um famoso jogo de videogame, conhecido como “Pac Man” ou “Come-Come”. O tal Pac Man é um pequeno

círculo com uma boca, que precisa passar por labirintos e comer pequenas partículas. Atormentado por fantasmas, ele come partículas especiais, que fazem com que eles virem alimentos também. Na charge, o Pac Man tem dentes compridos (como os de Ronaldo) e o fantasma, amedrontado, tem as cores da bandeira da França. As partículas foram substituídas por pequenas bolas.

A propaganda do Guaraná Antarctica exaltando o recorde de gols volta a aparecer. Em uma matéria sobre o atacante francês Thierry Henry, um dos principais jogadores da equipe, Ronaldo é citado várias vezes como um “exemplo” para o adversário. Por fim, ele volta a ser tema de uma carta publicada no *Lance!Activo*. Um leitor recomenda ao jogador que tenha paciência e desculpe aqueles que o criticaram antes de ele marcar os gols que lhe garantiram o recorde.

O *Lance!* do dia 1º de julho foi o último publicado antes da eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2006. Era o dia do jogo contra a França, que a Seleção perderia por 1 x 0. Mais uma vez o Guaraná Antarctica publicou a propaganda exaltando o recorde de gols em Copas de Ronaldo. Na página 12, uma matéria que falou apenas sobre o atacante e a possibilidade de ele disputar a próxima Copa do Mundo (2010, na África do Sul). No *Lance!Activo*, mais Ronaldo: um desenho e mensagens de apoio ao jogador foram publicados.

5.6 OS DIAS APÓS A ELIMINAÇÃO DO BRASIL – À CAÇA DE EXPLICAÇÕES

Com a eliminação do Brasil da Copa do Mundo, a cobertura do torneio diminuiu consideravelmente. Entretanto, o *Lance!* ainda dispensou algumas linhas para tratar o assunto, procurar “culpados” pela derrota e avaliar o desempenho de cada um dos jogadores e da Seleção como um todo.

Em 2 de julho, dia seguinte à derrota para a França, porém, a cobertura da partida ocupou dezesseis páginas do *Lance!*. Ronaldo foi poupado das críticas e das cobranças no primeiro momento, como admitiu e explicou em entrevista o editor-chefe do jornal, Luiz Fernando Gomes (Apêndice 8.1):

Foi poupado porque, mal ou bem, ele bateu o recorde de gols de Gerd Muller, foi o artilheiro brasileiro na competição e demonstrou empenho na partida contra a França. Diferentemente de Roberto Carlos, que estava arrumando a meia, de Ronaldinho Gaúcho, que voltou a se mostrar inoperante, de Kaká, que não viu a cor da bola...

A capa do jornal traz a imagem do meia Ronaldinho Gaúcho, um dos atletas mais criticados após a partida, abraçado pelo francês Thierry Henry, autor do gol que deu a vitória por 1 x 0 aos franceses. A manchete dizia: “Faltou vestir a camisa”, insinuando que os atletas não tiveram espírito de luta durante a Copa do Mundo. Ao lado, mais um editorial, que também criticava a postura dos jogadores:

Poucas vezes uma seleção chegou tão favorita a uma Copa. Ao Brasil caberia apenas cumprir a tabela e, no dia 9 de julho, botar de novo a mão na taça. Esse clima se espalhou pelo país. A imprensa, a torcida, todo mundo entrou na onda. Paulistas, cariocas, mineiros se entregaram à Seleção – ainda que fosse uma seleção de “estrangeiros”, ainda que tenha desde o primeiro dia de treino preferido a frieza dos castelos suíços ao calor do nosso povo. A torcida acreditou. E, em troca, pediu o mínimo: dedicação, raça, amor à camisa amarela. Perder faz parte do jogo. A Argentina, a Inglaterra também voltaram para casa mais cedo. Mas caíram de pé, lutando até o último pênalti. Com certeza, não têm, como a França também não, o talento individual do nosso time. Mas talento não basta para ganhar jogo. É preciso ter vontade de vencer. E vergonha de perder. Numa entrevista ao jornal francês “L'Équipe”, edição de ontem [1º de julho de 2006], perguntaram ao técnico Parreira o que aconteceria se o Brasil perdesse. Respondeu que o sol continuaria a brilhar e que as noites continuariam cheias de estrelas. Foi esse o espírito do tanto faz como tanto fez que se viu ontem em campo.

A coluna de abertura do jornal no dia foi assinada por Carlos Alberto Vieira, e seguiu a linha crítica do editorial. Apesar de Ronaldo não ter sido citado no texto, é uma foto sua que ilustra a coluna. Da mesma forma, em “A Crônica do Dia”, é uma foto de Ronaldo que acompanha o texto, que não fala diretamente sobre ele nem sobre nenhum outro jogador.

O título da matéria que conta a história do jogo remete à situação vivida por Ronaldo no dia da final da Copa do Mundo de 1998, contra os próprios franceses: “Convulsão geral”. Na

coluna do “Doente” Rô Arantes, também é feita a analogia com a convulsão. O texto critica alguns jogadores pela atuação no jogo contra a França, mas não fala de Ronaldo.

O atacante brasileiro é comparado ao meia francês Zinedine Zidane nas páginas 12 e 13, com matérias, estatísticas, fotos e entrevistas de ambos. O jogador da equipe européia já tinha anunciado que a Copa do Mundo seria seu último torneio antes da aposentadoria, e foi eleito um dos melhores jogadores do Mundial, principalmente por suas atuações a partir das oitavas-de-final do torneio.

A nota de Ronaldo na partida foi a menor atribuída pelo jornal desde o início da Copa do Mundo: 3,0. Os comentários, pela primeira vez, trouxeram críticas pesadas. “Um poste! Parado na área, foi presa fácil para os zagueiros. Deu um único chute a gol.” (Zé Gonzalez), “Tocou pouco na bola. Ficou estático entre Gallas e Thuram e procurou cavar faltas.” (Maurício Oliveira) e “Não tem velocidade para ganhar dos zagueiros quando é lançado. Só fez gol em ‘babas’.” (Marcel Rizzo).

No *Lance!Activo* do dia, enquanto as cartas publicadas falando sobre o técnico Carlos Alberto Parreira e sobre outros jogadores tinham tom crítico e de cobrança, as duas mensagens que falavam sobre Ronaldo elogiavam-no. Uma delas, inclusive, dizia: “A Seleção Brasileira, na minha opinião, vai ser sempre o atacante Ronaldo Fenômeno e mais dez na equipe titular”.

O dia 3 de junho marcou o início da volta do *Lance!* à sua estrutura normal. Foi o último dia com “dois diários em um só”, e a partir da edição seguinte, as notícias dos clubes voltaram às primeiras páginas do jornal. “A Crônica do Dia” foi chamada de “A Última Crônica”, e criticou a postura dos torcedores que assistiram à partida contra a França no estádio.

A charge do dia remetia à derrota. O técnico Parreira e os jogadores Cafu, Roberto Carlos e Ronaldinho Gaúcho foram representados com músicos, e cantavam uma versão da música “Epitáfio”, dos Titãs. Enquanto na versão original há o verso “O acaso vai me proteger

enquanto eu andar distraído”, a charge trazia a mensagem “Zidane vai me eliminar enquanto eu jogar distraído”, destacando a excelente atuação de Zinedine Zidane na derrota brasileira.

Uma matéria curta destaca as palavras do preparador físico Moraci Sant’Anna, que disse que os culpados pela derrota não foram Ronaldo e seu excesso de peso. Em outra matéria, o jornal fala em renovação da seleção brasileira, e o título coloca Ronaldo como ícone do grupo que de jogadores disputou a Copa: “Fim da geração Ronaldo?”. O texto adianta que atletas como o goleiro Dida, o lateral-direito Cafu, o lateral-esquerdo Roberto Carlos, o volante Emerson e o meia Zé Roberto deixarão a equipe, mas deixa em aberto a situação de Ronaldo: ele pode ou não sair.

Na página 11, um infográfico destaca os jogadores da Seleção que, na opinião do jornal, se destacaram positivamente, os que se destacaram negativamente e os que “não empolgaram nem decepcionaram”. Todos os atletas e o técnico Carlos Alberto Parreira foram avaliados, e curiosamente Ronaldo foi incluído no grupo dos que “saíram por cima” e dos que “renderam bem menos que o esperado”. A inclusão do jogador no grupo dos que foram bem na Copa do Mundo é justificada pela marca histórica conquistada na Alemanha: “Fez três gols contra as ‘babas’ Japão e Gana, chegou aos 15 e bateu o recorde do alemão Gerd Müller. Porém, deixou a desejar”. Ele decepcionou porque “Tem 1,83m e se apresentou com quase 95kg. Jogou a Copa com mais de 90kg e foi facilmente anulado pelos zagueiros adversários”.

A partir do dia 4, a cobertura da Copa do Mundo no *Lance!* diminuiu em volume de material publicado, mas mesmo assim a participação de Ronaldo na Copa do Mundo tornou a ser destaque, como no dia 6. Uma matéria com chamada com foto na capa do jornal falava sobre os problemas médicos do atacante, e destaca a possibilidade de ele ter atuado durante todo o Mundial com problemas nos joelhos.

No dia 8, o problema nos joelhos tornou a ser destaque. O jogador admitiu que sentia muitas dores, e anunciou que faria uma cirurgia em breve. Foto de um passeio do jogador com sua namorada ilustrou a matéria. No *Lance!Activo*, foi publicada uma charge, enviada por um leitor do jornal, ironizando a atuação do jogador contra a França.

A edição do dia da decisão da Copa do Mundo entre Itália e França (9 de julho), continua procurando explicações para a derrota brasileira. O time que perdeu para os franceses é comparado com o que tinha vencido a Argentina um ano antes, na Copa das Confederações. A troca de Robinho por Ronaldo, que não jogou contra os vizinhos sul-americanos, entrou no grupo das “infelizes modificações”, como classificou o jornal.

Nos dois últimos dias de cobertura da Copa do Mundo (dia 10 de julho, quando foi feita a análise da decisão, e o dia seguinte, com a festa nas ruas da Itália pela conquista do título Mundial), Ronaldo foi praticamente “esquecido” pelo jornal. Entretanto, isso não diminuiu a importância que ele teve para o *Lance!* no período da Copa, como veremos no próximo subcapítulo.

5.7 ESTATÍSTICAS SOBRE A COBERTURA

Ronaldo foi, de longe, o jogador que teve mais destaque no *Lance!* durante a cobertura a Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Mesmo tendo “concorrentes” fortes na disputa por importância dentro da Seleção, como o então Melhor Jogador do Mundo Ronaldinho Gaúcho, e Robinho, que se tornara o “xodó” da torcida brasileira, Ronaldo continuou nas manchetes.

Tudo isso pode ser traduzido por números, que serão mostrados em gráficos neste subcapítulo. Todas as informações que serão mostradas agora foram coletadas nas edições do *Lance!* publicadas entre os dias 7 de junho e 12 de julho de 2006.

Assunto	Quantidade
Ronaldo	7
Assuntos fora da Copa do Mundo	11
Seleção Brasileira	5
Ronaldinho Gaúcho	3
Robinho	2
Final da Copa do Mundo	1
Luiz Felipe Scolari (técnico de Portugal)	1
Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho juntos	1
Ronaldo e Robinho juntos	1
Kaká	1
Fred	1

Quadro 4 – Personagens das capas do *Lance!* durante o período de pesquisa.

Personagem	Quantidade
Ronaldo	9
Carlos Alberto Parreira	7
Zinedine Zidane (jogador da França)	3
Carlos Tevez (jogador da Argentina)	2
Kaká	2
Seleção da Alemanha	1
Luiz Felipe Scolari (técnico de Portugal)	1
Carlos Gamarra (jogador do Paraguai)	1
Ronaldinho Gaúcho	1
Seleção do México	1
Roberto Carlos	1
Robinho	1
Fabien Barthez (goleiro da França)	1
Carlos Alberto Parreira, Cafu, Ronaldinho Gaúcho e Roberto Carlos juntos	1

Quadro 5 – Personagens das charges do *Lance!* durante o período de pesquisa.

Atleta	Quantidade
Ronaldo	10
Adriano	3
Cafu	3
Roberto Carlos	2
Ronaldinho Gaúcho	2
Zé Roberto	2
Robinho	1
Gilberto	1
Emerson	1

Quadro 6– Jogadores da Seleção Brasileira que foram temas de matérias no *Lance!* que não tinham ligação direta com sua atuação na Copa do Mundo durante o período de pesquisa.

Jogador	Quantidade
Ronaldo	25
Carlos Alberto Parreira (técnico)	5
Cafu	5
Ronaldinho Gaúcho	4
Kaká	2
Fred	2
Lúcio	1
Robinho	1
Juninho Pernambucano	1
Gilberto	1

Quadro 7 – Jogadores da Seleção Brasileira que tiveram páginas “exclusivas” no *Lance!* durante o período de pesquisa.

Jogador	Quantidade
Ronaldo	46
Ronaldinho Gaúcho	14
Robinho	14
Juninho Pernambucano	12
Carlos Alberto Parreira (técnico)	9
Kaká	8
Adriano	8
Roberto Carlos	5
Cafu	5
Lucio	4
Dida	3
Zé Roberto	3
Fred	3
Emerson	3
Juan	3
Gilberto	2
Ricardinho	1
Gilberto Silva	1
Julio Cesar	1
Gilberto	1
Rogério Ceni	1

Quadro 8 – Número de fotos de cada jogador da Seleção Brasileira no *Lance!* durante o período de pesquisa.

Jogador	Quantidade
Ronaldo	10
Ronaldinho Gaúcho	2
Adriano	1
Juninho Pernambucano	1
Roberto Carlos	1

Quadro 9 – Jogadores da Seleção Brasileira que foram temas de artigos no *Lance!* durante o período de pesquisa.

6. CONCLUSÃO

O maior e mais importante jornal esportivo do país, cobrindo a principal competição do esporte mais popular do mundo. A Seleção Brasileira tinha 23 jogadores. Entretanto, um deles mereceu maior destaque. Ronaldo foi, de longe, o jogador que mais apareceu no *Lance!* durante a Copa do Mundo de 2006. Seja em fotos, charges ou matérias, ele é o atleta com maior destaque nas páginas do jornal durante o Mundial. Os motivos foram apontados pelos profissionais do jornal, como seu editor-chefe, Luiz Fernando Gomes.

Como vimos nas páginas anteriores, ele foi o assunto principal de nove capas do jornal no período da Copa do Mundo (em duas delas dividindo espaço com outro jogador). Apareceu o mesmo número de vezes nas charges do jornal, e dez vezes foram publicadas matérias sobre ele que nada tinham a ver com futebol. Para se ter uma idéia, o segundo colocado nessa estatística apareceu apenas três vezes nessas condições.

Em vinte e cinco páginas do jornal durante a Copa do Mundo, Ronaldo foi o único assunto. Os outros atletas e o técnico da seleção brasileira somados ganharam apenas vinte e duas páginas “exclusivas”. Os colunistas também seguiram a mesma linha. Quinze artigos exclusivamente sobre um jogador foram publicados. Dez deles falavam de Ronaldo.

O atacante também foi destaque nas fotos. Das 147 fotos publicadas retratando apenas um jogador, cerca de um terço (46) mostravam Ronaldo. E não apenas nas matérias que falavam deles. Em algumas ocasiões ele era mostrado como “símbolo” da equipe brasileira. Suas expressões faciais e seus gestos ilustravam situações que não se referiam diretamente a ele.

Entretanto, é difícil saber o motivo dessa predileção. Ronaldo não era a única “estrela da companhia”. Entre os jogadores da Seleção Brasileira, havia jogadores de mesmo destaque, ou que estiveram até em maior evidência no período que antecedeu a Copa do Mundo, como

Ronaldinho Gaúcho, que tinha sido eleito nos dois anos anteriores o Melhor Jogador do Mundo pela Fifa, e era campeão espanhol e europeu pelo Barcelona. Robinho tinha acabado de se transferir para o mesmo Real Madrid de Ronaldo, depois de se destacar em três anos consecutivos pelo Santos no Campeonato Brasileiro. Ronaldo, entretanto, era o jogador que estava mais perto daquilo que Edgar Morin chamou de “Olimpianos”.

O atacante foi trazido para perto do leitor durante a Copa do Mundo no *Lance!*. Desde o início da cobertura, quando uma simples bolha no pé esquerdo foi destaque na capa do jornal, tudo o que acontecia com o jogador, tendo relação ou não com o futebol, virou notícia. E assim foi com um desfile de lingerie de sua namorada, um passeio dele com ela depois da Copa ou uma visita de sua mãe à concentração da Seleção Brasileira na Alemanha.

A partir do momento que o editor-chefe do *Lance!* admite em entrevista “que qualquer evento que se relacionasse ao Fenômeno, era de interesse jornalístico”, o jornal parece procurar notícias sobre o jogador. O excesso de peso, então, se tornou – com o perdão do trocadilho – um prato cheio.

O tema, claro, merecia destaque, pois o excesso de peso é realmente um grave problema para um jogador de futebol. Entretanto, a forma com que esse assunto foi tratado nos diferentes momentos do Mundial acaba justificando a grande questão desse trabalho: o desempenho de um jogador em campo influencia na forma com que as matérias, fotos, artigos e charges a seu respeito em um jornal são publicados? A resposta é clara: sim. E vamos resumir o que levou a essa conclusão nos próximos parágrafos.

Logo no quarto dia de cobertura, uma reviravolta no caso, que até então estava “frio”. O jogador rebateu as palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, de forma relativamente grosseira. As críticas vieram escancaradas, em um editorial na capa do diário em 10 de junho (texto transcrito no sub-capítulo 5.1 deste trabalho).

O tom crítico foi mantido na matéria do jornal no dia, mas “aliviado”, sem ser esquecido, a partir do dia seguinte. Entretanto, com a proximidade do primeiro jogo do Brasil na Copa do Mundo, as críticas deram lugar a matérias mais leves, que falavam em tom de esperança em uma boa atuação do jogador, afinal, ele estava credenciado pelo fato de ter sido o maior artilheiro da Copa do Mundo anterior.

Com a atuação ruim do jogador na primeira partida, as críticas voltaram, e a questão do excesso de peso teve enfoque diferente mais uma vez. Naquele momento foi apontada como justificativa para o mau desempenho. O discurso foi mantido até a edição do dia da segunda partida do time brasileiro no torneio.

Nova mudança no discurso aconteceu no período que antecedeu a terceira partida do Brasil na Copa do Mundo (contra o Japão). O excesso de peso ainda era tratado de forma crítica, mas em menor intensidade, principalmente por que a atuação do jogador (e da Seleção Brasileira contra a Austrália tinha sido melhor do que contra a Croácia).

Entretanto, no dia anterior ao jogo contra os japoneses, o *Lance!* conseguiu a informação sobre o peso exato do jogador na apresentação à seleção (e quanto seria o peso ideal dele), e o assunto foi tratado com dois enfoques. O primeiro, obviamente, crítico (em matérias e artigos). O segundo enfoque, dado em outras matérias, ao que parece, era uma salvaguarda do jornal para o caso de, mesmo com alguns quilos a mais, Ronaldo ainda se destacar na Copa.

Essa salvaguarda foi usada na edição do dia seguinte. Depois de marcar dois gols contra os japoneses, Ronaldo “provou” que poderia ser útil mesmo se tivesse com alguns quilos acima do ideal. A solução encontrada pelo jornal foi usar o recurso da ironia, com frases como “Vale quanto pesa”, e tentar minimizar a questão. Afinal, depois daqueles dois gols, eles falavam do maior artilheiro da história das Copas do Mundo, até então empatado com o alemão Gerd

Muller. Depois de muito questionado, Ronaldo virou titular absoluto da Seleção Brasileira, na visão do *Lance!*.

No jogo seguinte, então, Ronaldo voltou ao status de ídolo máximo do futebol brasileiro. Para o jornal, o excesso de peso não importava mais. A gordura só era tratada em brincadeiras do tipo: “Ronaldo está com fome de bola”. Os três gols que marcou o deixaram na liderança isolada da lista de artilheiros da Copa do Mundo, e isso fez com que ele fosse ainda mais respeitado pelo jornal. As matérias relativas ao jogo contra a França faziam menção à chance de “revanche” que o jogador teria contra a equipe européia.

Depois da derrota para os franceses, as críticas à Seleção Brasileira no jornal foram pesadas, a começar pelo editorial publicado na capa no dia seguinte à partida (2 de julho). Ronaldo, porém, apesar de ter tido sua pior atuação na Copa na avaliação dos especialistas do jornal, foi poupado das críticas. O editor-chefe Luiz Fernando Gomes justificou o tratamento pelo seu recorde de gols em Copas do Mundo.

Diante disso tudo, duas coisas ficam extremamente claras: a primeira, que já foi dita na entrevista com o editor-chefe Luiz Fernando Gomes, é que tudo relacionado a Ronaldo é notícia. Por sua história no futebol e principalmente pelo sucesso na Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2002, assuntos que não têm nenhuma importância jornalística ganham relevância pelo envolvimento de Ronaldo.

A segunda conclusão está relacionada diretamente ao objeto de estudo desse trabalho. O desempenho de um jogador em campo pode se refletir na forma com que os jornalistas esportivos avaliam outros assuntos que se relacionem a ele (como a gordura de Ronaldo, que teve vários enfoques diferentes durante a Copa do Mundo). Isso fica claro na entrevista concedida ao autor desse trabalho pelo editor de mídias do jornal, e um dos jornalistas que viajou à Alemanha para a cobertura da Copa do Mundo, Carlos Alberto Vieira: “Somos segmentados e isso dá ao nosso

texto uma chance de aprofundamento maior em cada tema. Claro que, para um jornalista esportivo, isso é ‘como sopa no mel’”.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1978 – COPA da Argentina. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/dossies/historia-das-copas-do-mundo/1978-copa-da-argentina.html>>. Acesso em: 21 ago. 2006.

A COPA no Mundo: Ronaldo, Ronaldo e mais Ronaldo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u103640.shtml>>. Acesso em 11 out. 2006.

A HISTÓRIA do Futebol. Disponível em: <<http://www.britishembassy.gov.uk/servlet/Front?pagename=OpenMarket/Xcelerate/ShowPage&c=Page&cid=1145895758161>>. Acesso em: 11 out. 2006.

BELTRÃO, Luis. Jornalismo Opinativo. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CALDEIRA, Jorge. Ronaldo: Glória e Drama no Futebol Globalizado. São Paulo: Editora 34, 2002.

COELHO, Paulo Vinícius. Jornalismo Esportivo. São Paulo: Contexto, 2003.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LANCE!. Edição 1700. Rio de Janeiro: 01 jul. 2002.

_____. Edições 3129/3163. Rio de Janeiro: jun./jul. 2006.

GIORDANI, Joelson. A imprensa nos apaixonou. Disponível em: <<http://giordani.zip.net>>. Acesso em: 22 jul. 2006.

GUERRA, Marcio de Oliveira: Análise da narrativa radiofônica e sua influência no imaginário do torcedor. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2000.

_____. Rádio x TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

HISTÓRIA do Futebol. Disponível em: <<http://www.cybersports.com.br/fhistoria.html>>. Acesso em: 30 out. 2006.

MORIN, Edgar: Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MOSLEY, James. Ronaldo: a jornada de um gênio. Campinas: Verus, 2006.

PERFIL. Disponível em: <http://fifaworldcup.yahoo.com/06/pt/w/player/92699_ROMALDO.html>. Acesso em 11 set. 2006.

POR dentro da Fifa. Disponível em: <<http://fifaworldcup.yahoo.com/06/pt/p/h/fifa.html>>. Acesso em: 02 nov. 2006.

PUNIÇÕES mais duras ao racismo. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=16&id=150>>. Acesso em: 21 set. 2006.

SILVA, Antônio Ozaí da. Nacionalismo, racismo e futebol: razão e paixão. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br/062/62ozai.htm>. Acesso em: 05 ago. 2006.

UM CAMPEÃO sob suspeita. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/copa/2006/historia/1978/copa/>>. Acesso em: 13 set. 2006

VILLAS-BOAS, Sergio (org.). Formação e Informação Esportiva. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

8 APÊNDICE

Seguem as entrevistas realizadas com o Editor-Chefe do *Lance!*, Luiz Fernando Gomes, e com o Editor de Mídias e um dos repórteres escalados pelo jornal para a cobertura da Copa do Mundo na Alemanha, Carlos Alberto Vieira. Foram feitas exatamente as mesmas perguntas, para verificar se havia algum conflito nas impressões de um e de outro.

8.1 Entrevista com Luiz Fernando Gomes, editor-chefe do Jornal Lance!.

Como o Lance! estruturou sua equipe de cobertura para a Copa do Mundo (quantos profissionais estavam envolvidos, em quais redações do jornal, quantos foram à Alemanha...)?

O LANCE! estruturou sua equipe da seguinte forma: destacamos dois repórteres para cobrir os treinos do Brasil, um para fazer matérias de ambiente nas 12 sedes do Mundial e dois para acompanhar os jogos mais importantes da competição. Além disso, formamos um pool com outros veículos de comunicação, como *Olé*, *Mundo Deportivo*, *As*, entre outros, que ampliou o nosso raio de ação. Contamos ainda com o trabalho de colunistas (Paulo Vinícius Coelho, [Pedro] Redig, Armando Nogueira, José Roberto Wright, Roberto Assaf), frilas ([Ricardo] Setyon) e o cronista Bob Fernandes, fora a nossa equipe de retaguada no Brasil.

O Projeto "Copa do Lance!" foi praticamente encerrado quando o Brasil perdeu para a França. A partir daquele momento, a cobertura da Copa do Mundo ficou "normal", ou seja, feita como as dos outros eventos esportivos em geral. Isso estava previsto desde o início?

Mantivemos dois profissionais até o encerramento da competição, mas o espaço destinado ao Mundial seguiu o amplo até a disputa do título. Conservamos inclusive colunas especialmente criadas para a cobertura do evento.

A forma com que o Brasil perdeu (foi quase unânime a impressão de "descaso" e de falta de vontade por parte dos atletas) influenciou de alguma forma na cobertura?

Não. O interesse do leitor pela competição foi respeitado, independentemente do desempenho do time. É claro que, por falta de apelo jornalístico, o espaço foi diminuído. No entanto, com a classificação de Portugal do técnico Felipão às semifinais, justificou-se uma cobertura ampla, até pelo fato da colônia lusitana no Brasil ser considerável.

Havia uma expectativa muito grande em cima do time do Brasil, que era considerado o favorito destacado para a Copa do Mundo. Isso fez com que vocês, de alguma forma, mudassem o planejamento antes do Mundial (em comparação ao que foi feito em 2002, por exemplo, quando a situação era oposta)?

O investimento do jornal foi alto. Editamos guias, almanaques e mandamos uma grande equipe para cobrir a competição, mesmo cientes de que a Copa não é um evento comercialmente lucrativo para uma empresa jornalística, sobretudo para a mídia impressa.

Você, como jornalista esportivo, acredita que a cobertura do esporte se difere das de outras editorias? Os textos são mais carregados de opinião? E você gosta disso ou não?

No caso do LANCE!, os textos são mais leves, curtos e bem-humorados. A opinião fica por conta dos nossos colunistas, leitores e dos doentes (personagens que simbolizam o

fanatismo do torcedor). O estilo se ajusta bem ao público jovem e apaixonado pelo futebol, que é o nosso leitor.

Como foi a circulação do jornal durante a Copa do Mundo? Melhor ou pior do que no período normal?

Essa é uma informação confidencial, porém as vendas foram ruins, a exemplo do que aconteceu com a concorrência. O mau desempenho do Brasil interferiu decisivamente na vendagem.

Agora, falando um pouco sobre o Ronaldo: Ele chegou desacreditado à Copa de 2002, e fez uma excelente Copa do Mundo. A sua expectativa e a expectativa da redação do Lance! era que isso se repetisse em 2006?

Não. A expectativa era de baixo rendimento, até porque publicamos a informação, em primeira mão no Lancenet, que o Fenômeno havia se apresentado com 13 quilos acima do peso. Foi uma surpresa a boa performance.

Ronaldinho Gaúcho era apontado como o favorito para ser o craque da Copa do Mundo. Além dele, havia no time brasileiro outros jogadores de destaque, como Kaká e Robinho. Ronaldo, por sua vez, estava "em baixa". Ainda assim, no período entre 07/06 (quando começou o Projeto "Copa do Lance!") e 02/07 (dia seguinte à derrota para a França) ele foi tema de nove capas do jornal (sete de forma isolada, com assuntos como sua namorada e a bolha do pé, entre outros, e outras duas dividindo importância com Robinho e Ronaldinho Gaúcho). No mesmo período, ele apareceu, sozinho ou em grupo, em

aproximadamente 50 fotos, e foi tema, sozinho, de 25 páginas do jornal. Existe alguma explicação para isso? Por que ele se faz tão importante?

Ronaldo foi personagem pelo que representa no futebol mundial. Foi o artilheiro do Brasil nas eliminatórias, o grande nome do Brasil na Copa de 2002, e ainda estava perseguindo o recorde de gols em Mundiais. É também o astro do Real Madrid. Por tudo isso, qualquer evento que se relacionasse ao Fenômeno, era de interesse jornalístico.

Da mesma forma nas charges: ele foi tema, sozinho, de nove charges no mesmo período. Havia algum tipo de orientação para os chargistas?

Nenhuma orientação. Ronaldo era a notícia e os chargistas não se divorciam da informação.

Sobre a possibilidade de ele estar gordo antes do Mundial: como vocês trataram o assunto? Apuraram com médicos e com a CBF, que chegou a admitir que ele estava realmente acima do peso. E a partir daí? Esse problema era destacado ou minimizado?

A gordura do Ronaldo sempre foi tratada como segredo de estado pela CBF, Real Madrid. Daí a nossa insistência em levantar a questão no Mundial. Foi dessa forma que arrancamos a informação do preparador físico Moracy Santana que ele havia chegado 13 quilos mais gordo.

Mesmo com todos os problemas, Ronaldo se tornou o maior artilheiro da história das Copas do Mundo. Isso, sem dúvidas, traz respeito e admiração. Se fosse outro jogador que estivesse gordo durante a Copa, o tratamento seria diferente do que foi dado a Ronaldo?

É óbvio que o excesso de peso não combina com a figura do jogador de futebol. Teríamos corrido atrás também. No entanto, em se tratando de Ronaldo, pela sua importância para a Seleção, por fazer parte do Quadrado Mágico, a questão mereceu uma repercussão maior.

Quando o Brasil foi eliminado, Ronaldo, de certa forma, foi "poupado" das críticas (não apenas no Lance!). Há algum tipo de justificativa para isso?

Foi poupado porque, mal ou bem, ele bateu o recorde de gols de Gerd Muller, foi o artilheiro brasileiro na competição e demonstrou empenho na partida contra a França. Diferentemente de Roberto Carlos, que estava arrumando a meia, de Ronaldinho Gaúcho, que voltou a se mostrar inoperante, de Kaká, que não viu a cor da bola...

8.2 Entrevista com Carlos Alberto Vieira, edito de mídias do Jornal Lance! e um dos repórteres escalados pelo diário para a Cobertura da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha.

Como o Lance! estruturou sua equipe de cobertura para a Copa do Mundo (quantos profissionais estavam envolvidos, em quais redações do jornal, quantos foram à Alemanha...)?

A definição começou a partir da classificação do Brasil para a Copa, e no fim do ano já se tinha uma equipe mais ou menos definida. Neste momento foram enviados os nomes dos repórteres para confirmar o credenciamento junto à Fifa. Pela divisão inicial, a editoria de São Paulo enviaria dois ou três repórteres (quatro foram pré-selecionados) e a editoria Rio três, incluindo-se aí um fotógrafo e dois repórteres. Com a aproximação da Copa, a equipe foi se ajustando a partir das idéias das pautas especiais e com a inclusão de colunistas, que necessariamente seriam exclusivos do diário. Com isso, a definição ficou: Quatro repórteres

exclusivos - Zé González, Marcel, Maurício Oliveira e Carlos Alberto Vieira. Dois repórteres para matérias especiais – Eduardo Tironi e Jefferson Rodrigues. Um fotógrafo - Julio César. Vários colunistas, dos tradicionais (Paulo Vinícius Coelho) até especialíssimos (Ronaldinho Gaúcho). O fechamento manteve a divisão que começou a ocorrer em 2002. Seleção brasileira fechamento por São Paulo e todas as demais seleções fechamento pelo Rio.

O Projeto "Copa do Lance!" foi praticamente encerrado quando o Brasil perdeu para a França. A partir daquele momento, a cobertura da Copa do Mundo ficou "normal", ou seja, feita como as dos outros eventos esportivos em geral. Isso estava previsto desde o início?

A cobertura teve uma diminuição de páginas sistemática, mas o material sobre a eliminação brasileira ficou forte durante os últimos dias da Copa (vale lembrar que o Brasil caiu na semana final do torneio). Com a eliminação brasileira, a equipe do LANCE! para a final ficou restrita a dois repórteres, um em cada semifinal e, depois, um para cada finalista, o que pode ser considerado padrão em quase toda a imprensa brasileira.

A forma com que o Brasil perdeu (foi quase unânime a impressão de "descaso" e de falta de vontade por parte dos atletas) influenciou de alguma forma na cobertura?

A cobertura foi crítica a partir do momento em que os problemas começaram a ocorrer, como a péssima escolha de Wegguis [cidade da Suíça onde foram realizados os treinamentos da Seleção Brasileira nos últimos dias antes da Copa do Mundo] para início de treinamentos e os problemas que apareceram durante a competição (Ronaldo gordo, quadrado não funcionando, Kaká e Ronaldinho Gaúcho deixando a desejar). A influência dos assuntos factual moldou a cobertura de todos os órgãos de imprensa.

Havia uma expectativa muito grande em cima do time do Brasil, que era considerado o favorito destacado para a Copa do Mundo. Isso fez com que vocês, de alguma forma, mudassem o planejamento antes do Mundial (em comparação ao que foi feito em 2002, por exemplo, quando a situação era oposta)?

O Brasil sempre é visto como o favorito e a Copa é uma competição de extrema visibilidade. O torneio em si já vale o investimento em pessoal. O que ocorreu foi que, durante os meses anteriores à Copa, se imaginou uma cobertura mais diferenciada. E daí surgiu a idéia do repórter intinerante, por exemplo.

Você, como jornalista esportivo, acredita que a cobertura do esporte se difere das de outras editorias? Os textos são mais carregados de opinião? E você gosta disso ou não?

Somos segmentados e isso dá ao nosso texto a chance de um aprofundamento maior em cada tema. Claro que, para um jornalista esportivo, isso é “como sopa no mel”.

Como foi a circulação do jornal durante a Copa do Mundo? Melhor ou pior do que no período normal?

A venda avulsa (nas bancas) dos jornais esportivos durante uma Copa sempre sofre uma queda. Era uma coisa esperada e desta vez não foi diferente.

Agora, falando um pouco sobre o Ronaldo: Ele chegou desacreditado à Copa de 2002, e fez uma excelente Copa do Mundo. A sua expectativa e a expectativa da redação do Lance! era que isso se repetisse em 2006?

A opinião é pessoal. Eu fui à Copa, mas não fiquei na cobertura do Brasil. Porém, Ronaldo passou por problemas físicos e problemas de lesão graves antes do Mundial. Praticamente só voltou aos treinos no Real Madrid dias antes de se apresentar para a Copa. Para complicar, além de fora de ritmo, estava muito acima do peso. Ronaldo é um atacante de muita qualidade e muitos imaginavam que o futebol diferenciado dele poderia suprir o seu mau momento (em relação ao físico). Mas ninguém apostaria nele como um dos craques da Copa. A torcida era para que, pela sua fama e passado, assustasse os rivais e pudesse contribuir para o sucesso brasileiro.

Ronaldinho Gaúcho era apontado como o favorito para ser o craque da Copa do Mundo. Além dele, havia no time brasileiro outros jogadores de destaque, como Kaká e Robinho. Ronaldo, por sua vez, estava "em baixa". Ainda assim, no período entre 07/06 (quando começou o Projeto "Copa do Lance!") e 02/07 (dia seguinte à derrota para a França) ele foi tema de nove capas do jornal (sete de forma isolada, com assuntos como sua namorada e a bolha do pé, entre outros, e outras duas dividindo importância com Robinho e Ronaldinho Gaúcho). No mesmo período, ele apareceu, sozinho ou em grupo, em aproximadamente 50 fotos, e foi tema, sozinho, de 25 páginas do jornal. Existe alguma explicação para isso? Por que ele se faz tão importante?

Ronaldo ganhou três vezes o prêmio de melhor do Mundo e em 2002 fez uma copa maravilhosa, quando ninguém dava nada por ele. Ronaldo, pelos problemas que enfrentou, era uma ótima aposta. Além disso, é um goleador e atacantes sempre estão em evidência.

Da mesma forma nas charges: ele foi tema, sozinho, de nove charges no mesmo período. Havia algum tipo de orientação para os chargistas?

Repito a resposta acima.

Sobre a possibilidade de ele estar gordo antes do Mundial: como vocês trataram o assunto? Apuraram com médicos e com a CBF, que chegou a admitir que ele estava realmente acima do peso. E a partir daí? Esse problema era destacado ou minimizado?

Foi do Lance! a matéria que mostrava que Ronaldo estava 13 kg mais gordo. Logo, era um assunto muito bem apurado pelos dois repórteres que cobriram full-time a Seleção Brasileira.

Mesmo com todos os problemas, Ronaldo se tornou o maior artilheiro da história das Copas do Mundo. Isso, sem dúvidas, traz respeito e admiração. Se fosse outro jogador que estivesse gordo durante a Copa, o tratamento seria diferente do que foi dado a Ronaldo?

Qualquer jogador importante que se apresente fora de forma é notícia. Ronaldo, por ser quem é, acabou tendo muito mais espaço. Mas se fosse um Ronaldinho ou Kaká, certamente eles teriam o mesmo espaço.

Quando o Brasil foi eliminado, Ronaldo, de certa forma, foi "poupado" das críticas (não apenas no Lance!). Há algum tipo de justificativa para isso?

Creio que os únicos poupados foram os dois zagueiros do miolo defensivo e o Zé Roberto. O que acabou sendo lembrado é que Ronaldo, mesmo apagado, fez três gols (que acabaram valendo ao jogador a bola de bronze), nada mais. Mas é importante ter uma coisa em mente. O Brasil perdeu uma Copa e Ronaldo tinha um passado (98/2002) mais reluzente. Não

pode virar o pária se todos os jogadores (exceto a dupla de zaga e o Zé Roberto) também jogaram um futebol aquém do imaginado.